



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
CURSO DE MESTRADO EM PSICOLOGIA**

CARLA EVELLINE DE SOUSA CAMURÇA

**IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DA SECA NA SAÚDE MENTAL DE
MORADORES DE UMA COMUNIDADE RURAL CEARENSE**

FORTALEZA

2014

CARLA EVELLINE DE SOUSA CAMURÇA

IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DA SECA NA SAÚDE MENTAL DE
MORADORES DE UMA COMUNIDADE RURAL CEARENSE

Dissertação submetida à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre. Área de Concentração - Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Verônica Moraes Ximenes.

FORTALEZA

2014

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca de Ciências Humanas

-
- C218i Camurça, Carla Evelline de Sousa.
 Implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores de uma comunidade rural
 cearense / Carla Evelline de Sousa Camurça. – 2014.
 126 f. : il. color., enc. ; 30 cm.
- Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades,
 Departamento de Psicologia, Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Fortaleza, 2014.
 Área de Concentração: Psicologia.
 Orientação: Profa. Dra. Verônica Moraes Ximenes.
1. Saúde mental – Canafístula(Apuiarés,CE). 2. Secas – Canafístula(Apuiarés,CE) – Aspectos
 psicológicos. 3. Pobreza rural – Canafístula(Apuiarés,CE) – Aspectos psicológicos. 4. Psicologia
 social – Canafístula(Apuiarés,CE). I. Título.

CDD 362.20422098131091734

CARLA EVELLINE DE SOUSA CAMURÇA

IMPLICAÇÕES PSICOSSOCIAIS DA SECA NA SAÚDE MENTAL DE
MORADORES DE UMA COMUNIDADE RURAL CEARENSE

Dissertação submetida à coordenação do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Mestre em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Verônica Moraes Ximenes.

Aprovada em: 18 / 12 / 2014.

BANCA EXAMINADORA

Prof.a Dr.a Verônica Moraes Ximenes
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Francisco Amaro Gomes de Alencar
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. Jäder Ferreira Leite
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

Aos que se dedicam à pesquisa como forma de contribuir para uma vida próspera, justa e saudável na região do semiárido nordestino.

AGRADECIMENTOS

Chegou então o momento de agradecer. Afinal a conclusão desse Mestrado não é apenas uma conquista pessoal, pois foram muitas contribuições coletivas para sua realização, e por isso é necessário agradecer a todos os que possibilitaram essa conquista.

Inicialmente, agradeço ao Ser Superior que me deu o dom da vida, a força e a resistência de SerTão determinada ante as escolhas pessoais e profissionais que se mostram como desafio em meu cotidiano. Desde cedo, aprendi a confiar em meu potencial humano, e devo isso ao meu pai, Carlos, pessoa que me deu coragem e apoio para vivenciar a liberdade das escolhas e aceitar as adversidades da vida.

Ao sagrado feminino que habita em mim, que é fortalecido e se renova a cada dia na presença constante da mulher mais importante em minha vida, minha mãe, Maria; mulher que tanto me inspira, meu porto seguro nos momentos em que necessito de colo e de carinho; apoio nos instantes em que preciso apenas de silêncio ou de uma palavra amiga.

Ao apoio constante e o amor incondicional compartilhado ao longo de toda a vida com meus irmãos, Paulo e Henrique. Gratidão às minhas cunhadas, Aedla e Priscila, que juntamente com meus irmãos e sobrinhas alegram o meu viver. Aos sorrisos, carinhos, abraços e muito chamego que minhas sobrinhas Paula Letícia, Júlia e Paula Melissa me oferecem. Gratidão pelas partilhas solidárias, o respeito e a compreensão de minha ausência; espero recompensar em breve com a minha presença.

Ao aconchego do abraço caloroso do meu amor, Rodrigo. Pelo carinho e respeito, pela cumplicidade e pelo apoio, dividindo comigo as angústias e as alegrias desse caminhar com muita amorosidade e que me fortalece cada vez mais. Agradeço à vida que possibilitou nosso encontro. Para você, eu digo sim! E desejo que o amor possa nos unir cada vez mais.

À amizade e às boas vibrações recebidas dos amigos, logo que passei na seleção do mestrado: Virgínia, Raymara, Pe. Rino, Lena, Cláudia, Emanuel Moura, Kamilla, Erika Dayana, Rosiane, Milena, Lutiana, Anna Milena, Silvia, Lara, Rosélia, Fúlvio, Frederico, Bomfim, Pedro Marinho, Inês, Hawilla, Andreia e Solange. Gratidão pela torcida e pelo incentivo que me encorajaram e me fizeram insistir na busca desta vitória.

Ao sentimento de querer bem. À minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Verônica Moraes Ximenes, pela confiança e pela amizade, por ter acreditado e por me fazer acreditar que eu era capaz. Por sua leveza e sensibilidade que nestes quase dois anos de convivência pude desfrutar. Sou deveras grata pela presença constante, não apenas no cuidado e na dedicação orientando este trabalho, mas também por sua generosidade e por seu cuidado para comigo.

Às formas de viver mais belas, justas, simples, amorosas, saudáveis e felizes que o NUCOM oferece aos seus integrantes. Tudo isso modificou meu modo de pensar, agir e fazer. Gratidão aos integrantes passados e presentes pelo acolhimento, pelos abraços, pelos sorrisos e pelo aprendizado que construímos juntos. Em especial, àquelas pessoas que se fizeram mais presentes em minha ausência: Yárita, Chico, Alan, Aparecida, Camila, Larissa, Lívia, Gabi, Mateus, Marília, Janaína.

Ao comprometimento social, ético e político da Psicologia Comunitária e das possibilidades que o Grupo de Pesquisa *Impactos da pobreza no desenvolvimento da saúde comunitária* me proporcionou de refletir sobre teorias e metodologias que pudessem auxiliar a melhoria da qualidade de vida das pessoas que vivem em situação de pobreza. Ao entusiasmo que senti e às vibrações de amizade de Lorena. À inspiração das ideias e dos ideais de Alana. À alegria constante que sempre marcou meus encontros com Elívia. Às trocas afetivas e intelectuais, carinho, cumplicidade e amizade de Alexsandra.

Ao privilégio de conviver e à oportunidade de construirmos conhecimento com o Prof. Jáder Leite, com quem pude refletir direta e indiretamente sobre as questões da Psicologia no contexto rural. Ao encontro da Psicologia com a Geografia por meio das valiosas contribuições que o Prof. Amaro compartilhou.

À oportunidade oferecida pela Escola de Saúde Pública do Ceará – ESP e por acreditar que seria possível aliar trabalho e estudo. À mansidão de Silvia Bonfim. Aos desafios traçados por Jander. À generosidade e à amizade de Emylio, Camilinha, Luciana, Wladia, Salete, Maíra, Roberta, Kilvia, Tamires, Vitória, Iorana, Ricardo, Susyane, Ivina, Dulce, Marcos, Val, Núbia, Caio.

Enfim, devo reconhecer que esta dissertação não teria sido possível sem a participação do Guimarães, Cícero, Inácia, Severina, Rachel e Gonzaga. Gratidão por abrirem as portas de suas casas e partilharem gentilmente comigo suas histórias de vida.

A todos os que contribuíram, direta e indiretamente, para a elaboração desta pesquisa, MUITO OBRIGADA!

“Bem me diziam que a terra se faz mais branda e macia quando mais do litoral a viagem se aproxima. Agora afinal cheguei nesta terra que diziam. Como ela é uma terra doce para os pés e para a vista. Os rios que correm aqui têm água vitalícia. Cacimbas por todo lado cavando o chão, água mina. Vejo agora que é verdade o que pensei ser mentira. Quem sabe se nesta terra não plantarei minha sina? Não tenho medo de terra (cavei pedra toda a vida), e para quem lutou a braço contra a pirraça da Caatinga. Será fácil amansar está aqui, tão feminina.”

(João Cabral de Melo Neto)

RESUMO

A região Nordeste é sujeita ao fenômeno natural da seca em que a população sofre com seus impactos ambientais, sociais, econômicos e políticos, no entanto, a compreensão reducionista da problemática da seca, associada à falta de água, facilita a naturalização dos efeitos sociais da seca. Embora haja uma perspectiva de permanência do ciclo periódico da seca, tendo em vista que é característico do clima semiárido, o grande desafio que se coloca é a desnaturalização do fenômeno. Com suporte na compreensão da seca como fenômeno social e histórico, reconhecemos que suas implicações incidem na vulnerabilidade social vivenciada pelas pessoas nas atividades econômicas que realizam no contato e que estabelecem com o meio ambiente, na vivência de processos saudáveis e de padecimento, e no modo de vida da população. O objetivo geral desta pesquisa é analisar as implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores de uma comunidade rural de um município cearense. Tomando como base a metodologia das abordagens quantitativa e qualitativa, a pesquisa foi desenvolvida na comunidade rural da Canafístula, distrito do Município de Apuiarés, localizado a 134,6 quilômetros da Capital cearense. A etapa quantitativa ocorreu com base na correlação de dados do questionário contendo os instrumentos Escala de Influências da Seca, Instrumento de Pobreza Multidimensional (IPM) e escala de Saúde Mental (SRQ-20) respondidos por 175 participantes. Na etapa qualitativa foi realizada entrevista em profundidade com seis participantes. Percebe-se que as implicações psicossociais da seca na saúde mental estão associadas aos problemas relacionados à insegurança quanto ao futuro, sentimentos de desânimo e tristeza. A insegurança cotidiana vem implicar em mecanismos psíquicos de proteção para o bem-estar dos sujeitos, o que se manifesta no fatalismo e na desesperança aprendida. No aspecto de mudanças da realidade constituídas e dos mitos relacionados ao cenário da seca, foram encontrados dados que demonstram uma redução da migração do campo para a cidade e da evasão escolar de algum membro da família, estando ambos relacionados aos programas de assistência e de previdência social. Apesar dessas mudanças, foi possível perceber a prevalência de transtornos mentais comuns em 36%, ou seja, 63 dos participantes, estimativa um pouco maior do que a dos estudos realizados no Brasil. A proporção segundo o sexo foi de maior prevalência em mulheres. No campo da Psicologia, tendo em vista a crescente interiorização da profissão, percebemos que é necessário pensar as implicações psicossociais da seca em contexto rural nordestino.

Palavras-chave: Seca. Pobreza. Rural. Psicossocial. Saúde mental.

ABSTRACT

The Northeast region is subject to the drought natural phenomenon in which the population suffers from its environmental, social, economic, and political impacts, as a result, the reductionist understanding of the drought problem associated with lack of water facilitates the naturalization of the drought social effects. Although there is a perspective of the drought periodic cycle permanence considering that it is the characteristic of semiarid climate, the big challenge that raises is the denaturalization of the phenomenon. From understanding the drought as a social and historical phenomenon, we recognize that the implications fall on the social vulnerability experienced by people in the economic activities carried out and established in contact with the environment, the experience of healthy processes and ailment, and in the population way of life. The general objective of this research is to analyze the psychosocial implications of the drought in the mental health of a rural community of Ceará municipal district. Based on the quantitative and qualitative approaches, this research was developed in the rural community of Canafístula, a district of Apuiarés, located 134,6 kilometers from the capital of Ceará. The construction process of the quantitative stage occurred in the questionnaire data containing the Scale instruments of Drought Influences, Multidimensional Poverty Instrument (IPM) and Mental Health Scale (SRQ -20) responded by 175 inquired. In the qualitative stage 6 inquired were interviewed. It is understood that the psychosocial implications of the drought in the mental health are associated to the anxiety related problems, discouragement feelings, and sadness. The daily insecurity affects psychic mechanisms of protection for the population welfare, which results in the fatalism and despair. In the reality changing aspect made and associated with myths related to the drought scenery, data demonstrate a reduction in the migration from the countryside to city and school evasion from some family members, both related to the existence of assistance programs and Social welfare. In spite of these changes, it was evident to notice the common mental disruption prevalence in 36%, in other words, 63 of the inquired, are estimated to be slightly larger than the studies carried out in Brazil. The proportion according to the sex, the prevalence was larger in women. In the field of psychology, considering the increasing internalization in the profession, we concluded that it is necessary to think about the psychosocial implications of the drought in Northeastern rural context.

Keywords: Drought. Poverty. Rural. Psychosocial. Mental Health.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– Inter-relação das implicações psicossociais da seca em moradores de comunidades rurais	17
Figura 2	– Roteiro de ida e volta à comunidade rural da Canafístula (Apuiarés – Ceará)	22
Figura 3	– Escassez de água e seca na região	23
Figura 4	– Vegetação típica caatinga	23
Figura 5	– Caminho para a Canafístula	24
Figura 6	– População da comunidade da Canafístula	24
Figura 7	– A resistência da vida	25
Figura 8	– Falta de água para consumo animal	50
Figura 9	– A vida diante da morte	51
Figura 10	– Falta de água para consumo humano	56
Figura 11	– Relação com a terra e a produção agrícola	58
Figura 12	– Cisternas como possibilidade de vida no Semiárido	62
Figura 13	– Modelo de determinantes sociais da saúde proposto por Dahlgre e Whitehead (1991)	70
Figura 14	– O poder divino e a relação do homem com a terra	80

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa que vivenciaram seca, e que estão em situação de pobreza multidimensional, com prevalência para o transtorno mental comum	29
Tabela 2 – Análise estatística descritiva (Frequência) para vivência da seca	44
Tabela 3 – Dados de análise da Frequência da Escala de Saúde Mental – SRQ-20	87

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Quadro metodológico da relação entre objetivos e instrumentos de pesquisa.	20
Quadro 2 – Itens do <i>Self Report Questionnaire</i> -20 distribuídos por quatro grupos de sintomas.....	28

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

NUCOM	Núcleo de Psicologia Comunitária
PRECE	Programa de Educação em Células Cooperativas
IPECE	Instituto de Pesquisa e Estatística Econômica do Ceará
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
SPSS	Statistical Package for Social Sciences
SRQ-20	Self Report Questionare
IPM	Índice de Pobreza Multidimensional
OMS	Organização Mundial da Saúde
TCM	Transtorno Mental Comum
ATLAS T.i.	Qualitative Rearch and Solutions
LOS	Lei Orgânica da Saúde
SUS	Sistema Único de Saúde
CNDSS	Comissão Nacional dos Determinantes Sociais da Saúde
DSS	Determinantes Sociais da Saúde
IPCC	Intergovernmental Panel in Climate Change
PNSIPCF	Política Nacional de Saúde Integral da População do Campo e Floresta

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	14
2	TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA.....	18
2.1	Sobre a pesquisa	18
2.2	Procedimento metodológico.....	25
3	VIVÊNCIA DA SECA NO CONTEXTO RURAL NORDESTINO	32
3.1	Breve relato dos conflitos e resistências camponesas no Brasil	33
3.2	O fenômeno social da seca	40
3.3	Agravamento da pobreza rural no semiárido nordestino	53
4	SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO RURAL NORDESTINO.....	65
4.1	Concepção de saúde e o processo saúde-doença	65
4.2	Implicações psicossociais da seca	76
4.3	A convivência com a seca como estratégia de saúde mental.....	84
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	96
	REFERÊNCIAS	101
	APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	
	(T.C.L.C.) PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	114
	ANEXO A – INSTRUMENTOS QUANTITATIVOS.....	115
	ANEXO B – ROTEIRO DE TEMAS DA ENTREVISTA EM	
	PROFUNDIDADE.....	121
	ANEXO C – RECURSOS FOTOGRÁFICOS OFERTADOS PORÉM QUE NÃO	
	FORAM ESCOLHIDOS.....	122
	ANEXO D – PARECER NO. 191.508	124

1 INTRODUÇÃO

Este estudo foi elaborado com origem na nossa participação no Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM)¹ e da aproximação com o grupo de pesquisa “Impactos da pobreza no desenvolvimento da saúde comunitária: avaliação psicossocial das comunidades do Bom Jardim (Fortaleza) e da Canafistula (Apuiarés/Ceará)”². Os objetivos desta pesquisa foram analisar como a pobreza está presente e se incorpora no desenvolvimento do psiquismo dos sujeitos que vivem nessa situação, mediante seus sentimentos, pensamentos e ações, como também avaliar as influências da pobreza na saúde das pessoas que estão nesse contexto.

Alguns dados preliminares desta pesquisa apontaram sobre a problemática da seca na saúde dos moradores da comunidade rural da Canafistula, o que propiciou a necessidade de aprofundarmos questões relacionadas às implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores desta comunidade rural, haja vista que a periodicidade das secas é um problema que a população nordestina enfrenta secularmente e, desde 2011 até os dias atuais, está vivenciando um período de estiagem que chega a ser considerada como a mais grave dos últimos 50 anos (NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL, 2013), trazendo, além de impactos sociais e econômicos, repercussões para o setor da saúde.

Além desses fatores de disparidade, em 2012 a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (2012) divulgou que a estação chuvosa continuava sendo marcada pela irregularidade, o que culminou, em 28 de maio de 2012, no fato de o governo do Estado do Ceará decretar situação de emergência em 168 dos 184 municípios. Esse decreto foi prorrogado até novembro do mesmo ano, porém com um número de 174 municípios (CEARÁ, 2013).

Em abril de 2013, na Reunião dos Secretários de Saúde dos Estados do Nordeste, que tinha como um dos temas a seca e as repercussões para o setor da saúde, foi elaborada e aprovada pelos secretários de saúde “A Carta do Nordeste”. Nesse documento, há o pedido de recomposição orçamentária da saúde para investimentos em novas ações para enfrentar os efeitos da seca na saúde coletiva da população, assim como a apresentação de uma série de

¹ Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), do Departamento de Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC), criado em 1992 e que tem como objetivo ampliar a atuação da Psicologia Comunitária no tripé ensino-pesquisa-extensão, que caracteriza um núcleo universitário.

² Pesquisa coordenada pela Professora doutora Verônica Moraes Ximenes e financiada pelo MCTI / CNPq / MEC / CAPES através do Edital N°. 07/2011. A pesquisa foi submetida e aprovada no Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará – UFC, por meio do sistema Plataforma Brasil, Parecer N° 191.508. A escolha dos locais se justifica no fato de que ambos são campos de extensão do NUCOM.

sugestões para enfrentar esses problemas, dirigidos aos governos federal, estaduais e municipais (CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE, 2013).

Segundo o Conselho Nacional de Secretários de Saúde (2013), essa Carta caracteriza a situação dos municípios por: escassez de água para consumo humano e animal, ocasionando a dizimação significativa dos rebanhos por total falta d'água; comprometimentos na agricultura irrigada; redução para 50% da capacidade de água de grandes açudes; pequenos açudes completamente secos; aumento do risco de desnutrição aguda e crônica de crianças; risco de aumento da mortalidade materna e infantil; migração campo-cidade; desemprego; aumento do risco de doença mental, particularmente a depressão, pela exposição continuada à destruição de lavouras, rebanhos, pequenos criatórios, terra seca, escassez de água; perspectiva incerta de manutenção de quadro de estiagem, com desastrosas consequências nos próximos anos.

A situação de seca permaneceu inalterada, e novamente, em 22 de maio de 2013, o Estado do Ceará decretou situação de emergência por seca em 175 municípios, por meio do Decreto Estadual Nº 31.214, cuja duração foi de 180 dias. No fim do prazo estabelecido pelo decreto, e “após um levantamento e análise de danos e prejuízos resultantes da seca” (CEARÁ, 2013, p. 18), novamente, em 13 de novembro de 2013, foi publicado no *Diário Oficial do Estado do Ceará*, através do Decreto Nº 31.338, situação de emergência em 175 municípios por 180 dias (CEARÁ, 2013).

Em março de 2014, a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (2012) divulgou que o prognóstico para a ocorrência de chuvas no Ceará demonstrava uma tendência de irregularidade nas precipitações até o mês de junho. Em setembro deste mesmo ano a Fundação Cearense de Meteorologia e Recursos Hídricos (2014) alertou que as precipitações no interior estão diminuindo e que a seca no Ceará tendia a piorar. Apuiarés, município – sede da Comunidade Rural da Canafístula, que é cenário de prática de nossa pesquisa, é um dos municípios em estado de emergência por seca. Essa comunidade rural está localizada há 134,6 quilômetros da Capital cearense e tem características do clima semiárido.

A seca é um fenômeno natural e físico que ocorre frequentemente e com certa regularidade na região Nordeste, podendo se repetir de oito a dez vezes em um século, chegando a se estender por até cinco anos, o que causa problemas de natureza social e política (DUARTE, 1999). A seca é um fenômeno natural, pois sucede em decorrência da própria localização geográfica nordestina, mas seus impactos nocivos no modo de vida da população são de ordem social, porquanto são os aspectos históricos, econômicos, políticos, culturais e

ambientais compartilhados no território nordestino que contribuem para o agravamento das consequências psicossociais da seca na saúde da população que vive em comunidades rurais.

Ao falarmos sobre a pobreza no contexto rural, vale ressaltar que nossa compreensão ocorre da perspectiva multidimensional, especificamente da Abordagem das Capacitações (SEN, 2000) que compreende a pobreza com base nas privações que os sujeitos vivenciam e que os impedem do exercício de suas liberdades. Abrangendo a pobreza ao transpor questões econômicas, incluindo aspectos da renda, da habitação, dos principais bens de consumo, mas, principalmente, das relações sociais, do padrão de vida, do acesso à educação e à saúde.

Com efeito, a problemática expressa nesta pesquisa refere-se à compreensão da seca como problema social e histórico que nos permite o reconhecimento de que suas implicações incidem na vulnerabilidade social vivenciada pelas pessoas, nas atividades econômicas que realizam, no contato que estabelecem com o meio ambiente, na vivência de processos saudáveis e de padecimento, e no modo de vida da população. Destacamos, então, a **pergunta de partida**: como ocorre as implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores de uma comunidade rural?

Nosso **objetivo geral** é analisar as implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores de uma comunidade rural de um município cearense. Os **objetivos específicos** são conhecer os modos de vida desses moradores que vivenciam a realidade da seca; descrever a relação entre modo de vida na seca e a saúde mental desses moradores; e compreender os modos de convivência da seca como estratégia de saúde mental.

Dessa forma, convidamos para a leitura desta pesquisa. Inicialmente, delinearemos a trajetória metodológica definida, constituída em coerência com a fundamentação epistemológica adotada. A sequência obedece o tipo de pesquisa que foi utilizado, a caracterização do local cenário de prática e de observação, a população participante e os critérios para participação neste estudo, os procedimentos metodológicos, e como foram feitas a análise de dados e o procedimento ético da pesquisa.

No desenvolvimento deste estudo, elaboramos uma figura que representa a Inter-relação das Implicações Psicossociais da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1), cuja sua formação segue entre: Seca; População Rural; Agravamento da pobreza; Agravamento na saúde; Implicações psicossociais da seca; Estratégias de convivência com a seca.

Figura 1 – Inter-relação das implicações psicossociais da seca em moradores de comunidades rurais



Fonte: Elaborado pela autora.

A Inter-relação das Implicações Psicossociais da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1) será demonstrada nos capítulos teóricos em que faremos uma reflexão sobre as implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores da comunidade rural da Canafístula. Para isso, faremos uma breve caracterização do território semiárido e das diversidades rurais na região Nordeste, assim como do fenômeno natural seca e suas dimensões psicológicas, sociais, históricas e culturais que caracterizam o modo de vida de moradores que vivenciam a realidade da seca. Depois, apontaremos a concepção de saúde e de como o processo saúde-doença se caracteriza no contexto rural nordestino, assim como questionamentos e inquietações sobre como a vivência da seca e o modo de vida no contexto rural trazem implicações psicossociais no processo adoecimento/sofrimento/saúde mental da população em situação de pobreza.

2 TRAJETÓRIA METODOLÓGICA DA PESQUISA

A trajetória metodológica que utilizamos para alcançar os objetivos traçados na realização deste estudo foi definida em coerência com a fundamentação epistemológica adotada. Neste capítulo, indicaremos o tipo de pesquisa utilizado, a caracterização do cenário de prática e de observação, os procedimentos de cada etapa metodológica, assim como os critérios utilizados para participação neste estudo, a caracterização da população participante e como foi realizada a análise dos dados. Por fim, nos reportaremos aos procedimentos éticos do trabalho.

2.1 Sobre a pesquisa

Com base na complementaridade e particularidades das abordagens quantitativa e qualitativa, integramos ambas as abordagens nesta pesquisa, haja vista a especificidade do estudo. Acreditamos que ambas as abordagens nos permitiram conhecer a realidade e a dimensão social, histórica, cultural e subjetiva da vivência da seca no semiárido nordestino, assim como os aspectos relacionados às condições e ao modo de vida dos moradores da comunidade rural cearense escolhida como centro de prática.

Embora alguns autores tenham atitudes divergentes quanto à utilização de métodos quantitativos e qualitativos, em que alguns referem “[...] que tal integração é impossível porque os métodos se fundamentam em epistemologias contrastantes e suas diferenças não podem ser reconciliadas” (CARVALHO; PEDROSA; AMORIM, 2006, p. 61), no entanto, Minayo e Sanches (1993) e Serapioni (2000) acreditam nessa possibilidade, tendo em vista que ambos os métodos podem focar no mesmo fenômeno. Entendemos, como Carvalho, Pedrosa e Amorim (2006), que, para o desenvolvimento de uma pesquisa utilizando a metodologia quantitativa e qualitativa, é necessário que essa combinação seja feita de acordo com os objetivos e a pergunta da pesquisa.

Com relação às características das abordagens quantitativas e qualitativas, Serapioni (2000) refere que ambas são de naturezas diferentes. Enquanto a investigação quantitativa se refere a dados, indicadores e tendências observáveis, o método qualitativo investiga valores, crenças, representações, hábitos, atitudes e opiniões, porém, esse autor afirma a complementaridade que ambas as abordagens podem ter juntas, pois, sozinhos,

[...] os métodos quantitativos são débeis em termos de validade interna (nem sempre sabemos se medem o que pretendem medir), entretanto são fortes em termos de validade externa: os resultados adquiridos são generalizáveis para o conjunto da

comunidade. Ao contrário, os métodos qualitativos têm muita validade interna (focalizam as particularidades e as especificidades dos grupos sociais estudados), mas são débeis em termos de sua possibilidade de generalizar os resultados para toda a comunidade. (SERAPIONI, 2000, p. 188).

No âmbito da pesquisa em Psicologia, a metodologia quantitativa colabora na obtenção de dados para grandes amostras de pesquisas e, juntamente com a utilização de *softwares* estatísticos, é possível “[...] a mensuração de um grande número de variáveis, estabelecendo as associações interdependentes destas. Contudo, principalmente no campo das Ciências Sociais, nem tudo em uma pesquisa pode ser reduzido a números.” (GEHLEN; SILVA; SANTOS, 2008, p. 34). Segundo esses autores, muito além dos números e dados obtidos por metodologia quantitativa, existe o universo simbólico da subjetividade do sujeito e da cultura, não sendo possível a compreensão apenas mediante a análise de dados quantitativos. Para isso, o uso concomitante da metodologia qualitativa pode facilitar a interpretação dos dados quantitativos.

Como lecionavam Minayo e Sanches (1993, p. 239), tanto a abordagem quantitativa como a qualitativa “[...] são instrumentos de que se serve a Saúde Pública, em particular, para se aproximar da realidade observada. Nenhuma das duas, porém, é boa, no sentido de ser suficiente para a compreensão completa dessa realidade.” A metodologia qualitativa procura enfocar o social e entende que esse é cheio de significados são possíveis de investigação, e o ato de falar é uma matéria-prima dessa abordagem. Para esses autores, são objetos desta abordagem “[...] o nível dos significados, motivos, aspirações, atitudes, crenças e valores, que se expressa pela linguagem comum e na vida cotidiana.” (MINAYO; SANCHES, 1993, p. 245).

O percurso de elaboração de dados desta pesquisa ocorreu desde o do momento inicial de inserção no cenário de prática, em que a trajetória metodológica foi sendo redesenhada e, então, foi possível repensar a proposta dos instrumentos de formulação de dados para que o objetivo de pesquisa fosse alcançado.

No Quadro 1, estão os objetivos geral e específicos relacionados com as categorias desenvolvidas no decorrer desta pesquisa e os instrumentos de coleta de dados.

Quadro 1 – Quadro metodológico da relação entre os objetivos e os instrumentos de pesquisa

OBJETIVOS	CATEGORIA	INSTRUMENTOS
OBJETIVO GERAL		
Analisar as implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores de uma comunidade rural de um município cearense	Modo de vida; Contexto rural; Seca; Pobreza; Saúde Mental.	Pesquisa quantitativa e qualitativa;
OBJETIVOS ESPECÍFICOS		
Conhecer os modos de vida dos moradores de uma comunidade rural que vivenciam/vivenciaram a realidade da seca	Modo de vida; Contexto rural; Seca; Pobreza.	Questionários (Influências da Seca e Instrumento de Pobreza Multidimensional); Entrevista em profundidade
Descrever a relação entre modos de vida na seca e a saúde mental desses moradores	Modo de vida; Contexto rural; Seca; Pobreza; Saúde Mental.	Questionários (Escala de Influências da Seca, Instrumento de Pobreza Multidimensional – IPM e Escala de Saúde Mental – SRQ-20) Entrevista em profundidade
Compreender os modos de convivência da seca como estratégia de saúde mental	Modo de vida; Modo de convivência; Contexto rural; Seca; Pobreza; Saúde Mental.	Entrevista em profundidade

Fonte: Elaborado pela autora.

Como procedimento inicial de apropriação com a temática, realizamos uma busca do tema nas diversas formas de expressão artística, tais como: a literatura, a música, os vídeos e as artes em geral, tanto nacionais quanto regional, sobre a seca na região Nordeste. Da mesma forma, efetuamos um levantamento bibliográfico sobre a temática do fenômeno natural da seca, eventos climáticos extremos, promoção de saúde, saúde mental, adoecimento mental em decorrência de desastres naturais, empregados na elaboração do embasamento teórico deste estudo.

Para aproximação com o local da pesquisa, foram realizadas visitas de campo. Assim como Cruz Neto, Moreira e Sucena (2002), acreditamos que o lugar ocupado pelas pessoas e grupos sociais é o espaço primordial para o desenvolvimento de uma pesquisa, pois é onde há a convivência e a dinâmica da vida cotidiana. Os sujeitos são históricos e sociais, logo, é no local onde vivem que podemos observar as manifestações de intersubjetividade, a relação entre os sujeitos e o meio ambiente, e onde ocorre a interação da população pesquisada e o pesquisador, possibilitando, assim, a formulação de mais conhecimentos. Para esses autores, devemos inicialmente buscar uma aproximação com o local e as pessoas do

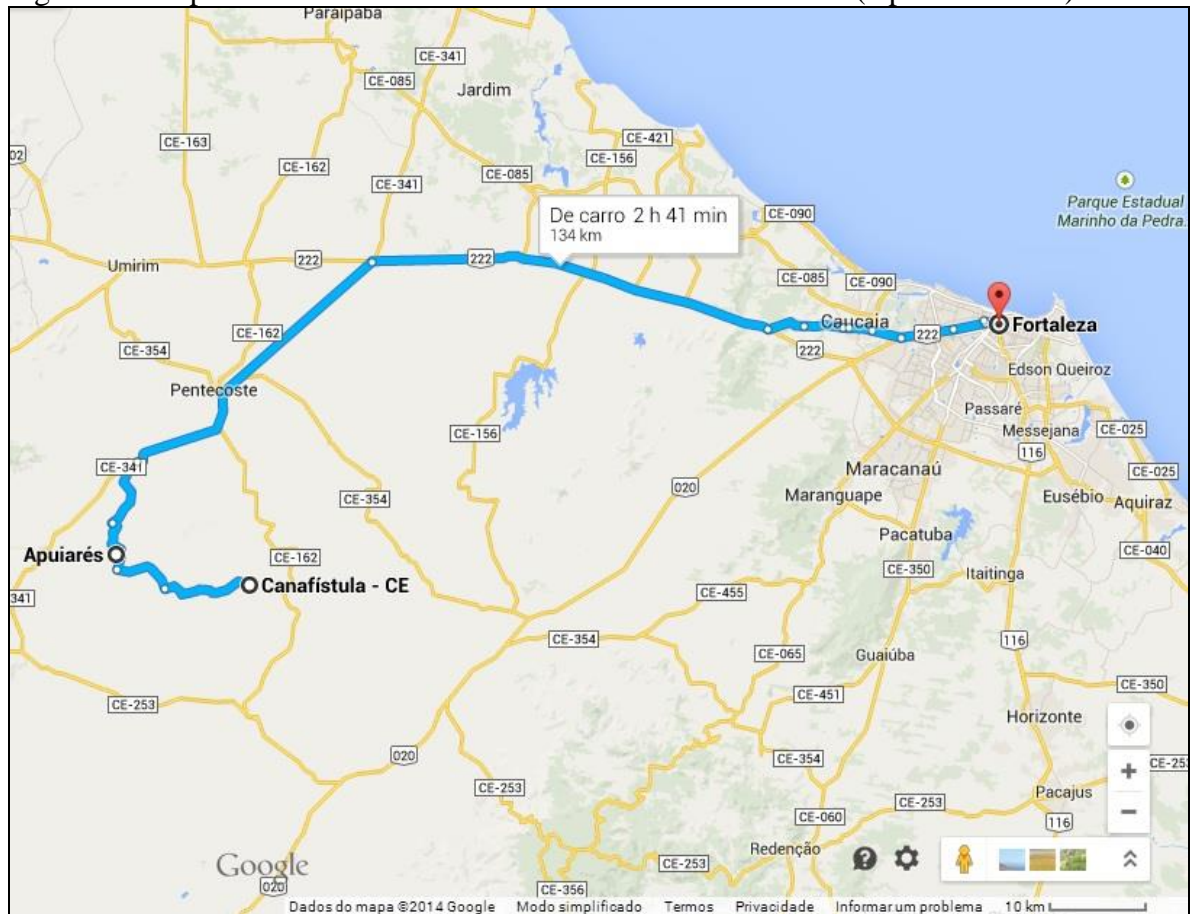
lugar onde a pesquisa será realizada, de forma gradual, e que cada momento possa ensejar a reflexão e avaliação tendo como base os objetivos estabelecidos pela pesquisa.

Conforme estimam Minayo e Sanches (1993), a aproximação com o contexto em que o estudo está sendo realizado nos permite compreender o universo da realidade vivida no cotidiano das pessoas. Demo (2000) entende que, para podermos apreender a realidade do local a ser pesquisado é necessária uma aproximação. Neste sentido, a aproximação com a realidade da prática que realizamos nos aproximou da verdade experimentada pelos moradores da Cafafístula, considerando que queríamos conhecer os modos de vida desses moradores, a vivência da seca e a relação com o processo de saúde/sofrimento mental, assim como os modos de convivência com a seca.

O local de realização da pesquisa foi a comunidade da Canafístula, Distrito pertencente ao Município de Apuiarés. A aproximação com a realidade da Canafístula se deu mediada pela parceria entre o NUCOM e o Programa de Educação em Células Cooperativas (PRECE) desde o ano 2006, e ao qual a pesquisa que motivou este estudo esteve vinculada.

O Município de Apuiarés (FIGURA 2) está localizado a 116 quilômetros da Capital cearense. Segundo o Instituto de Pesquisa e Estatística Econômica do Ceará (IPECE) (2013) encontra-se na microrregião Vale do Médio Curu e tem como municípios limítrofes Pentecoste, General Sampaio, Paramoti, Caridade, Itapajé e Tejuçuoca. De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (2011), sua população total é de 13.925 habitantes, sendo 5.772 na zona urbana, e 8.153 na zona rural. Desses habitantes, 50,79% são homens e 49,21% mulheres. A população é caracterizada como extremamente pobre, haja vista o rendimento domiciliar *per capita* mensal de até R\$ 70,00. Da população pobre, um total de 1.388 pessoas está situada na área urbana, enquanto na área rural são 3.085 pessoas. Com relação aos índices de desenvolvimento, encontramos que o Índice de Desenvolvimento Humano (IDHM) é de 0,618.

Figura 2 – Mapa de ida e volta à comunidade rural da Canafístula (Apuiarés/Ceará)



Fonte: Mapa... (1014).

Com relação às características ambientais, seu clima é semiárido (FIGURA 3) e a região sofre com o fenômeno natural da seca. A vegetação é da caatinga (FIGURA 4), sua pluviosidade (mm) é de 763,1, com temperatura média (°C) de 26° a 28° e seu período chuvoso é de fevereiro a abril (INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA ECONÔMICA DO CEARÁ, 2013).

Figura 3 – Escassez de água e seca na região



Fonte: Autoria própria, em 22 de fevereiro de 2014.

Figura 4 – Vegetação típica caatinga



Fonte: Autoria própria, em 22 de fevereiro de 2014.

Canafístula caracteriza-se por ser uma comunidade do sertão cearense e está localizada a 18,6 quilômetros da sede do Município de Apuiarés e 134,6 quilômetros da Capital cearense. Na Figura 5, trazemos fotografia retirada no trajeto de ida ao local da pesquisa.

Figura 5 – Caminho para chegar a Canafístula



Fonte: Autoria própria, em 22 de fevereiro de 2014.

Vivem nesta comunidade cerca de 2.717 pessoas (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011). De acordo com Gomes (2010), em Canafístula existem equipamentos sociais, como escolas de ensino fundamental e médio, posto de saúde com equipe da Estratégia de Saúde da Família, espaços para prática de esportes, correios e alguns comércios de pequeno porte. A Figura 6 foi retirada durante as visitas domiciliares realizadas para aproximação com a população pesquisada.

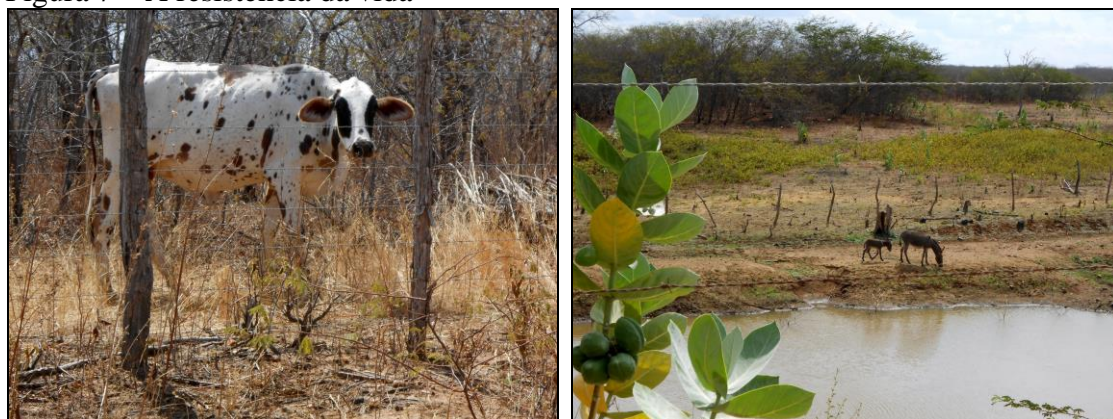
Figura 6 – População da Comunidade da Canafístula



Fonte: Autoria própria, em 22 de fevereiro de 2014.

A renda local provém da agricultura familiar, de benefícios sociais, funcionalismo público e aposentadorias. Atualmente, Canafístula vem se projetando economicamente por meio da criação de caprinos e ovinos. Na Figura 7, no entanto, trazemos fotografias retiradas da resistência da vida dos animais.

Figura 7 – A resistência da vida



Fonte: Autoria própria em 22 de fevereiro de 2014.

Com o intuito de fortalecer a produção familiar local, em 1987, foi fundada a Associação dos Agricultores da Canafístula, composta pelo conjunto de sete lugarejos da região. Também há uma Escola Popular Cooperativa (EPC), vinculada ao PRECE, ação de extensão da Universidade Federal do Ceará (UFC), que tem como intuito contribuir para o desenvolvimento local por meio de atividades na área de educação (XIMENES; LOPES; ALVES, 2008).

Os sujeitos participantes deste estudo foram selecionados do total de 207 moradores da comunidade da Canafístula, que participaram da pesquisa “Impactos da pobreza no desenvolvimento da saúde comunitária: avaliação psicossocial das comunidades do Bom Jardim (Fortaleza) e da Canafístula (Apuiarés/Ceará)”. A seleção dos participantes se deu mediante etapa quantitativa, com suporte na análise de dados já coletados e validados na pesquisa anterior, e que estão armazenados em uma base no pacote estatístico *Statistical Package for Social Sciences* (SPSS) 20.0. O item 2.2 descreve a seleção dos sujeitos que participaram deste estudo de forma detalhada.

2.2 Procedimento metodológico

Especificamente para a análise das implicações psicossociais da seca na saúde mental dos moradores da comunidade da Canafístula, destacamos a utilização de dados já

coletados e validados na pesquisa anterior por meio de três instrumentos (ver anexo A) que contribuíram para a seleção dos participantes nesta pesquisa e, assim, para que seu objetivo fosse atingido, sendo eles: a Escala de Influências da Seca; o Instrumento de Pobreza Multidimensional; e a Escala de Saúde Mental – *Self Report Questionnaire* (SRQ-20).

A Escala de Influências da Seca foi adaptada pelo grupo de pesquisa do NUCOM com apoio em estudos realizados por Favero (2012) sobre a seca e as implicações psicossociais para famílias de agricultores da região Noroeste do Rio Grande do Sul, em que foi utilizado o Questionário sobre Impactos Psicossociais da Seca (FAVERO, 2012). No grupo de pesquisa foi elaborada a Escala de Influências da Seca, a qual se constitui de 11 questões, sendo a primeira decisiva para a resolução das seguintes, portanto, estas só são respondidas por aquelas pessoas que responderam sim.

Essa Escala foi utilizada para selecionar a amostra total de nosso estudo. Neste sentido, ao analisarmos a Estatística descritiva das respostas da primeira questão, que queria saber dos participantes se eles ou suas famílias já passaram por alguma seca, encontramos que 87,9% dos participantes (175 pessoas) responderam sim a essa pergunta: elas ou sua família já passaram por alguma seca. Portanto, a amostra total deste estudo é de 175 pessoas.

Para conhecer o perfil socioeconômico dos participantes desta pesquisa, utilizamos o Instrumento de Pobreza Multidimensional, que conta com 31 itens, composto por dados de controle (características gerais dos entrevistados) e por um Instrumento de Mensuração da Pobreza Multidimensional. Este, por sua vez, tem como base os estudos do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) (2010), Cidade (2012), Picolotto (2006), Avila, Bagolin e Comim (2012), e está dividido em cinco grandes dimensões: educação, habitação, trabalho e renda, saúde e aspectos subjetivos da pobreza. As perguntas são ordinais, nominais e escalares.

Precisávamos, no entanto, mensurar um Índice de Pobreza Multidimensional (IPM), ou seja, encontrar uma média que nos permitisse medir o nível de pobreza das pessoas que vivenciam a realidade da seca. Para isso foi utilizada a metodologia *fuzzy* com amparo nas variáveis do Instrumento de Pobreza Multidimensional. *Fuzzy* consiste em uma perspectiva complexa de converter resultados vagos, abstratos (no caso, informações sobre saúde, educação, trabalho etc.) em resultados numéricos, ultrapassando o sistema binário e dicotômico, que é baseado em verdadeiro ou falso. A lógica se trata de variáveis ordinais, onde há um intervalo [0-1] e cada variável possui um valor mínimo e máximo, com origem em uma função linear diferente do sistema binário e dicotômico, onde 0 = não pertence, ou seja, não está em situação de pobreza multidimensional, e 1 = pertence, ou seja, está em

situação de pobreza multidimensional. Dessa forma, ao analisar o IPM, os valores mais próximos do 1 retratam as pessoas mais privadas, mais pobres. Já os valores mais próximos do 0 (zero) retratam as pessoas menos privadas, menos pobres multidimensionalmente. Assim, é possível mensurar o conjunto das variáveis, suas correlações, chegando a avaliar o nível de pobreza multidimensional da população estudada.

Em nosso estudo, a média do IPM encontrada para a comunidade da Canafístula foi de 0,28 e DP = 0,10 (desvio padrão). Então, criamos uma variável com grupo de pessoas que têm média do IPM igual ou acima de 0,28 e que são consideradas em situação de pobreza multidimensional, e as pessoas que estão abaixo desse valor são consideradas não vivenciando a situação de pobreza multidimensional. Logo, ao analisarmos a estatística descritiva do IPM de 0,28 em nossa amostra, encontramos 53,7% destas pessoas (94 entrevistados) com o IPM igual ou acima da média, logo, estão mais pobres multidimensionalmente.

Por fim, a Escala de Saúde Mental – *Self Report Questionnaire (SRQ-20)*, instrumento elaborado pela Organização Mundial da Saúde (OMS) e validado para uso no Brasil que tem como objetivo avaliar os transtornos mentais ditos comuns, tais como insônia, fadiga, irritabilidade, esquecimento, dificuldade de concentração e queixas somáticas (SANTOS; ARAÚJO; OLIVEIRA, 2009). A escolha desse instrumento se deu pelo fato de o conceito de Transtorno Mental Comum (TMC) se refere a casos que destacam sintomas não psicóticos, que não preenchem características para serem diagnosticados com base no Manual de Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders – DSM IV*) e no Código Internacional de Doenças (CID-10), no entanto, produzem alguma incapacidade funcional nos sujeitos.

O SRQ-20 é uma escala de medida unifatorial que possui 20 questões classificadas em grupos de sintomas físicos e grupos de distúrbios psicoemocionais (diminuição de energia, humor depressivo e pensamentos depressivos). É autoaplicável e contém escalas dicotômicas com respostas que devem ser sim ou não, relacionadas a acontecimentos de no máximo 30 dias passados (SOUZA, 2009). Na validação para o Brasil, Mari e Williams (1986) referem que os melhores valores de sensibilidade e especificidade foram, respectivamente, 89% para homens e 86% para mulheres, e 81% para homens e 77% para mulheres. O ponto de corte para homens era de seis ou mais respostas positivas e para mulheres de oito ou mais respostas positivas.

As orientações seguidas na realização desta pesquisa, no entanto, foi a indicada por Gonçalves, Stein e Kapczinski (2008), os quais entendem que o SRQ-20 é um instrumento de rastreamento de transtornos não psicóticos, portanto, ele não diagnostica. Para

cálculo de prevalência de TMC, utilizamos como ponto de corte escores com valor igual ou maior do que 7 na escala SRQ-20 para ambos os sexos. Nesse escore, conforme os autores, a sensibilidade para presença de TMC é de 86,33% e a especificidade é de 89,31%.

Santos, Araújo e Oliveira (2009) demonstram relações de fatores entre grupo de sintomas e questões da Escala SRQ-20 distribuídos por quatro grupos de sintomas (QUADRO 2).

Quadro 2 – Itens do *Self Report Questionnaire-20* distribuídos por quatro grupos de sintomas

Grupo de Sintomas	Questões do SRQ-20
Diminuição da energia	Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento). Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias. Tem dificuldades para tomar decisões. Sente-se cansado(a) o tempo todo. Tem dificuldade de pensar com clareza. Cansa-se com facilidade.
Sintomas somáticos	Dorme mal. Têm sensações desagradáveis no estômago. Tem dores de cabeça frequentes. Tem má digestão. Tem tremores nas mãos. Tem falta de apetite.
Humor depressivo-ansioso	Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a). Tem se sentido triste ultimamente. Assusta-se com facilidade. Tem chorado mais do que costume.
Pensamentos depressivos	Tem perdido o interesse pelas coisas. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida. Sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo. Tem tido ideia de acabar com a vida.

Fonte: Santos, Araújo e Oliveira (2009, p. 216).

Neste sentido, também definimos uma variável com o grupo de pessoas que responderam afirmativamente sete ou mais questões dentre as 20 perguntas do SRQ-20. Logo esse grupo tem prevalência para o TMC. Ao analisarmos a frequência da variável grupo com prevalência para o TMC em nossa amostra, encontramos 36% (63 pessoas) apresentaram prevalência para o TMC.

Para a escolha dos sujeitos participantes da etapa qualitativa realizamos uma correlação entre esses três instrumentos, ou seja, com estribo na amostra total dos 175 participantes de nosso estudo que vivenciaram a realidade da seca, filtramos aqueles em situação de pobreza multidimensional, tendo sido encontrado o total de 94 pessoas. Dentre as 94 pessoas, foi feita nova filtragem, então para conhecer aqueles que têm prevalência para o

TMC, e chegamos ao número total de 27 pessoas, ou seja, 30,3% da amostra total de nosso estudo estão em situação de pobreza multidimensional e têm prevalência para o TMC.

Para conhecermos o perfil socioeconômico dos sujeitos participantes da etapa qualitativa, utilizamos a análise de frequência do Instrumento de Pobreza Multidimensional, cujo resultado está na Tabela 1.

Tabela 1 – Perfil dos sujeitos da pesquisa que vivenciaram seca, e que estão em situação de pobreza multidimensional, com prevalência para o transtorno mental comum

Sexo	04 pessoas do sexo masculino 20 pessoas do sexo feminino 03 pessoas não especificaram o sexo
Idade	Variaram de 19 a 83 anos A média de idade foi de 43 anos
Religião	92,6% são católicos 7,4% protestantes ou evangélicos
Pessoas atendidas por benefícios do Governo Federal	66,7% são beneficiários, ou tem alguém na família, de algum programa de transferência de renda.
Escolaridade	40,7% estudou 12 anos ou mais 3,7% estudou 10 a 11 anos 14,8% estudou 6 a 9 anos 33,3% estudou até 5 anos 7,4% não estudou
Renda Familiar	11,1% somam entre 3 e 4 salários mínimos 70,4% somam entre 1 a 2 salários mínimos 18,5% somam menos de 1 salário mínimo
Trabalho	44,4% não está exercendo algum tipo de trabalho remunerado

Fonte: Elaborado pela autora.

Como procedimento de coleta de dados, utilizamos a entrevista em profundidade, pois, segundo Minayo (2009, p. 65), “[...] a entrevista funciona como forma privilegiada de interação social, atravessada pela dinâmica das relações existentes na própria sociedade”, em que o entrevistado pode discorrer sobre uma temática proposta pelo pesquisador, fazendo uso de sua singularidade, forma de falar, pensar e agir, sem a intermediação do pesquisador.

O intuito da entrevista foi aprofundar algumas questões acerca do modo de vida, da vivência da seca e da relação entre a saúde e o sofrimento mental, em decorrência da seca, por moradores da comunidade da Canafístula. Para isso, selecionamos seis sujeitos para a realização da entrevista em profundidade. Em seguida, descreveremos o contexto de vida dessas pessoas, no entanto, foram utilizados nomes fictícios que carregam simbologia forte do sertão nordestino. Na sequência, a caracterização desses colaboradores do nosso experimento:

Guimarães, é casado, tem 63 anos e mora com a família. Durante muito tempo trabalhou na agricultura, porém atualmente tem um comércio de venda de alimentos. Estudou por um período de até cinco anos, ou seja, tem ensino fundamental incompleto.

Cícero é viúvo, tem 83 anos e mora com a família. Durante muito tempo, trabalhou com a agricultura; atualmente é aposentado. Estudou por um período de até cinco anos, ou seja, tem ensino fundamental incompleto.

Inácia é casada, tem 49 anos e mora com a família. É dona de casa, ajuda o marido nos trabalhos agrícolas e trabalha com bordados para complementar a renda familiar. Estudou por um período de até cinco anos, ou seja, tem ensino fundamental incompleto.

Severina é viúva, tem 45 anos e mora com a família. É dona de casa, porém tem uma pequena criação de suínos. Durante muito tempo trabalhou com agricultura. Atualmente recebe benefício do programa Bolsa Família que ajuda no orçamento familiar. Estudou por um período de até cinco anos, ou seja, tem ensino fundamental incompleto.

Rachel é casada, tem 60 anos e mora com a família. É aposentada, exerce a função de dona de casa. Durante muito tempo, morou em Fortaleza e só após ficar aposentada foi morar na Canafístula, acompanhando o marido. Estudou por um período de doze anos ou mais, ou seja, tem ensino médio completo ou ensino superior.

Gonzaga é casado, tem 65 anos e mora com a família. Trabalha com agricultura e é uma forte liderança comunitária. Estudou por um período de até cinco anos, ou seja, tem ensino fundamental incompleto.

O roteiro de temas da entrevista em profundidade teve como base os objetivos específicos da pesquisa (ver anexo B). As categorias analisadas na entrevista dadas *a priori*, foram modos de vida, abarcando como subcategorias: sentimento de comunidade, vivência da seca, pobreza e contexto rural; bem como a categoria saúde mental, que, por sua vez, trazia como subcategorias: vivência da seca, pobreza, saúde mental e convivência com a seca. No entanto, outras categorias, no entanto, surgiram *a posteriori*, como: políticas públicas, juventude, trabalho, a relação com a terra e os animais.

Escolhemos utilizar o recurso da fotografia aliada à entrevista em profundidade, pois o perfil dos participantes desta pesquisa variou entre o nível de escolaridade fundamental e médio, sendo o recurso de expressão artística e de linguagem da fotografia que pôde facilitar os “processos comunicacionais e subjetivos” (JUSTO; VASCONCELOS, 2009, p. 771). O diálogo e as reflexões sobre as imagens, realizadas com os seis participantes, fizeram com que pudéssemos perceber os conceitos, impressões e concepções sobre o modo de vida e a vivência da seca no contexto rural, assim como os modos de convivência com a seca dos moradores da Canafístula.

Para a realização das entrevistas, selecionamos dez fotografias retiradas da internet com imagens relacionadas à vivência da seca. Dentre essas possibilidades, foram

utilizadas seis fotografias escolhidas pelos entrevistados, o que facilitou os participantes expressarem seus sentimentos, pensamentos, modos ver e viver, ao qual iremos apresentar ao longo deste trabalho. As outras quatro fotografias estão no Anexo C.

Para análise e interpretação dos dados, utilizamos a Análise de Conteúdo Temática que tem como objetivo “[...] alcançar uma pretensa significação, um sentido estável, conferido pelo locutor no próprio ato de produção do texto.” (BARDIN, 2010, p. 44). Seguimos as três etapas sugeridas de pré-análise, de exploração do material e do tratamento dos resultados obtidos e a interpretação.

Além disso, tivemos o auxílio do *software* para análise qualitativa ATLAS. Ti (*Qualitative Research and Solutions*) 5.2, pois é uma ferramenta da informática que facilita a análise qualitativa de grande número de dados textuais, o que nos possibilitou identificar temas centrais e encontrar várias dimensões cheias de significados que estavam presentes nas narrativas. Consoante Fernandes (2009, p. 39), o ATLAS Ti permite “[...] ao pesquisador armazenar, explorar e desenvolver ideias e/ou teorias sobre os dados coletados.”

A pesquisa foi submetida ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Ceará por meio da Plataforma Brasil e foi aprovado com CAAE: 07810512.3.0000.5054 e Parecer No.191.508 (ANEXO D). Participaram da pesquisa aqueles participantes que aderiram ao estudo por meio do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – T.C.L.E. (APÊNDICE B). Foram explicados a cada participante do estudo os objetivos e finalidades da pesquisa, bem como a metodologia aplicada, a não obrigatoriedade de participação, como também a garantia do sigilo das informações e do anonimato do informante. A pesquisa obedeceu aos parâmetros e itens que regem a Resolução 196 de 10 de outubro de 1996 do Conselho Nacional de Saúde, a qual regulamenta pesquisa com seres humanos.

3 VIVÊNCIA DA SECA NO CONTEXTO RURAL NORDESTINO

O percurso da Psicologia se deu no meio urbano, o que evidencia de certo modo um distanciamento das questões relacionadas ao meio rural. Nobre *et al.* (1998) referem que no ano 1950, já se questionavam sobre a agricultura familiar e a reforma agrária, porém, na Psicologia, pouco se discutiu e se voltou a visão para as pessoas que viviam na área rural, suas lutas, sonhos e intenções.

Existem estudos direcionados para as características rurais sob os aspectos econômicos, produtivos e sociais, porém, ainda são poucos os estudos sobre o desenvolvimento e a vivência da subjetividade no contexto rural (VASQUEZ, 2009). Já é possível perceber maior preocupação por parte da Psicologia Social em pesquisar o modo de vida desta população e refletir sobre as formas de subjetividade no contexto rural (ALBUQUERQUE, 2002; DOMINGUES, 2007).

No Brasil, as questões de democratização do acesso à terra, bem como a demarcação de terras indígenas e das comunidades quilombolas marcaram, e ainda marcam, nos dias de hoje, a história social, política, econômica e cultural de todos os brasileiros, não apenas a população que vive e trabalha diretamente com a terra, como é o caso da população rural. A concentração da propriedade de terras nas mãos de um reduzido grupo de privilegiados sociais produziu a manutenção de condições precárias de vida e da desigualdade social, o que favoreceu a existência de grupos organizados que resistiram, e ainda resistem, lutaram, e ainda lutam, contra a continuação da história de dominação, submissão e desqualificação dos setores populares da sociedade brasileira (LEITE; DIMENSTEIN, 2013).

As questões rurais perpassam desde a

[...] produtividade, passando pela definição de agricultura familiar, sustentabilidade, agroecologia, histórico das lutas e movimentos sociais, violência no campo e conflitos agrários e fundiários, perfil dos assentados, cultura, linguagem, modo de vida, costumes e redes e relações sociais nos assentamentos, chegando à importância da reforma agrária. (VASQUEZ, 2009, p. 859).

Tivemos o desafio de refletir sobre a vivência da seca de moradores da comunidade rural da Canafístula desde a Inter-relação das Implicações Psicossociais da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1, ver p. 17). Iniciaremos contextualização do semiárido nordestino e suas diversidades rurais. Para isso, partiremos de reflexões em torno do processo histórico brasileiro de lutas e resistências dos sujeitos rurais por direito de acesso à terra e à água. Em seguida, apontaremos a caracterização do fenômeno da seca e as

dimensões psicológicas, sociais, históricas e culturais que demarcam o modo de vida de moradores na vivência dessa realidade.

3.1 Um breve relato das lutas e resistências camponesas no Brasil

Desde a colonização portuguesa o nosso País vivencia conflitos étnicos, sociais e ideológicos. Oliveira (1994) refere que, de início, houve a luta dos povos indígenas contra a invasão de seus territórios e da escravidão. Aos poucos, a escravidão indígena foi substituída pela escravidão dos povos africanos, e esses foram trabalhar nas terras de engenho. Por volta do final do século XVI, ocorreu a formação do primeiro território quilombola, cujo maior quilombo da história de resistência foi o de Palmares. Durante todo o século XVII, outros territórios de resistência foram criados por todo o País, onde africanos escravizados, juntamente com alguns índios, trabalhadores livres e/ou marginalizados, viviam nos quilombos e lutavam contra a exploração do cativo.

Na perspectiva de Silva (2006), com a resistência dos quilombos e a necessidade de fazer avançar o capitalismo no Brasil, na segunda metade do século XIX, o sistema escravocrata perdeu força e houve a Abolição da Escravidão em 1888. Foi criada a propriedade da terra, fazendo com que os escravos se tornassem “livres”. Em meio ao capitalismo, no entanto, os antigos senhores de escravos passaram a ser senhores da terra, e, com a chegada de imigrantes europeus, a exploração pelo trabalho continuou, desenvolvendo-se o processo de grilagem de terras e a formação dos latifúndios por meio da Lei de Terras (1850). Essa Lei transformou a terra em mercadoria e somente quem poderia ser dono dela seriam as pessoas que pudessem pagar, dificultando a possibilidade de ex-escravos, agricultores pobres, os posseiros e os imigrantes serem proprietários, cabendo a eles apenas funcionar como mão de obra assalariada. A luta passou, então, a ser não só pela liberdade, mas também pela terra e a água.

Os territórios dos escravos libertos e dos camponeses eram constantemente invadidos por grileiros, sendo a migração ou resistência a solução viável para sobrevivência (MANÇANO, 1999). No Nordeste, essa realidade se configurou de forma diferente, haja vista que a região sofre constantemente com o fenômeno natural da seca. A migração ocorreu para as diversas regiões do País em busca de terras que não fossem cercadas. A luta contra o latifúndio tornou-se marca da história do campesinato brasileiro. Segundo Mançano (1999), a Guerra de Canudos representa o maior exemplo de organização de resistência camponesa do Brasil, e, da mesma forma as Guerras de Contestado, Caldeirão e no Cangaço, pois

contestavam a questão do poder do coronelismo, e foram importante força política que desafiou o poder dominante da época.

Segundo Reis (2006), até o final do século XIX e início do século XX, o Brasil se configurava com grandes dimensões rurais e sistema de produção agrícola, em que o espaço físico e o poder social, econômico e político estavam concentrados nas mãos dos proprietários de terras com lavouras como café, cana-de-açúcar, algodão, borracha, cacau e fumo. As cidades não eram tão importantes quanto o rural, e com a modernidade por via da industrialização (1930), as cidades foram se urbanizando de forma crescente. A migração favoreceu mão de obra barata para o sistema capitalista nos centros urbanos, havendo esvaziamento das áreas rurais. “A produção agrícola tornou-se um setor da produção industrial, o que fez com que as áreas rurais ficassem submissas às exigências do capital urbano-industrial” (REIS, 2006, p. 3).

A persistência do rural no urbano, no entanto, se tornou característica peculiar da América Latina e, em especial, em nosso País, em que há uma continuidade marcante das formas negativas da herança agrária, patriarcal e escravista, perpetuando a dominação tradicional, a pobreza e a subordinação. A velocidade em que se deu o processo de urbanização, por volta do ano 1930 do século XX foi

[...] impulsionada pela introdução de técnicas médicas e sanitárias ocidentais, pelo descarte da mão de obra nos campos, pela extensão rápida da educação no meio rural criando um fosso entre duas gerações e por um intenso êxodo rural motivado pela busca por salários mais altos nas cidades. (BAIROCH, 1992 *apud* FAVARETO, 2006, p. 174).

Isso favoreceu um frágil desenvolvimento econômico e uma superurbanização, sendo possível perceber que o fenômeno de urbanização constituído no Brasil se deu sobre estruturas sociais de subdesenvolvimento.

Em toda a história do Brasil, a população rural composta por pequenos proprietários rurais, arrendatários, posseiros e agricultores sem-terra que dependiam da terra para sua sobrevivência, e que sempre estiveram à margem do poder, aos poucos foram ganhando apoio social a favor da reforma agrária e na luta contra o latifúndio e o monopólio da terra por uma pequena classe dominante.

Consoante Oliveira (1994), nos anos de 1950 e 1960 surgiram as Ligas Camponesas, como forma de organização política dos povos do campo, resistentes a expropriação e à expulsão da terra. A luta camponesa no Brasil ganhou dimensão nacional, assim como dimensionou a questão da reforma agrária como pauta política, porém, com o

período da ditadura militar e empresarial, em que estavam no poder os setores da burguesia formados por latifundiários, empresários, banqueiros e militares, houve um retrocesso quanto às questões agrárias. Foi neste período que aumentou a desigualdade social nas áreas rurais, pois houve o avanço do capitalismo, a modernização da agricultura, maior concentração de renda e de latifúndio para as classes dominantes, enquanto a maioria da população vivia em situação de miséria, o que favoreceu o maior número de êxodo rural do nosso País. Em 1979, nasceu o maior e mais amplo movimento em favor das questões da população rural, o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que trouxe consigo a luta pela reforma agrária e pela conquista da democracia (OLIVEIRA, 1994) que resiste até os dias atuais.

Dos anos 1980 em diante, na medida em que os centros urbanos foram surgindo, houve um esvaziamento das áreas rurais, em que os grandes proprietários de terras passaram a ter o rural apenas como espaço para ganhos econômicos. Nesta perspectiva, Brandenburg (2010, p. 418) assinala que “[...] foram os pequenos proprietários, camponeses ou agricultores familiares que tradicionalmente expressaram um modo de vida distinto da vida urbana [...]”, sendo esses os grandes personagens da constituição do rural. O cenário elaborado por esse autor refere que, com a urbanização do campo, surgiram outras configurações sobre o rural. Ele descreveu três rurais, sendo o rural tradicional, o moderno e o socioambiental, e com isso percebemos o apontamento de uma nova ruralidade.

Na reflexão de Brandenburg (2010), o rural tradicional é caracterizado pela pequena propriedade familiar, pela organização social, pelas relações de vizinhança, de sentimento de pertença e de compadrinamento. A prática econômica predominante é a agricultura para o abastecimento familiar, com técnicas e práticas rudimentares adaptadas aos recursos. Há uma relação direta entre o homem e a natureza. O artesanato, a carpintaria, a marcenaria são práticas tradicionais. É possível falar de uma indústria doméstica e do trabalho nos engenhos de açúcar e cachaça, produção de fubá e farinha. Alguns agrupamentos sociais dispersos uns dos outros e são distantes dos centros urbanos, com limitados meios de comunicação e de locomoção. Esse afastamento é um fator que favorece a precariedade nas condições de vida e a dificuldade de acessar as políticas públicas. Já no rural moderno, em que o rural se integrou à sociedade global moderna, participando das relações comerciais, redefinindo o sistema produtivo da agricultura, que no rural tradicional é artesanal e de subsistência, passa a ser industrial. As famílias que eram caracterizadas no rural tradicional como parceiras, agregadas, colonos e arrendatários têm sua categoria substituída por assalariados, o que favoreceu ainda mais a precariedade da vida rural. O estilo de vida foi

reorganizado e as relações sociais passaram a privilegiar as grandes propriedades rurais, enquanto o pequeno proprietário que não consegue acompanhar esse avanço desperta o sentimento de inferioridade, fragilizando a sociabilidade e a interação com a vizinhança. A relação do homem com a natureza é ajustada à racionalidade do capital.

Ainda para esse autor, o rural tradicional e o rural moderno coexistem e, nesse contexto, não é mais possível pensar em um rural caracterizado por estilo de vida único. Brandenburg (2010) exprime a hipótese de um novo rural, típico das sociedades altamente modernas, reconstituído de forma reflexiva, em que o rural tradicional não foi substituído pelo moderno, foi ressignificado por via da revalorização da natureza, trazendo questões ambientais para a agenda das políticas públicas. É o rural socioecológico, em que o tradicional e o moderno não são opostos, porém fazem parte de uma ruralidade multidimensional. A ideia é de um rural ecológico, que fascina a população urbana por buscar a relação com a natureza. A agricultura não se utiliza dos agrotóxicos, situam-se a agroecologia, a agricultura orgânica, a biodinâmica, a permacultura, de forma sustentável. Pode-se perceber, no entanto, a utilização de processos industriais para modificações genéticas, como, por exemplo, a agricultura biotecnológica. O turismo regional aparece, e desenvolve outras formas de vivenciar o rural.

Nesta perspectiva, para compreender o modo de vida de moradores de comunidades rurais, é necessária uma aproximação com esse cotidiano e conhecer como as relações sociais e as experiências diárias acontecem, como os sentimentos são despertados e qual a percepção esses moradores tem da vida, sendo na comunidade que é possível perceber como a vida cotidiana acontece.

A vida comunitária rural ou urbana implica a existência de um modo de vida próprio, um modo de atribuir significados à realidade, de interagir entre os moradores, de contribuir significados à realidade, de interagir entre os moradores, de construir suas instituições, de viver o cotidiano do lugar dentro de uma lógica (social e simbólica) consciente ou não. Esse modo de viver serve como base social, ideológica e psicológica a cada um dos moradores, assim como de referência para suas relações comunitárias e extracomunitárias. (GÓIS, 2005, p. 64-65).

Para Góis (2005) a Psicologia Comunitária estuda os significados (coletivos) e sentidos (pessoais), conceitos elaborados por Vygotsky, Leontiev e Luria, assim como os sentimentos pessoais e coletivos do modo de vida da comunidade. Busca compreender o desenvolvimento da vida comunitária, tanto nas dimensões sociais, ou seja, da comunidade, quanto nas dimensões pessoais, isto é, dos sujeitos da comunidade. Sendo assim, a Psicologia Comunitária estuda o modo de vida da comunidade e a dialética com seus moradores com

suporte na relação entre o mundo objetivo (a realidade) e o mundo subjetivo (ideal) que está entrelaçada.

Alguns elementos comuns devem ser observados na busca por compreender os modos de vida, entre os quais: o território, a história e os valores compartilhados, assim como o modo de vida social, as representações sociais, os sentimentos de pertença e a identidade social (GÓIS, 2005). Foi necessário, portanto, compreender o espaço social em que a vida cotidiana acontece na comunidade da Canafístula, considerando com suporte na dialética e nas relações subjetivas e objetivas, do real e do simbólico, do tradicional e do moderno, enfim, das mudanças que ocorrem e o surgimento das diversidades rurais. Acreditamos que a realidade psicossocial nordestina/cearense é constituída por elementos que perpassam questões institucionais, econômicas e políticas.

Severina relata sua relação com a comunidade da Canafístula, em que

Aqui, eu trabalho, me dou muito bem nesse lugar, não pretendo sair daqui de jeito nenhum, minha família sempre pejejou pra mim tirar daqui, pra me levar pra Fortaleza, mas eu pretendo viver minha vida eternamente aqui. Enquanto eu tiver vida nessa terra, né? E aqui nessa casa também. Não pretendo sair [...] (SEVERINA, ENTREVISTA).

Neste sentido, concordamos com Cidade (2012), ao referir que os modos de vida estão relacionados com aspectos econômicos, sociais e culturais e que

[...] representam as estratégias de construção de seus cotidianos que vão desde o exercício de atividades laborais, a presença em espaços de esporte e lazer, em grupos religiosos e atividades escolares, até a maneira com que vivenciam o consumismo, o relacionamento entre pares e as possibilidades de diversão presentes na comunidade (CIDADE, 2012, p. 44).

A vida no semiárido nordestino é historicamente marcada, no tempo e no espaço, por histórias que revelam resistência e luta no enfrentamento da pobreza rural e pela democratização e acesso à terra e à água. As relações sociais que se expressam ainda são marcadas por intermédio do poder dominante das classes conservadoras e do patriarcalismo. A política ainda assume uma posição centrada no clientelismo. Para Guimarães, “*esse negócio de política... que na época das políticas todo mundo é bom e quando passa aí é outra coisa*”. Severina narra como a relação política em Canafístula acontece, e traz consigo o discurso de esperança em dias melhores.

Aqui o pessoal trabalha, a maioria são, avanço de política né? [...] É assim, tipo as política, né, os político ajuda né? Dá as mão aquelas pessoas. Aí promete emprego, e tudo, aí se ganha, aquela pessoa tem o emprego garantido. Sempre foi assim, sempre trabalharam assim. [...] quem não trabalha... quem, geralmente, assim, essas pessoas

que nem eu né que... eu já não tenho tanta sorte com política, tu me acredita? Que eu nunca ganhei um real de um político. Meus menino já ganharam, mas eu mesmo nunca ganhei não. Essa dentadura que eu botei, foi prometido por um político e eu tô com ela foi do meu bolso. Num recebi um real dele. E tá guardado pra no dia que ele passar aqui na minha casa. [...] Mostrar isso aqui, você lembra? Num foi do seu bolso não! Então eu não tenho obrigação de votar pra ele sabe? Eu escolho meu candidato, o candidato que eu escolher, que eu simpatizar, vai. Pode ser de quem for. Ah porque eu lhe deu tanto você tem que votar em mim, não! Aí, assim, minha vida sempre é assim. É sofrida, eu não tenho aquilo que eu gostaria de ter ne? Pra minha família e pra ajudar alguém, mas enquanto vida eu tiver, eu tenho esperança; de melhorar ne? (SEVERINA, ENTREVISTA).

A modernização e a industrialização nos espaços rurais não privilegiaram os modos de vida no campo. Podemos perceber, entretanto, com o desenvolvimento capitalista e o surgimento das novas ruralidades apresentadas no Nordeste brasileiro, principalmente nos últimos anos, por meio das políticas públicas sociais de garantia de renda, os pobres rurais estão se inserindo no mercado interno e tendo melhores condições e os modos de vida; ou seja, os modos de vida no sertão rural semiárido mudaram, se reconfiguraram.

O Nordeste é heterogêneo, e se mostra constituído por diversos “nordestes”, com características tradicionais ou modernas. Nepomuceno e Pinheiro (2010, p. 92) referem que “[...] é limitado conceber o Nordeste a partir de estereótipos tradicionais de uma região problemática e homogênea”, sendo esses estereótipos não correspondentes à realidade que a região vivencia atualmente.

Rosa (2012) nos aponta sobre os modos de vida no contexto rural e traz duas categorias: o latifúndio e o campesinato. O modo de vida do latifúndio é expresso por meio de elementos que caracterizam o lucro, sem vinculação com o lugar. O elemento vital é o capital. O campesinato é compreendido como vários elementos que formam um jeito de ser e de viver no contexto rural. Reportamo-nos, nesta ocasião, ao campesinato, que significa um modo de vida camponês, em que a terra é o bem de consumo em que há uma relação de vínculo e afeto com o meio ambiente e, por isso, a resistência e a luta contra o modo de vida do latifúndio.

Outro elemento importante nesse modo de vida é a relação que os camponeses têm com a terra, a família e o trabalho. A terra é, para a população rural local, para o trabalho e para o viver, estabelecendo relações sociais e de afeto com o lugar, os animais e as pessoas. O modo de vida camponês ou da população rural

É uma expressão de resistência ao processo de capitalismo e uma forma de sobrevivência dentro do capitalismo, uma vez que a terra é utilizada também como meio de produção de bens para comercialização, mesmo com a ressalva de que o formato de produção camponesa se difere da latifundiária (capitalista por sua essência). (ROSA, 2012, p. 104).

Abramovay (1992) refere que a categoria campesinato, que traz dimensões do modo de vida camponês, não encontra espaço na estrutura lógica das teorias capitalistas, pois a atividade produtiva dessa categoria não possui um estatuto de trabalho social, da forma como a estrutura capitalista percebe as classes sociais.

Na percepção de Marques (2008), o campesinato é uma classe social e não apenas um setor da economia, uma forma de organização da produção ou um modo de vida. Ela acrescenta que, enquanto houver desigualdade social pela acumulação de capital via latifúndio, “[...] o campesinato permanece como conceito-chave para decifrar os processos sociais e políticos que ocorrem neste espaço e suas contradições.” (MARQUES, 2008, p. 58). Outra característica sobre o modo de vida do campesinato são as relações de subordinação ao modelo social capitalista. A organização da produção no campesinato tem base no trabalho familiar e sua relação com a terra, o trabalho e a família.

Na análise do camponês que vive no semiárido nordestino, realizada por Sousa (2005, p. 46), também identificado como “sertanejo, camponês do sertão”, deve ser feita “[...] a partir do seu imaginário, apreendido pelas representações sociais nos saberes e práticas cotidianas, considerando-as permeadas pelo universo simbólico, pelas categorias e regras pelas quais pensam e vivem sua existência.” A imagem do sertão rural nordestino foi inúmeras vezes representada pelas diversas expressões artísticas tais como na música, na literatura, na poesia e no cinema, o que favorece o imaginário popular sobre os modos de vida no sertão nordestino. Para Albuquerque Jr. (1999), o Nordeste é uma invenção cultural e foi criado com origem nos discursos sobre a região produzidos durante o século XX, em que a imagem que se tem do Nordeste é associada a terra seca, abandonada, marginalizada, em que o povo vive na miséria e na pobreza.

Portanto, o estudo desta categoria psicológica, modo de vida, nos permitiu conhecer a vivência da seca no contexto do semiárido nordestino pelos moradores da comunidade rural da Canafístula. Cremos ser por meio dos modos de vida, ou seja, da vivência, que os moradores de comunidades rurais têm no cotidiano da seca, na convivência das relações consigo mesmo, com os outros e com o meio ambiente, e na influência que a história social e a cultura intermediam a construção da subjetividade, será possível analisar as implicações psicossociais da seca.

Contextualizaremos as ruralidades no sertão nordestino, especificamente na comunidade da Canafístula, e a vivência do fenômeno natural da seca numa perspectiva psicossocial. Entendemos que a seca é um fenômeno natural e que seus impactos incidem na formação social, econômica e política da região, no entanto, também influencia na formação

do sujeito, no desenvolvimento do psiquismo e no modo de vida dos moradores que vivenciam situação de desigualdade, exclusão e pobreza.

3.2 O fenômeno social da seca

O sertão nordestino foi caracterizado de forma crítica por Josué de Castro (1964/1984) em sua obra clássica, “*Geografia da fome: o dilema brasileiro – pão ou aço*”, sobre a geografia alimentar do nosso país. Para esse autor, o sertão do Nordeste foi caracterizado por possuir grandes latifúndios em que desenvolveu sua formação econômico-social nas fazendas dos coronéis, por meio da pecuária, da agricultura de subsistência e do pastoreio nas terras secas distantes do litoral, cujo clima característico é o semiárido³. A região é sujeita ao fenômeno natural da seca, em que a população sofre penosamente seus impactos ambientais, sociais, econômicos e políticos, porém, ele enfatiza que “[...] a seca não é o principal fator da pobreza ou da fome nordestina” (CASTRO, 1984, p. 247), mas sim a monocultura, o latifúndio e a exploração dos recursos naturais. Acrescenta ainda que, por conta da periodicidade das secas, o sertão nordestino produziu um vasto contingente de mão de obra barata para as diversas regiões do País por meio das migrações da população flagelada em busca de sobrevivência.

Segundo a Articulação no Semiárido Brasileiro (ASA) e o Ministério da Integração Nacional, o semiárido brasileiro corresponde a 18,2% do Território Nacional, em uma área de 982.566 km², com abrangência em 1.133 municípios (ASA, 2009). Embora haja essas características, a região semiárida do Brasil é a mais chuvosa do Planeta, e, mesmo assim, em nenhum outro tem condições tão precárias.

O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011) divulgou que no semiárido nordestino vivem cerca de 22 milhões de pessoas (13% da população brasileira), que representa 46% da população nordestina cuja concentração maior é encontrada nas áreas rurais. Isto é um fato preocupante, já que essa região é marcada pelo fenômeno natural da seca e, desde o período colonial até os dias atuais, esse fenômeno aparece como elemento responsável pelos problemas sociais na região. A Inter-relação das Implicações Psicossociais

³ Na da Constituição Brasileira de 1988, no Art. 159, foi constituído o conceito técnico de semiárido como a região com precipitação pluviométrica média anual igual ou inferior a 800 mm (SILVA, 2006). Essa região tem características áridas, variações de chuva, imprevisibilidade das precipitações pluviométricas, déficit hídrico, solos pobres em matéria orgânica, períodos secos e com elevada temperatura local, o que caracteriza a aridez sazonal. A evaporação ocorre três vezes maior do que a precipitação. Com relação à natureza, esta é rica em biodiversidade, tendo o bioma da caatinga como exclusivo de nosso País. A vegetação, geralmente com espinhos e caducifólias, é constituída por espécies tais como as lenhosas, cactáceas, bromeliáceas e pequenas herbáceas (MALVEZZI, 2007).

da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1, ver p. 17) tem início com a naturalização da problemática social da desigualdade, exclusão e pobreza na região Nordeste como sendo decorrente do fenômeno natural da seca.

Ao historicizar as condições de vida dos moradores e as diversidades rurais do semiárido nordestino, reconhecemos que a região Nordeste é marcada pela desigualdade, exclusão social e pobreza desde o período colonial até os dias de hoje, assim como o fenômeno natural da seca não é o único responsável por essa realidade. Embora haja, contudo, uma perspectiva de permanência do ciclo periódico da seca, o que assegura sua definição como processo natural – o grande desafio expresso é a desnaturalização do fenômeno.

Historicamente, a população nordestina sofre com o fenômeno natural da seca e desde sempre o discurso da seca se refere à falta de água. Ainda é possível perceber no relato dos entrevistados o fato de que o fenômeno climático da seca está fortemente relacionado à falta de água. Para Guimarães, a seca ocorre *“por que não chove, não choveu aí é seco, né?”*. No discurso de Cícero a seca ocorre *“quando não há inverno, sabe, quando não há inverno pra fazer a gente comer... a seca que nós chama é essa. Seca né, é que não há chuva pra fazer legume aí é seca, né?”*. Na percepção de Severina o período atual em que estamos vivendo, *“que num tem um inverno, que falta a chuva. Aí falta a chuva, falta tudo. Falta a comida pro bicho, falta o plantio que a gente planta, os legume, né?”* é de seca.

Severina: A seca atinge não é só o sertão, né? Atinge é geral, né, por que Fortaleza, falta água, né? E é por que chove quase todo dia lá, né?

Entrevistadora: Não! Não chove todo dia.

Severina: Agora não choveu muito não, né? Esses ano. Pois é! mas sempre chove, né? Nesses lugar assim. A gente vê os desespero de água, se acabando cidade e tudo, mas assim mesmo o pessoal ainda sofre, por que é... a população grande, né? Cidade grande, né? Mais isso aí, né? é Fortaleza. Essas coisa, é difícil espaço pra fazer armazém d'água, né? Por que o pessoal só quer fazer casa, né? uma em cima da outra, quintal é só umas coisinha réia de nada, aí pronto, né? Os armazém que tem é caixa d'água lá no banheiro. Aí fica difícil pra população viver com falta de água, né? Demais mesmo. (ENTREVISTA).

Outras percepções sobre o fenômeno natural, no entanto, foram encontrados em nossos entrevistados quando relataram que a seca não ocorre apenas na região Nordeste:

Rachel: E isso não acontece só no Ceará, por que esse ano os outros estados... São Paulo, teve uma entrevista com um senhor que eu vi né, vi dizendo que há setenta anos de vida nunca tinha visto uma situação dessa de que não tinha água nem pra escovar os dentes. São Paulo, né? Por que eu lembro que tinha até uma música aí que os nordestinos ia pra São Paulo por que... o nordeste eu não lembro... Tava lembrando essa semana da música, mas não cheguei nem a me lembrar, só me lembrei assim, né? Ia pra São Paulo a procura de melhora, né? No nordeste, num sei que ano foi isso, mas deve fazer muitos anos, que essa música é velha. A causa da seca no Nordeste e agora São Paulo tá vivendo a mesma coisa né... praticamente. (ENTREVISTA).

Ainda na fala de Severina, percebemos que ela associa o que falta no período de seca à fartura do período chuvoso: *“Tudo isso dá, né, no inverno. E se não tiver inverno, aí falta água pros ri, né?”*. Para Rachel, a seca *“é assim a falta de chuva, as pessoas não conseguem o plantio, né? Pra plantações conseguirem sobreviver... caso do milho, do feijão, essas dificuldades”*. Inácia inicialmente nos disse que não sabia o que era uma seca e que deveríamos conversar com seu marido, ele sim saberia nos responder. Logo depois nos respondeu, *“sendo que eu acho assim, quando não tem um inverno, né? Ai num tem nem como fazer nada, né? Não ter água, né? Ave Maria! e agora né nós atravessando esse inverno com pouca coisa mesmo”*.

Santos *et al.* (2012) referem que a definição de seca no Nordeste brasileiro não é aceita em comum acordo, tanto por parte dos pesquisadores, quanto da população em geral. Com suporte nas percepções de cada um e da sua realidade, que é possível se definir a seca. Para Duarte (1999), a seca é um fenômeno natural e físico que ocorre frequentemente e com certa regularidade no Nordeste. Pode-se repetir de oito a dez vezes em um século, e, em algumas vezes chega a estender-se por até cinco anos, causando problemas de natureza social e política.

Para Mendes (1997 *apud* KHAN *et al.*, 2005) no semiárido nordestino existem dois tipos de seca: a estacional e a periódica, esta última se mostrando de três formas: total, verde ou hidrológica. A seca estacional ocorre todos os anos nos períodos de julho a janeiro. Já a seca periódica se expressa como seca total, sendo esta a mais preocupante, pois se caracteriza pela falta de chuvas e impossibilidade de produzir na agricultura. A seca verde se apresenta pela escassez de chuvas ou com chuvas em um curto intervalo de tempo. Na seca hidrológica, a quantidade de chuvas é mínima e a precipitação anual é inferior à média esperada do ano.

Carvalho (2012) traz a ideia de seca social e exprime elementos variados sobre a seca e seus impactos nos seguintes aspectos: sociais, que afetam as pessoas com relação à saúde, educação, emprego e migrações; econômicos, referindo-se aos prejuízos causados sobre a economia em geral (a arrecadação, a produção agrícola, a pesca interior e os gastos governamentais em programas emergenciais); institucionais, relacionando às mudanças das instituições públicas que executam programas de convivência com a seca, sejam eles assistenciais e/ou de desenvolvimento; políticos, no que diz respeito às consequências que o fenômeno da seca traz sobre os processos decisórios que os agentes públicos e privados encontram como forma e procedimentos para enfrentar os problemas relacionados à seca; e

ambientais, em relação com as alterações que a seca provoca no meio ambiente em geral, como no solo, na água e na vegetação.

Durante muito tempo a solução política foi a construção de grandes obras de acumulação de água, em que poucos proprietários (os ricos) tinham o privilégio e eram favorecidos em suas propriedades, utilizando recurso público oferecido pelo Governo. As relações sociais, econômicas e políticas sempre foram perpassadas por troca e submissão, e essas ações foram conhecidas como a “Indústria da Seca” (NOBRE, 2010, p. 7).

Entre as diversas características do que conhecemos como “Industria da Seca” encontram-se as ações governamentais de desenvolvimento da região Nordeste que foram implantadas na intenção de “combater a seca” na região. Entre essas ações, a criação do Departamento Nacional de Obras Contra as Secas (DNOCS), que tinha como finalidade realizar obras e desenvolver ações em situação de emergência. Em 1957, foi criada a Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste (SUDENE) que encontrou como solução da problemática da seca a modernização agrícola e pecuária. Nesta perspectiva de “combater a seca”, é possível perceber que historicamente essas ações fizeram parte de uma visão reducionista e fragmentada da seca, reforçando o poder das oligarquias e das elites dominantes (SILVA, 2007).

Para Andrade (1985, p. 7), é necessário “[...] desmistificar a ideia de que a seca, sendo um fenômeno natural, é responsável pela fome e pela miséria que dominam na região.” A questão da seca não é a falta de água, o que falta é sua divisão correta. O último censo agropecuário realizado pelo IBGE em 2006 apontou dados de aumento da concentração de terras nas mãos de grandes proprietários rurais, fazendo com que a história se perpetue (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009). Devemos, portanto, desmistificar a ideia de que a seca, sendo um fenômeno natural, é a responsável única pela fome e pela miséria que domina a região Nordeste.

O determinismo geográfico nordestino fundamenta o discurso da seca e a associação de que a natureza é a única responsável pela miséria que atinge esta região. Percebemos que a fala de Inácia transmite essa condição naturalizante do fenômeno da seca: *“Num sei, acho que as coisa da natureza mesmo. Sei não, disso daí não sei explicar não [...] Eu acho que... sei não, a seca é coisa da natureza!”*.

Esse discurso exerce um poder sobre a população e justifica os impactos sociais por meio de acontecimentos regidos por leis implacáveis e que sempre irão se repetir, sem que nada possa ser feito (RIBEIRO, 1999). Carvalho (1988) e Castro (1992) mostram que o

discurso sobre a naturalização dos problemas sociais causados pela seca está ligado a estratégias das oligarquias regionais na manutenção do poder e da riqueza.

No imaginário popular, a visão que se tem do semiárido nordestino tem como característica intrínseca a terra ressequida, a vegetação sem vida, os animais deflagrados e o flagelo humano, o retirante fugindo da terra natal e/ou do preguiçoso que suga verbas do Governo, ou seja, como uma região-problema (RIBEIRO, 1999). Castro (1967) refere que a seca se tornou uma vilã do drama nordestino, em que a principal imagem que se tem desta região é de “[...] uma terra estorricada, amaldiçoada, esquecida de Deus.” (CASTRO, 1967, p. 168).

A realidade vivenciada pelos sujeitos participantes deste estudo é apontada na Tabela 2, em que trazemos os dados obtidos da Escala de Influências da Seca, relacionadas aos aspectos objetivos e subjetivos da seca.

Tabela 2 – Análise estatística descritiva (Frequência) para vivência da seca

	Sim		Não		Total
	F	%*	F	%	F
2. Sua família necessitou em algum momento modificar planos ou projetos em função de uma seca?	111	63,8	63	36,2	174
3. Sua família se encontrou em algum momento endividada como consequência da seca?	81	46,8	92	53,2	173
4. Experimentar - Falta de água para consumo humano	72	41,4	102	58,6	174
5. Experimentar - Falta de água para consumo animal	95	54,6	79	45,4	174
6. Experimentar - Perdas na produção	163	93,7	11	6,3	174
7. Experimentar - Insegurança quanto ao futuro	138	79,8	35	20,2	173
8. Experimentar - Sentimentos de desânimo e tristeza	144	83,2	29	16,8	173
9. Experimentar - Dificuldades relacionadas ao sono	75	43,1	99	56,9	174
10. Saída do campo para a cidade de algum membro da família	68	39,3	105	60,7	173
11. Saída de algum membro da família da escola	23	13,2	151	86,8	174

Fonte: Elaborado pela autora.

*Foi considerado apenas o percentual válido.

Foi possível perceber 63,8% (111 pessoas) afirmando que sua família necessitou em algum momento modificar planos ou projetos em função de uma seca. Encontramos na fala dos entrevistados histórias de pequenos proprietários que se desfizeram de sua terra e de animais na necessidade de sobreviver. Gonzaga fala da primeira seca que viveu aos dez anos de idade.

Foi em 58. E nesse tempo foi, assim, não choveu... não choveu nem o tanto que tá chovendo agora nesses últimos quatro anos, sabe? Nesses últimos quatro anos chove pouco, mas chove, né? Que no 58 não choveu nada, [...] as folha, não tinha essas folhazinha que a gente viu esse ano, sabe? E aqui a gente tinha um gado, tinha ovelha e tinha animal e foi preciso tirar tudo, num sabe? Botemo os gado pra praia, lá pra Paraipaba, botemo a criação dos animais aqui pro município de Caridade, por que lá deu uma chuvinha que deu um pastozim. E aqui nós ficemo. [...] Então, nesse tempo, ninguém apanhou um litro de feijão, nem quebrou uma espiga de milho. [...] Isso foi... era uma coisa muito difícil, mas aquelas pessoas que tinham os animais ali, eles vendiam os animais, vendiam alguns animais pra se manter e aqueles que não tinham, houve umas frente de serviço, o governo botou umas frente de serviço e eles trabalhavam. (GONZAGA, ENTREVISTA).

A família sem-terra ou com poucas posses, durante muitos anos, teve que migrar para outras terras e viver à custa da caridade do dono da terra. Severina relatou que nos anos de seca sua família precisou trabalhar longe de onde moravam, *“distância de meia légua, a pé e com fome. Trabalhava, saía bem cedo, bem cedo, umas seis horas e chegava cinco horas da tarde. Só com a merenda que a gente levava, né, uns pedacim de rapadura, que nesse tempo era rapadura, né?”*, em uma terra cedida onde a produção era dividida com o dono da terra, onde pagava uma renda de 50% da produção, conhecido como renda de meia.

Foi sofrido demais, foi marcante demais, pra mim, esse quatro anos de seca. Desse jeito! e ainda era pra agradecer nós ter encontrado essa pessoa que deu o terreno pra nós plantar, por que era em croa, sabe? Ai na croa, dava. Nos barro, assim, num dava não. Só dava em croa [...] trabalhava aí a gente tirava uma parte pra ele, né? Pro dono da terra. E ai foi bom demais. E assim né, o movimento do trabalho, fora isso ai meu pai trabalhava nos serviço do açude, o dinheiro eu acho que era uns 50 reais, assim, nessa época, que ele ganhava. Eu sei que a gente só comia, mesmo, arroz. Arroz com ovo, sardinha... só isso. Outra coisa, não podia comprar. Foi muito, assim, dependia de nós tudim em casa. (SEVERINA, ENTREVISTA).

Embora na pesquisa tenhamos encontrado o dado de que em nossa atualidade 60,7% (105 pessoas) responderam que não houve saída do campo para a cidade de algum membro da família. Inácia relatou que uma solução para a problemática da seca vivenciada por ela foi partir para as grandes cidades em busca de oportunidade, pois, mesmo tendo iniciado aos dez anos de idade a ajudar os pais no serviço da roça, com 14 anos, foi morar com uma tia na Capital cearense.

Entrevistadora: o que houve que você foi morar em Fortaleza?

Inácia: foi pra ver se eu aprendia alguma coisa pra estudar, os estudo, né? Sempre o tempo era pouco também. Quase não aprendi a estudar, né? Trabalhava mais era ajudando minha tia na casa dela.

Entrevistadora: E não podia ficar?

Inácia: Tinha que ir, né? Por que lá em casa era muita gente e tinha que ajudar uns os outros. Na roça não dava quase mais pra gente ganhar alguma coisa, né? [...] É por que a gente num tinha mais com quê ganhar o dinheiro da gente. O trabalho muito difícil, a vida de agricultor é muito difícil, né fácil não! Na época que eu ajudava o pai e a mãe, a gente num tinha né... o governo não tinha esse... esse

benefício pra gente. [...] Alimentação mal... Papai colocava o milho de molho aí moía o moinho e fazia aquele cuzcuz e comia com rapadura, com café. E ia atravessando... (ENTREVISTA).

Rachel também relatou que na infância passou um tempo morando na casa dos patrões de seu pai, no entanto, conta outra vivência diferente da que Rachel teve.

Meu pai era tipo vaqueiro, né? Tomava conta da fazenda deles. Aí eu fui morar com eles... Lá eu tinha uma vida muito boa, né? Por que muitas vezes as pessoas vão assim morar na casa de alguém pra servir de escrava e eu não, né? Pelo contrário, eles tinha empregada, né? E eu era só pra ser como a filha deles. E lá não tinha muito essa dificuldade não, mas onde o meu pai estava que era numa localidadezinha pequena, também, o rio secava e a água lá, quando eu ia pra lá eu chorava pra não ir pra casa do meu pai devido a vida que eu tinha, né? Meu pai, família humilde, né? Então a gente via uma água essa cor aqui, no chão [...] Muitas razões eu também não gostava nem de ir pra lá. (RACHEL, ENTREVISTA)

A realidade atual, entretanto, se configura de outra forma. O Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2011) revelou que o número de pessoas morando nas áreas rurais diminuiu, porém, se compararmos às décadas anteriores perceberemos que em um ritmo menor. Para Cícero, no entanto, o êxodo rural ainda é hoje uma solução contra o empobrecimento, pois

Se o governo não fizer poço como estratégia para a seca, eu acho que muita gente ia se mudar daqui pra outro canto, porque sem ter água, água pra beber tá certa, mais fácil eu sei, a gente compra, beber nas garrafa. Mas pra lavar e tomar banho essas coisa, uma coisinha e outra num tem condição de viver aqui não. (CÍCERO, ENTREVISTA).

Percebemos em nossa pesquisa um dado relevante de que houve uma diminuição do endividamento pelas famílias rurais, pois 53,2% (92 pessoas) responderam que sua família não se encontrou em algum momento endividada em função de uma seca. Cícero, porém, narra o sofrimento que ele e outros agricultores já passaram nos longos períodos de seca, em que, para diminuir as perdas na produção agrícola, uma das possibilidades era o endividamento, pois,

Pra fazer a vazante nós fazia um empréstimo, sabe? com governo, esse empréstimo vinha num sei daonde, pra nós comprar uma roda, motor, essas coisa né... aí quando a gente terminava de colher tinha que tirar o dinheiro pra pagar aquele empréstimo, sabe? aí o que sobrava é o que a gente ia comer. Era assim! (CÍCERO, ENTREVISTA).

Outro dado relevante é que 86,8% (151 pessoas) não tiveram a saída de algum membro da família da escola. A narrativa de Cícero sobre sua vivência, no entanto, trouxe lembrança da dificuldade que teve no acesso à educação. Ele compara, então, a atualidade:

Hoje tem ajuda, uma coisa né, você vê tem escola, tem carro pra carregar. Naquele tempo não tinha nada, era um sacrifício medonho. Era sacrificoso... hoje só num aprende quem não quer. Hoje o governo ainda ajuda, você vê hoje, a gente não paga pra estudar né, e tem aposento hoje, nesse tempo não tinha aposento. (CÍCERO, ENTREVISTA).

Podemos associar essa realidade social aos programas do Governo Federal. Entre essas ações estão: operação carro-pipa, construção de cisternas, perfuração e recuperação de poços, bolsa-estiagem, venda de milho, programa garantia-safra e ampliação da linha de crédito emergencial, assim como renegociação de dívidas (BRASIL, 2013a). Essas ações das políticas públicas minimizam a falta de água, modificam a estrutura socioeconômica e política, assim como a situação de quem mais sofre com esse problema, a população rural, que atualmente recebe os benefícios do Governo que ameniza a fome, no entanto, não apaga a situação de vulnerabilidade social.

Com relação a ter na família algum beneficiário (ex. a própria pessoa, pai, mãe, irmãos) de algum programa de transferência de renda (ex. bolsa família e outros) 67,4% (118 pessoas) dos sujeitos da pesquisa afirmaram que elas, seu pai, mãe e/ou irmãos recebem algum benefício de algum programa de transferência de renda. Essas políticas sociais de transferência de renda ainda são uma importante parcela da renda rural, e está permitindo a inclusão da população rural no mercado interno, melhorando, assim, as condições de vida. A percepção que os entrevistados têm sobre os programas de transferências de renda é que esses fazem sim uma grande diferença no seu modo de vida.

Para Gonzaga, a falta de água em nossa atualidade não é um problema tão grave se compararmos ao passado.

Então, hoje, já num é tão problema... hoje, pode ter havido esse invernim pouco, mas num é tanto problema pros bichos sabe? Pra nós, os alimento tão mais barato... o feijão que é o alimento mais importante do agricultor pra ele trabalhar, é o feijão, sabe? e as pessoas, muita gente tem o bolsa família e muita gente já é aposentado, sabe? Então esse povo tá se mantendo mais ou menos, sabe? O que o problema da seca tá causando mais, sabe, é essa falta d'água. Essa falta d'água, que se a gente tivesse dez poço profundo na comunidade, nós não tava sentindo muito o efeito da seca. Mas como nós não se preparemo pra isso... (GONZAGA, ENTREVISTA).

Cícero acredita que *“hoje tá bom demais pra muita gente”*. Ele compara os tempos passados e o atual.

Se via nesse tempo pra trás, num tinha aposento, não tinha nada, cê sofria demais. E hoje tem aposento, a escola recebe bolsa família, safra perdida... nesse tempo num tinha essas coisa não... sofria demais. Mas hoje tá melhor, graças a Deus. Se houver uma seca acho que num morre gente de fome não. Não, morre não. Por que tem muita ajuda. Hoje tem essas coisa tá melhor que os pra trás. (CÍCERO, ENTREVISTA).

Inácia narra sua vivência da seca em anos anteriores e como é vivenciar atualmente esse período de estiagem sendo beneficiada pelo Governo Federal.

Era pior, Ave Maria! era pior mesmo. Era triste! Mas sempre quando era assim ruim o tempo... tempo escasso assim como foi, sempre eles tomavam as providência, né? Não logo, mas sempre tinha. Teve uma época aí que nós passemos uma seca... bem que nós não tinha esses benefíciozinhos do governo, mas tinha... como é o nome... chamava até... meu Deus como é o nome... que vinha até um caminhão cheio de bolsa... não sei o que vermelho [...] Cruz Vermelha. Ai tinha essas ajuda, né? Era um sacolão. Vinha comida mesmo. Eles traziam pra gente. Pra distribuir pro povo, né? O cestão que eles chamam. Às vezes vinham, mas é a melhoria, naquele tempo era pior ainda. Graças a deus a gente tem esse ganho. (INÁCIA, ENTREVISTA).

Cícero questiona, no entanto, o benefício ao afirmar que tem alguns beneficiários que querem viver apenas da renda do benefício, pois

Cícero: tem muita gente que tá vivendo disso, se você se bate num trabalhador hoje é difícil achar um trabalhador que queira ir. De primeiro eu botava trabalhador lá de casa, bastava falar... hoje, “ahn?” quer trabalhar não! O bom é que se houver, que Deus o livre, uma seca o governo traz poço, manda trazer uma coisa e outra, [...] eu sei que não morre gente de fome não.

Entrevistadora: Então o senhor acha que os benefícios são bons?

Cícero: Bem, pra certas coisa é boa né... é porque se não fosse essa ajuda eu não sei como é que tava não. O povo fala do governo, mas eu num falo não porque o governo tem feito muita coisa boa... eu sei que não faz tudo né, é impossível, é gente demais... tem uns que faz coisa ruim uns que fazem coisa boa. Mas o governo tem ajudado muito, de primeiro nem tinha essas ajuda de hoje. Ajuda em todos os ponto, o governo ajuda uma coisa, ajuda outra... (ENTREVISTA).

Percebe-se hoje a necessidade de as pessoas em situação de pobreza terem uma dependência dos programas de transferência de renda, porém são esses benefícios de transferência de renda que possibilitam as famílias pobres rurais diminuïrem a fome, a miséria e as desigualdades sociais.

Entrevistadora: O que você acha dos benefícios que o governo oferece?

Severina: Se não fosse os benefícios do governo, eu acho que morreria até gente de fome. Com certeza! [...] Por que, minha filha, a dificuldade de ganho é difícil, é difícil mesmo, viu? Você vê que na Canafístula, lugarzinhos desse aqui, poucas pessoas que moram, né? mas nem tudo tem emprego. (ENTREVISTA).

Gonzaga também refere que os benefícios de transferência de renda ajudam muitas pessoas na comunidade, no entanto ele também questiona o fato de alguns beneficiários se acomodarem e não quererem mais trabalhar na agricultura e no roçado.

Gonzaga: O auxílio bolsa família ajudou muito, num sabe? Ele ajudou muito. Atrapalhou alguém, sabe? Alguém do bolsa família deixou de produzir por causa dessa ajuda, num sabe? Mas que ele ajudou muito a pessoa pobre, ele ajudou.

Entrevistadora: Atrapalhou? Como assim?

Gonzaga: Atrapalhou por que muitas pessoas, por causa de receber o bolsa família, não vai pra roça... choveu, ele não vai plantar. Por que tem o bolsa família pra garantir aquele alimento, embora que não seja total, mas ele deixou de trabalhar, ele deixou de produzir. Algumas pessoas... (ENTREVISTA).

Especificamente sobre o Programa Bolsa Família, em que tem como condição a educação escolar, percebemos nos últimos anos, que “[...] as crianças beneficiárias do Programa Bolsa Família apresentaram progressão escolar da ordem de seis pontos percentuais maiores do que crianças de mesmo perfil socioeconômico não beneficiadas.” (BRASIL, 2012, p. 6). Houve mudança também nas condições de acesso a alimentação, educação, saúde, bens de consumo e casa própria, em que é possível perceber diferença nos modos de vida dos moradores de comunidades rurais no semiárido nordestino, pois diminuiram o cotidiano de privações e carências e trouxeram maior autonomia e liberdade (REGO; PINZANI, 2013).

Um dado relevante encontrado em nossa pesquisa diz respeito à quantidade de filhos por família. Nota-se que 36,9% (63 pessoas) têm de 1 a 3 filhos, 26,2% (45 pessoas) não têm filhos, 23,2% (40 pessoas) têm de 4 a 8 filhos e 13,9% (24 pessoas) têm de 9 a 15 filhos. Consideravelmente o número de filhos por família diminuiu, sendo neste estudo uma média de dois filhos por pessoa, o que vai contra o estigma, em curso na nossa sociedade de que quem é pobre e/ou beneficiário de programa de transferência de renda tem cada vez mais filhos para adquirir mais dinheiro.

A morte assombra o sertão por todos os lados, os que permanecem em suas terras, em que os animais e as pessoas são dizimados. Severina relembra que na seca da década de 80 muitas crianças morreram, *“nessa época, morria tanto do menino... que eu queria que você visse. Era todo dia passava anjo, como passava de dois, três num dia só”*. Atualmente também é possível perceber que essa realidade mudou, pois, 70,9% (124 pessoas) responderam não a pergunta se na sua casa alguma criança já morreu, assim como 94,3% (165 pessoas) responderam não a pergunta se tem alguém na sua casa com desnutrição.

Com relação aos animais, é possível perceber que 56,6% (95 pessoas) experimentaram a falta de água para o consumo animal. Rachel fala sobre essa vivência, em que se *“falta d’água, é... não tem vegetação, né? Pros animais comer... não tem água também pros animais beberem. Com isso, os bichinhos vão morrendo né? [...] Sem água ninguém vive, né?”*.

Inácia reporta-se ao seu sentimento ao ver os animais com fome e com sede e ao relatar sua percepção sobre as Figuras 8 e 9: *“por que esse aqui você vê que é através da seca que acho que acontece tudo isso aqui óh: o pobi dos bicho não pode... fico até emocionada*

quando eu vejo isso aqui... que acontece, tudo isso aqui óh". Sua emoção se produz em choro e quando perguntamos se ela já tinha visto ou vivido algo parecido com esta, ela responde:

Aqui... graças a Deus, na minha casa, não morreram, né? Os bicho assim de doença, mas eu acho que em todo canto é mais por causa da seca, né? [...] Mas a maioria por aí a fora a gente vê passar na televisão que é de cortar o coração, né? E como é que a gente pode ver uma coisa dessa, né? Aí eu me emociono sim, por que a gente vê por aí a fora e a gente... o bichim né, às vezes, até um mingau d'água pra ir escapando, né? Os bezerrim que as mães ou morre né ou num dá leite, por que num tem forragem pra eles comer. A causa da seca traz tudo isso aí. Desespero, pra gente, pro bicho. (INÁCIA, ENTREVISTA).

Figura 8 – A falta de água para consumo animal



Fonte: Produtores... (2014).

Severina também escolheu falar sobre a Figura 9, no entanto ela nunca teve um animal, que criou, morto pela escassez de água.

Deus me livre! Não. Eu num quero... Se tiver visto meu terreiro e eu num puder ter ele mais ou menos, eu num quero não... De jeito nenhum... Eu crio porco, mas... na hora que ele cresce, eu boto pra frente. E começo já de pequeninim de novo... Quando ele cresce de novo, torno a vender... boto outro pequeninim no lugar... Por que eu vou tá gastando comida num bicho que já tá grande? [...] Já tá bom de vender, né? Num posso tá instruindo aquela comida... Se ele tá bom pro negócio ele vai é pro negócio... E boto outro no lugar... É sempre assim que eu faço... (SEVERINA, ENTREVISTA).

Em decorrência da seca, o cotidiano da população da zona rural nordestina é potencialmente afetado com as experiências que aparecem intensamente relacionadas às perdas, tanto na agricultura quanto de animais. Sobre as perdas na produção agrícola, entre os

participantes que vivenciaram a seca, tivemos a quantidade expressiva de 93,7% (163 pessoas) afirmaram perdas na produção.

Figura 9 – A vida diante da morte



Fonte: Moura (2014).

Cícero vivenciou perdas na produção e a necessidade de se desfazer dos animais. Para ele *“a gente sofria um pouco, a gente tinha uma vaquinha, tinha que vender um garrote, uma vaquinha, pra legume pra comer”*. Severina narra as consequências deste fenômeno em sua produção agrícola.

O inverno não tá compensando da gente gastar dinheiro com agricultura, de jeito nenhum. Por que quando tem o inverno, vem a lagarta, acaba o legume. Aí quando a gente vai plantar de novo, às vezes, a lagarta come três vezes, né? Ai não tem condições do caba dizer assim ‘eu vou adquirir alguma coisa com a agricultura’, não, de jeito nenhum! Ai quando você faz alguma coisa e tem um inverno mais ou menos, que você faz alguma coisa, aí vai vender, vende baratinho, você é obrigado vender baratinho, por que você tá precisando, você não pode guardar, armanezar numa vasilha pra quando ele der dinheiro você vender. O problema é esse! Da agricultura, que num dá o suficiente pras família sobreviver por isso, por que as pessoas vive necessitada, sem emprego. (SEVERINA, ENTREVISTA).

Embora 58,6% (102 pessoas) tenham relatado não terem vivenciado falta de água para o consumo humano, Gonzaga percebe *“que tá com três anos que tem inverno escasso e o açude que tem grande, todos os anos é mais seco, né? Vai baixando, né? Aí vai ficar cada vez mais seco”*. Na percepção de Cícero

É o inverno... o inverno é pouco... num chove. Tá com dez anos que ele quis sangrar, tá com dez anos, que ainda vazou uma coisinha... dez anos! Aí nunca mais. Vem só *diminuindo, diminuindo, diminuindo*... ano passado... ano *trasado* não houve um inverno, esse ano também não houve inverno. Houve um *invernim*, sabe? Ainda fez uma coisinha. Mas água mesmo num criou. Criou só *mei* metro d'água. Aí tá *sequim!* (CÍCERO, ENTREVISTA).

Para Favero (2012, p. 103),

Dentre os prejuízos no bem-estar e saúde psicológica estão, a alteração na rotina familiar, a redução nas atividades de lazer, prejuízos no sono, aborrecimento, preocupação, dificuldades de higiene, sentimentos de desânimo, tristeza, impotência e insegurança quanto ao futuro.

A insegurança quanto ao futuro ocorreu para 79,8% (138 pessoas) dos sujeitos participantes da pesquisa. Guimarães e Cícero nos chamaram atenção sobre as expectativas em que ambos relembram a seca de 1915 e receiam que com o centenário em 2015 o mesmo possa acontecer.

Cícero: Eu tô achando que vai ser um desastre grande os outro anos. Esses ano ruim agora que tá acontecendo, ainda faz um pastozim, sabe? Mas só pouco mesmo e do jeito que eles tão dizendo por aí, esse povo sabido que estuda né... no outro ano é quinze, né? Diz que acha vai ser ruim também. De inverno, né? Cê já ouviu falar da seca do quinze?

Entrevistadora: Sim!

Cícero: Pois é, agora vai inteirar 100 anos, e esse povo que estuda lá vai dizer que vai ser ruim também. Aí se num criar água no açude, aí tem que aparecer água, poço, essas coisa, tem que aparecer. Que o povo não pode se retirar tudo, pode se arretirar um, dois... mas muito não pode sair todo mundo. Tem que botar pros governo, os prefeito... pra eles fazer é água. (ENTREVISTA).

Outro dado relevante é que 83,2% (144 pessoas) referiram sentimentos de desânimo e tristeza. Segundo Favero (2012), a seca é um evento natural importante do ponto de vista psicossocial e as comunidades rurais as mais vulneráveis a esses impactos, já que, em sua maioria, dependem economicamente dos recursos naturais e, com a seca, há consequentemente exposição dos moradores a um alto nível de estresse, afetando assim a saúde psicológica.

Gonzaga expressiu um novo e diferente olhar sobre o conceito da existência do fenômeno natural da seca. A saber:

Entrevistadora: O que o senhor entende por seca?

Gonzaga: Eu entendo por seca... primeiro, que todo mundo entende, é que é a falta de chuva, né? No Ceará e no Nordeste, quase no nordeste todo, tem problema d'água né? Então, a nossa localidade não ia ficar de fora, sem ter problema d'água, né? Mais muitas vezes a falta de chuva não é... não causa... só a falta da chuva não causa problema tão grande não, é? Por que esse açude resolveu até um dia desse... tava resolvendo pra algumas pessoas, tava resolvendo o problema da seca, num sabe? Talvez até aquelas pessoas que trabalham com irrigação, na beira de um açude

desse, eles produzem mais na época de uma seca do que na época de um inverno grande. Então, a seca, eu acho que ela é causada por falta dos nossos governantes que não se preparam... não preparam o povo pra receber uma seca, num sabe? Então a seca... ela causa um efeito maior por que os nossos governantes não se preparam. Logo, por que se tivesse aqui, nós tem hoje três poço profundo, se nós tivesse dez, nós já tava sabendo como resolver o problema da seca. (ENTREVISTA).

Estudos realizados na Austrália em torno de suas variações climáticas extremas apontaram como o fenômeno da seca, aliado a transformações socioeconômicas ocorrentes no meio rural, pode representar um risco à saúde pública e afetar o bem-estar e a saúde mental de seus habitantes (McMICHAEL, 2011). Tanto grupos de fazendeiros mais velhos quanto de jovens sentem os impactos da seca em termos de estresse e de implicações em sua saúde mental, consideradas as especificidades desses grupos (POLAIN; BERRY; HOSKIN, 2011).

Neste sentido, a análise da seca, com problema social e histórico, nos permite a consideração de que suas implicações incidem na vulnerabilidade social vivenciada pelas pessoas, nas atividades econômicas que realizam, no contato que estabelecem com o meio ambiente, na vivência e nos modos de vida. Na busca por conhecer os modos de vida e as práticas sociais e culturais dos sujeitos rurais do semiárido nordestino, denominado também como homem do campo, tivemos a pretensão de conhecer sua vivência e relação com o meio ambiente, seus sentimentos, frustrações e sonhos numa perspectiva psicossocial.

3.3 Agravamento da pobreza rural no semiárido nordestino

Em 2011, o IBGE deu a conhecer dados de que no Brasil existem 16,2 milhões de pessoas vivendo em extrema pobreza e que 59% destas pessoas estão na região do Nordeste, sendo 52% destas pessoas vivendo em extrema pobreza na zona rural (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2011). Com a escassez das chuvas, os trabalhadores e as famílias sofrem penosamente com os fenômenos sociais da fome, da sede, da desnutrição, da miséria, da pobreza, do desemprego, da falta de oportunidades, da desigualdade social.

No Brasil, assim como no Nordeste, a pobreza rural se distingue da pobreza urbana. O cenário rural nordestino é constituído de processos de exclusão/inclusão social perversa (SAWAIA, 2005), tendo em vista que esse processo complexo e multifacetado é percebido na compreensão colonização histórica com base na exploração dos recursos naturais e da força de trabalho do povo; os processos sociais e políticos perpassados pelo poder centralizador das oligarquias, do coronelismo e da configuração da estrutura fundiária;

a vivência com o fenômeno natural da seca e seus impactos no modo de vida; a desigualdade social, a exclusão e a pobreza. As políticas públicas de desenvolvimento rural que amenizam a situação de vulnerabilidade social, porém, não retiram as pessoas da situação de pobreza.

A pobreza vivenciada pela população rural no semiárido nordestino é fruto do subdesenvolvimento, da concentração desigual na posse de terra, na má distribuição no acesso à água, da exploração dos recursos naturais e da força de trabalho, a dificuldade de acesso às políticas públicas e a deficiência de infraestrutura relacionada à habitação, saneamento básico, transporte, lazer, cultura, saúde e educação. Significa isso exprimir que o problema é mais social e político do que natural (FURTADO, 1998). Furtado (1998) também refere que o problema da seca é a cerca. Portanto, a pobreza rural não pode ser associada ao fenômeno natural da seca, e sim como um processo sóciohistórico produzido pelo homem.

Na busca por desnaturalizar e historicizar os impactos sociais decorrentes da seca, acrescentamos o estudo de Maluf e Mattei (2011) sobre os determinantes históricos da pobreza rural, a saber:

- a) Acesso à terra: quando a pobreza é tratada a partir de outras variáveis para além da renda, sobressai a questão da posse e acesso à terra uma vez que a negação desse direito é um importante fator de exclusão social.
- b) Capacidades humanas: nesse aspecto se destacou o papel fundamental da educação na elevação da renda das pessoas e das próprias famílias, porém quesitos como repetições, defasagens e qualidade do ensino carecem de melhor avaliação;
- c) Outras formas de capital físico: diversas formas de capital atuam decisivamente no aumento da renda e da produção, embora para a maioria dos estabelecimentos a propriedade da terra é o capital mais importante, cuja dimensão condiciona as formas de investimento;
- d) Acesso e participação nos mercados: devido às deficiências tecnológicas e à própria qualidade dos produtos, grande parte dos agricultores acaba sendo excluída dos mercados;
- e) Acesso a serviços básicos: estes tipos de privações são elementos-chave para se entender porque a pobreza rural permanece em patamares elevados em todas as regiões do mundo;
- f) Infraestrutura: ressaltaram-se as deficiências, especialmente, no que diz respeito à habitação, saneamento básico, transportes, lazer, cultura e serviços específicos nas áreas de saúde e educação;
- g) Oportunidades de trabalho: em muitas regiões do país já começaram a surgir dificuldades de alocação da mão de obra rural, seja na agricultura ou em outras atividades produtivas. (MALUF; MATTEI, 2011, p. 18-19).

Para esses autores, uma vez superada a atual fragmentação das políticas públicas, mediante estratégias de desenvolvimento rural, associadas a táticas de desenvolvimento do País, com a participação e protagonismo dos agentes sociais, é que será possível planejar estratégias de enfrentamento da pobreza rural. A articulação dos órgãos governamentais deve ocorrer de forma intersetorial, e as políticas públicas hão de ter como foco de atuação as famílias rurais e as múltiplas dimensões que envolvem a pobreza. Logo, a questão perniciosamente

do fenômeno natural da seca está na ausência de ações governamentais efetivas que minimizem seus efeitos na vida da população rural.

Cirilo, Montenegro e Campos (2007) apontam que, embora haja empenho para a criação de infraestruturas capazes de disponibilizar água suficiente a fim de garantir o abastecimento humano e animal, e viabilizar a irrigação, estes esforços ainda são insuficientes para dar conta das problemáticas decorrentes da escassez de água.

Entre os determinantes sociais da pobreza rural está a questão da reforma agrária. Para Hackbart (2004), a reforma agrária é mais do que um programa de redistribuição fundiária, ela serve para desconcentrar e democratizar a estrutura fundiária, gerar ocupação e renda, diversificar o comércio e os serviços no meio rural, reduzir a migração campo-cidade, interiorizar os serviços públicos básicos, democratizar as estruturas de poder e promover a cidadania e a justiça social.

Ao problematizar essa pobreza rural, é importante afirmar que nossa compreensão de pobreza assenta na perspectiva multidimensional, especificamente da Abordagem das Capacitações (SEN, 2000), que compreende a pobreza com suporte nas privações que os sujeitos vivenciam e que os impedem do exercício de suas liberdades. Neste sentido, abrange a pobreza ultrapassando questões econômicas, incluindo aspectos da renda, da habitação, dos principais bens de consumo, mas, principalmente, das relações sociais, do padrão de vida, do acesso à educação e à saúde.

Embora Severina tenha lembrado diversas situações de privações em decorrência da seca, ela diz que *“nunca pedi nada a ninguém [...] se alguém chegasse na minha casa e trouxesse uma oferta, seria bem-vindo, mas eu pedi, nunca pedi! E graças a Deus, nunca faltou, assim, nada, né? o necessário, né?”*. Na pergunta no Instrumento de Pobreza Multidimensional de que se a pessoa já precisou pedir dinheiro para poder comer, encontramos que 82,3% (144 pessoas) responderam que não, enquanto 17,7% (31 pessoas) afirmaram já terem vivenciado essa experiência. Sobre se a pessoa já precisou vender alguma coisa de dentro de casa para poder comer, encontramos que 86,3% (151 pessoas) responderam que não, enquanto 13,7% (24 pessoas) afirmaram já terem vivenciado essa experiência.

Para Cícero, a vivência da seca faz com que algumas pessoas passem fome. Ele relembra que, antigamente,

Jantava tinha um negócio de um pão de milho com feijão, rapadura, né? era assim no começo sabe. Esse negócio de arroz de primeiro não falava quase em arroz não, só dia de domingo, sábado... no tempo que eu fui criado ali no papai e botava rapadura, feijão com pão de milho e um quarto de rapadura, nesse tempo. Hoje, acho

que morre mais ninguém de fome não. O governo ajuda, ajuda de todo jeito. (CÍCERO, ENTREVISTA).

Para Inácia, a seca “*causa tudo no mundo. Fome, doença, dificuldade*”. Gonzaga refere que “*a seca causa a falta de comida, né? E alimento tanto pras pessoas como pra os bicho*”. Ainda para Inácia, com a seca “*tudo fica difícil mulher... em seca, tudo fica difícil mesmo... num tem ganho, num tem água, num tem com o que ganhar o dinheiro pra comprar o alimento, essas coisas, assim. A gente num pode criar um bicho, por que num tem forragem, né?*”.

Percebemos na narrativa de Severina sobre a Figura 10 que ela reconheceu a vivência em seu passado parecida com a imagem.

Eu já passei por isso, viu? Cacimba. Botava a cacimba pra carregar água. E o jumento com carroças e maiorias de pessoas que passa essa dificuldade, às vezes, nem o jumento tem, porque às vezes não tem onde criar o jumento, não tem o alimento pra dar. E a distância dessa água que eu carregava era como daqui chegando na Bem-posta [...] E, antes, nos num tinha um jumento, minha mãe carregava na cabeça mais meu pai, né? Um balde de vinte litro. Meu pai se levantava bem cedinho, de madrugada, pra encher todas as vasilha, pra poder ir pro roçado, beber o café pra poder ir pro roçado, aí quando a minha mãe tinha... podia botar também, botava... As vasilha, né? Aí fomo... Fomo indo, fomo indo... Aí meu pai comprou um jegue, ai tinha um jegue, melhorou. Que ai ele comprou umas caneca, uns chamam caneca, outros chamam de caneca de madeira, outros eram de pneu... Aí as nossa era de madeira pro jumento, pro pobre não sofre tanto, ai botava do outro lado e assim ia levando. (SEVERINA, ENTREVISTA).

Figura 10 – Falta de água para consumo humano



Fonte: Edmilson (2013).

Rachel, ao falar também da Figura 10, narra que “*a falta de chuva transformou isso aqui que era um açude, acredito que seja né... somente em um vazão d’água, né? Tudo*

seco... ficou só esse pocinho aqui... inclusive tão com dificuldade até pra pegar água, né?”. Acrescenta ainda, “e também a gente nota aqui que a água é muito poluída, muito suja, que fica difícil até pra consumo né... doméstico, em todos os sentidos”.

Entre os agravamentos na pobreza, estão as perdas na produção agrícola, no entanto, segundo Gonzaga nas secas passadas existiam as frentes de serviço que eram uma ajuda do Governo para dar emprego às pessoas que necessitavam. *“O pessoal ia, se alistava lá e passava a semana lá e quando era no final de semana eles vinham, traziam a mercadoria pra se manter”*, e assim os agricultores mantinham a família nos períodos de seca.

Gonzaga foi um trabalhador que cadastrou algumas famílias no projeto da Cruz Vermelha nos anos de 1980. Segundo ele, o projeto era para pessoas pobres receberem alimentos, e, dentre 100 famílias, ele chegou a cadastrar 70 famílias que precisavam mais:

Cadastrei 70 famílias e ficou 30 sem cadastrar, sabe? 30 que tinha mais condições ficou sem cadastrar. E eu cheguei em casa de pessoas dez horas do dia e o fogo tava apagado. Num tinha fogo justamente por que as pessoas num tinha comida pra fazer. Hoje quando chego na casa do povo desse tipo e o fogo tá apagado, por que o fogão a gás já cozinhou a comida, sabe? E nesse tempo antigo era a lenha mesmo, fogão de lenha! (GONZAGA, ENTREVISTA).

As mudanças por que o rural nordestino passou, desde os anos de 1990, com o avanço do capitalismo, a industrialização da agricultura e a permanência dos movimentos sociais na luta pela inclusão social e pelo desenvolvimento rural favoreceram o surgimento e a vivência de novas ruralidades (SILVA, 2007; WANDERLEY, 2000). Entre as novas ruralidades, encontramos configurações que tem como objetivo o desenvolvimento rural, o fortalecimento da agricultura familiar e a pluriatividade das famílias rurais, em que as famílias exercem, além das atividades agrícolas, ocupações diversificadas e não agrícolas para complementação de renda.

A agricultura não é a única atividade econômica em curso no meio rural nordestino, porquanto que o fenômeno da seca impossibilita que as famílias agrícolas sobrevivam por meio de sua produção. Percebemos que dentre os sujeitos participantes de nossa pesquisa, há um elevado nível de desemprego, pois 61,1% (107 pessoas) não estão exercendo algum tipo de trabalho remunerado, o que favorece a baixa renda.

Com respaldo nas ideias de Rocha (2013) e Rego e Pinzani (2013), as pessoas que não possuem vínculos empregatícios desenvolvem uma série de atividades autônomas, ante a possibilidade de ter uma renda maior e por ter condições de trabalho mais flexíveis. Com isso, descobrimos que 55,4% (97 pessoas) somam uma renda familiar de um a dois salários mínimos, 30,3% (53 pessoas) somam menos de um salário mínimo, 8,6% (15

pessoas) somam de três a quatro salários mínimos, enquanto que 1,7% (3 pessoas) não soma rendimentos e 0,6% (uma pessoa) recebe mais de cinco salários mínimos.

Guimarães escolheu a Figura 11, pois a imagem fez com que ele relembresse o trabalho na roça e de como sua vida como agricultor esteve marcada pelo fenômeno da seca.

Figura 11 – Relação com a terra e a produção agrícola



Fonte: Empresa Brasil de Comunicação (2012).

Guimarães refere, no entanto que *“agora, no momento, eu trabalho mais é só com venda. É que antes era no roçado, aí agora, já depois, eu mudei, (...), que eu tenho essa bodeguinha, aí eu vou fazer compra, vendo. Aí eu posso dizer que o roçado eu já tô quase parado, né?”*. Para Inácia, quando não há inverno bom a solução é trabalhar com o bordado, enquanto que seu marido faz carvão no quintal de casa:

Aí ele trabalha, aí eu trabalho na máquina e com a ajuda da dona Dilma, Graças à Deus, a gente faz as compra, né? do mês... pagar água, energia, sindicato aqui da comunidade, vê se a gente vai precisar do sindicato, né? Contribuição do sindicato. Aí tamo vivendo, dessa maneira. [...] Aí de nós se não fosse o nosso trabalho. Graças a Deus que Deus deu esse dom da gente pra gente aprender e fazer mesmo com vontade. (INÁCIA, ENTREVISTA).

Sendo assim, a pluriatividade exercida pela agricultura familiar⁴ no Nordeste só aumentam, haja vista que essa é a alternativa encontrada pelos pequenos proprietários rurais

⁴ Com base na definição de Agricultura Familiar, o Censo Agropecuário 2006 contou 4.368.907 agricultores familiares no Brasil. No Nordeste estão cerca de 2.187.295 agricultores familiares. A agricultura familiar é assunto no Brasil desde 1990, quando tomou lugar da expressão “pequenos agricultores”. O conceito de Agricultura Familiar foi transformado na lei no. 11.326 de 2006, e foi adotado pelo Censo Agropecuário 2006

para enfrentar a pobreza rural, o desemprego e o êxodo rural. Segundo Nascimento (2009, p. 333), nas áreas rurais da região Nordeste, “[...] a pluriatividade e a pobreza andam de mãos dadas.”

Ao analisarmos os espaços do rural ou as ruralidades brasileira, observamos as diferenças marcantes em cada região do País, o que torna cada vez mais complexa a caracterização do modo de vida no contexto rural, não podendo ser reduzida pela dicotomia da polarização e do contraste entre o rural (velho, rudimentar, bucólico) e o urbano (novo, industrial, moderno). Segundo Silva (1997, p. 1), “[...] as cidades não podem mais ser identificadas apenas com a atividade rural, nem os campos com a agricultura e a pecuária”, embora algumas regiões ainda sejam tipicamente caracterizadas dessa forma.

Na perspectiva dos entrevistados, a comunidade da Canafístula está em transformação e já é possível perceber as mudanças. Para Guimarães, houve muitas mudanças, desde que ele foi morar na Canafístula: *“logo quando eu me casei aqui não tinha água encanada nem luz... pra não dizer que não tinha luz, tinha luz no motor, né? Aí melhorou, né? Aí já tem água encanada e energia, né?”*. Gonzaga reconhece que a chegada da tecnologia favoreceu a comunidade passar por mudanças significativas.

A vida aqui na Canafístula, ela mudou muito nos últimos anos, sabe? Depois de chegar a tecnologia, né, chegar o computador, chegar as coisas, isso mudou muito, sabe? Então, a coisa mudou muito com a chegada do computador, sabe? E com o telefone. O telefone, hoje, é um dos meios de comunicação que serve muito a gente aqui por que a gente evita muita viagem. Você hoje tá aqui e resolve um problema pelo telefone, pelo computador. O próprio comércio aqui já tá trabalhando com a internet, então, isso mudou muito aqui na Canafístula. (GONZAGA, ENTREVISTA).

Inácia, no entanto, ao falar das mudanças ocorridas com relação à juventude, em que *“esses jovens de hoje, né, veve muito... não querem saber mais de trabalhar, mais só uns chafurdo em cima da garupa pra cima e pra baixo... não se aqueta. [...] Num escutam mais o que é que os pais diz né?”*. Sabemos que são muitos os olhares sobre a juventude, no entanto o olhar para os jovens rurais pouco aparece nos estudos.

Severina também fala sobre sua percepção atual sobre a juventude. Para ela, na Canafístula, existem escolas que oferecem oportunidades para os jovens, no entanto, *“mas só que, assim, essa classe de hoje tá muito assim... Antigamente, o pessoal tinha interesse de*

com a definição no art. 3º, que considera agricultor familiar e empreendedor familiar rural aquele que pratica atividades no meio rural e que atende alguns pré requisitos, tais como: não possuir títulos de posse de áreas maiores do que quatro módulos fiscais; as atividades sejam exercidas predominantemente com mão de obra familiar; e sua renda familiar deve ser predominantemente originada de atividades vinculadas ao estabelecimento familiar (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA, 2009).

aprender. Tinha, antigamente, o pessoal tinha interesse de aprender. Mas, hoje, o pessoal não tem muito interesse não”.

Entrevistadora: Que tipo de oportunidade para os jovens você reconhece que existe aqui na Canafístula?

Severina: As oportunidade, hoje, tem demais, minha fia. Na minha época num tinha oportunidade não, a gente sofria, a gente sofria. A minha mãe comprava meu material escolar vendendo ovos de galinha, pra comprar. E era tudo comprado, tudo, tudo comprado. [...] Ai é assim, né, oportunidade facilmente assim pra eles, mas a falta de interesse deles é que tá precária mesmo. Muito, muito, muito mesmo.

Essa fase da vida dos jovens é caracterizada pela dependência econômica, associada a educação e profissionalização e, considerando sua complexidade, é cada vez mais ocorrente nos planos de atuação e intervenção pública (POCHMANN, 2004). A educação e o trabalho são desafios para a juventude rural, assim como fatores predominantes para acentuar a pobreza rural são a pouca informação e o baixo nível de escolaridade das pessoas.

Na compreensão de Sales (2007, p. 80), os jovens rurais “[...] são excluídos até da iconografia medieval. Mesmo em estudos recentes, quando se referem a jovens fica subentendido que são do sexo masculino e do meio urbano.” A juventude rural não pode ser vista apenas com base no critério de delimitação geográfica, pois precisamos considerar ainda a formação de um novo sujeito social e sua relação com o espaço em que vive, a atividade profissional e o projeto de futuro.

Entre os sujeitos de nossa pesquisa, 27,4% (48 pessoas) são jovens de 18 a 29 anos de idade. A realidade da juventude rural na Canafístula configura-se da seguinte forma: embora 47,9% (23 jovens) tenham estudado de 12 anos ou mais, ou seja, tem ensino médio completo ou ensino superior, 56,3% (27 jovens) atualmente não estão exercendo algum tipo de trabalho remunerado.

A juventude rural, ante a diversidade e a heterogeneidade que essa categoria social denota algumas questões em torno da juventude rural se referem ao êxodo e à permanência (BRUMER, 2007). Severina não sabe dizer por quê: *“eu num sei o porquê. Não sei não. Por que até as pessoas que estudam, assim, né, que se formam, que terminaram os estudo vão buscar emprego em outros cantos”*, no entanto ela fala sobre a falta de trabalho e da dificuldade que é viver financeiramente da agricultura; e, na impossibilidade de um emprego, só restam a migração para os centros urbanos e as medidas emergenciais oferecidas pelo Governo.

É importante fazer a reflexão sobre a “invisibilidade” social da juventude pobre e os modos de vida no contexto rural, assim como é preciso divisar a dinâmica da vida desse

grupo na busca por compreender sua fragilidade e resistência (PIGNATTI; CASTRO, 2010) em meio às novas ruralidades (WANDERLEY, 2000). A juventude rural exprime características e necessidades singulares e, por isso, precisamos atentar para o modo como se constitui a juventude rural, sua diversidade de ser e de viver, o contexto, os gostos, a realidade social, racial e étnica, cultural, entre outras. Isso pede que nosso entendimento e concepção sobre a juventude ocorreram na consideração de que os jovens são sujeitos sociais no tempo presente.

Com relação às novas tecnologias e o acesso pelos jovens, Gonzaga percebe que

Hoje a gente vê os nossos jovens, que são umas pessoas bem ativas, sabe? Parece que o jovem de hoje passou a ter mais inteligência do que o jovem de antigamente, sabe? E é... antigamente, eu me lembro que o meu tio ali comprou um carro e ele trouxe um motorista de fora, de Fortaleza, pra ensinar o filho dele a dirigir o carro e passou quase um ano... Hoje, um menino entra num carro num dia e em dois dias ele já tá dirigindo o carro. Em um dia ele vê o computador e no outro dia ele já tá usando a internet. (GONZAGA, ENTREVISTA).

Severina percebe que as dificuldades encontradas para quem vive da agricultura são muitas e não é apenas a falta de água.

Porque você nunca tem aquela coisa suficiente pra você... Dizer assim: eu vou plantar aí pronto vou plantar, vou só limpar e colher. Não! Sempre você planta, às vezes, o legume quando tá deste tamanho a lagarta vem, devora tudo, deixa só a terra. Ai você... O inverno já tá escasso, pra você plantar de novo, e nascer de novo e crescer, né... O tempo que você vai plantar de novo e ele nascer... Que é o caso que muita gente não faz nada... porque planta três veze aí, quando o legume vai nascer e o inverno falta, cadê? Além de você não ter o veneno pra pulverizar. (SEVERINA, ENTREVISTA).

A pobreza rural na região Nordeste está vinculada com diversos fatores que têm relação com às políticas públicas centradas na perspectiva de “combate à seca” e as deficiências na infraestrutura no que diz respeito às privações no acesso a água potável, habitação, saneamento básico, transporte, lazer, cultura, saúde e educação.

Embora 95,4% (167 pessoas) sujeitos participantes de nossa pesquisa tenham relatado acesso a água encanada, a realidade da pobreza rural vivenciada nas privações relacionadas ao acesso a água são narradas por todos os entrevistados.

O problema que vai ter agora é esse negócio da água... por que não teve quase chuva e os açudes tão secando, né? Tou pensando que o que vai arruinar pra nós é a água, sabe? É arriscado faltar água no fim do verão. O açude tá quase seco, a água já tá ruim [...] E tão carregando carro pipa também [...] Aí eu tô pensando que vai arruinar pra nós no fim. (GUIMARÃES, ENTREVISTA).

Inácia, ao falar sobre a Figura 12, traz relato da construção das cisternas e seu benefício para a comunidade, que, com a construção delas, diminuiu a falta de água para o consumo humano.

Figura 12 – Cisternas como possibilidade de vida no semiárido



Fonte: Bacchin (2013).

Esse projeto de construção de cisternas oferecido pelo Governo Federal configura estratégia de convivência com os efeitos da seca, permitindo acesso mínimo à água e aos alimentos, como também alterando os significados dados a esse fenômeno em que ele já não comparece com a dimensão aterrorizante de outras épocas.

De 2013 pra 2014 foi bom aqui pra Canafístula, por que nesse dezembro e nesse fevereiro nós recebemos 92 cisternas. E essas cisternas tão, praticamente, todas com água sabe? Quer dizer, aquela água de beber tá praticamente resolvido, só algumas pessoas que não tem cisterna. Agora, essa água de gastar, no dia-a-dia em casa, é que vai ser problema, daqui a uns dias ela vai ser problema. (GONZAGA, ENTREVISTA).

Guimarães também escolheu falar sobre a Figura 12, no entanto para ele “[...] é uma das coisas que pra mim aqui mesmo foi uma das coisa melhor que eu já fiz... a cisterna, né? Só a gente ter água direto pra beber, água boa, né? Coisa boa, né? Cisterna”. Pedimos que Inácia falasse sua percepção sobre a Figura 12,

Inácia: Essa aqui é a da cisterna, né? A alegria desse povo, tudo feliz por causa que tem, né, a água, que é a coisa mais importante pra nós, é a água. Sem a água nós não somos nada. Pois é! As criança tudo alegre né por causa da cisterna e aí né, é bom demais. Graças a Deus!

Entrevistadora: E aí o que é que mudou com a chegada das cisternas?

Inácia: Ave Maria, mulher, muda tudo. Só da gente num tá pegando essas água réia 'ensoba'. [...] Quando não tem é triste, né? Assim sem ter um depósito pra guardar água pra nós beber, pra cozinhar, Ave Maria, quando num tinha a cisterna dessa daí era um fim de mundo pra nós aqui. (ENTREVISTA).

Cícero reconhece a ajuda do Governo

Cícero: Se houver, que Deus o livre, uma seca ele o governo vem e traz poço, manda trazer uma coisa e outra, eu sei que não morre gente de fome não.

Entrevistadora: Então é bom para a população os benefícios do governo?

Cícero: Bem, pra certas coisa é boa né.. é porque se não fosse essa ajuda eu não sei como é que tava não. O povo fala do governo, mas eu num falo não porque o governo tem feito muita coisa boa... eu sei que não faz tudo né, é impossível, é gente demais... tem uns que faz coisa ruim uns que fazem coisa boa. Mas o governo tem ajudado muito, de primeiro nem tinha essas ajuda de hoje. Ajuda em todos os ponto, o governo ajuda uma coisa, ajuda outra... (ENTREVISTA).

Com relação a infraestrutura, no que diz respeito ao acesso a água potável, habitação, saneamento básico, transporte, lazer, cultura, saúde e educação, a realidade encontrada na comunidade da Canafístula foi, para habitação: 81,1% (142 pessoas) moram em casa própria, 13,7% (24 pessoas) em casa cedida, 4% (sete pessoas) em casa alugada e 1,1% (duas pessoas) em uma ocupação. A casa dessas pessoas foi caracterizada por elas como: para 80% (169 pessoas) moram em casa de alvenaria, 19,4% (34 pessoas) em casa de taipa e 0,6% (35 pessoas) em casa de madeira. Para 80% (140 pessoas) o piso de suas casas é de cimento, 10,3% (18 pessoas) o piso é de cerâmica e 9,7% (17 pessoas) o piso é de terra. Para cozinhar, 74,4% (154 pessoas) utilizam o gás de cozinha, 10,1% (21 pessoas) utilizam carvão e 15,5% (32 pessoas) utilizam a lenha. Com relação ao saneamento básico, o banheiro com vaso sanitário com descarga é utilizado na casa de 61,4% (127 pessoas), enquanto 32,4% (67 pessoas) usam vaso sanitário sem descarga, 3,9% (oito pessoas) usam buraco no chão e 2,4% (5 pessoas) não têm banheiro. Logo, 1% (duas pessoas) têm o destino de suas fezes e urinas no sistema de esgoto, 94,7% (196 pessoas) na fossa e 4,3% (nove pessoas) a céu aberto.

Para Gonzaga, outro fator relevante na atualidade é a questão da segurança. Para ele a segurança na comunidade é precária, pois não existe policiamento e *“já tá começando a haver assalto. Já tão começando a assaltar as casas das pessoas na Canafístula e as casas no meio do caminho”*. Severina também traz em seu discurso a insegurança como dificuldades encontradas por todos da comunidade, *“todo mundo sofre por falta de segurança”*.

A distância geográfica foi uma dificuldade narrada pela respondente Rachel, pois se refere às limitações encontradas no deslocamento de Canafístula para outros locais (Sede Apuiarés, Fortaleza) que *“por que eu também não tenho muita condição física de tá me*

deslocando assim em cima do caminhão, né? Acho que fica mais difícil. E eu não tenho carro e não sei nem quando é que eu vou poder comprar”. O problema do deslocamento também é uma dificuldade encontrada por Guimarães, *“os problema que tem mais aqui é as estrada que são... os prefeito nunca cuidam de fazer a tempo, né? Que eu acho, acho que já pra ter mudado as estradas*”. Essa problemática também foi expressa por Gonzaga.

Se nós falar do problema do dia-a-dia, tem nossas estradas... nossas estradas ainda pra nós sair do Apuiarés, Pentecoste e Paramoti, que é as três cidades vizinha, nós não tem estrada, quando chega numa reta dessa, a estrada é de terra e quando chove, a gente praticamente não tem estrada. (GONZAGA, ENTREVISTA).

Embora haja essa dificuldade de deslocamento, é possível perceber que o acesso à eletricidade é de 100% para os participantes. Com relação aos bens de consumo, encontramos dados expressivos de 89,9% (186 pessoas) têm cinco ou mais recursos, como televisor, telefone, rádio, bicicleta, motocicleta, carro, geladeira, fogão, computador. Enquanto isso, 10,1% (21 pessoas) possuem de uma a quatro recursos.

Sendo assim, na perspectiva de utilizar a categoria modo de vida para refletir a vivência da seca no contexto rural nordestino, foi necessário pensar o contexto histórico e cultural em que estão inseridos os sujeitos, no caso deste estudo, no rural do semiárido nordestino. Foi preciso considerar também as influências sociais no desenvolvimento psicológico desses sujeitos, entendendo que é por meio da relação com o contexto social que a subjetividade é constituída. A cultura é outro elemento de fundamental importância para estudar os modos de vida.

4 SAÚDE MENTAL NO CONTEXTO RURAL NORDESTINO

O desafio deste Capítulo está em abordarmos a saúde/adoecimento mental, desde a perspectiva psicossocial. Entendemos que, para isso, é necessário denotar a concepção de saúde/saúde mental que norteia nossa prática. Iniciaremos contextualizando nossa ideia de saúde, mediante o enfoque biopsicossocial e a análise dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS), em que a definição da saúde traz um olhar voltado para atenção integral ao sujeito, às comunidades e às relações sociais. Logo, nosso entendimento sobre o processo saúde/adoecimento ultrapassa questões biológicas, situando-se com origem na dimensão social, histórica, cultural e subjetiva do sujeito, e sua relação com a comunidade.

No Brasil, a pobreza e a desigualdade social são DSS. No caso do contexto rural nordestino, especificamente no sertão semiárido, esses DSS vão se configurar de forma diferente, haja vista que o processo saúde-doença é perpassada por questões desiguais no acesso à terra, à água e às políticas públicas, impactos ambientais e mudanças climáticas extremas que contribuem para o aumento da vulnerabilidade social e da desigualdade em saúde, o que, conseqüentemente, interfere nos processos saudáveis de vida e contribuem para o desenvolvimento do adoecimento da população rural nordestina.

Nesta perspectiva, e com base na nossa elaboração teórica sobre a vivência da seca e os modos de vida no contexto rural nordestino, continuaremos a Inter-relação das Implicações Psicossociais da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1, ver p. 17). Para isso, trazemos a concepção de saúde mental que foi utilizada por nós, assim como nossos questionamentos e inquietações de que a vivência da seca e o modo de vida no contexto rural trazem implicações psicossociais no adoecimento/sofrimento/saúde mental da população nordestina.

4.1 Concepção de saúde e o processo saúde-doença

O processo saúde-adoecimento é explicado por distintos modelos, desde a Antiguidade até os dias atuais, sendo com suporte nessas concepções e na busca por explicar o processo saúde-doença, que atualmente o entendemos como sendo, naturalmente, dinâmico, complexo e multidimensional, pois engloba “[...] dimensões biológicas, psicológicas, socioculturais, econômicas, ambientais, políticas, enfim, podemos identificar uma complexa interação quando se trata de saúde e doença de uma pessoa, de um grupo social ou sociedade” (CRUZ, 2011, p. 28), ou seja, traz um enfoque biopsicossocial.

Entre a sequência de variadas concepções explicativas para o processo saúde-doença, Cruz (2011) refere que inicialmente o enfoque era no modelo mágico-religioso, em que o adoecimento era entendido como resultado de transgressões de origem individual e coletiva a condutas prescritas pelos deuses; passando pelo modelo biomédico, em que o foco é a explicação do adoecimento, e a saúde reduzida a um funcionamento mecânico, em que o corpo é visto como máquina, o médico é o mecânico e a doença um defeito da máquina. Nesse percurso, o modelo sistêmico foi a contraposição ao modelo biomédico, trazendo uma compreensão mais abrangente de saúde-doença a partir do conceito de sistema, em que elementos estão relacionados e, caso haja alguma mudança em qualquer elemento, essa mudança provocará alterações no estado dos demais elementos, causando adoecimento. Depois, o modelo da História Natural das Doenças surgiu da busca por explicações causais e para compreender as inter-relações do agente causador, do hospedeiro, do meio ambiente e de desenvolvimento do adoecimento, para que seja possível a compreensão dos métodos de prevenção e controle de doenças.

Atualmente, podemos perceber a convivência entre os enfoques sobrenatural, o biomédico e o biopsicossocial. Para Góis (2008), o enfoque sobrenatural se encontra no imaginário popular da sociedade, fazendo com que a população busque práticas de grupos religiosos, como rezadeiras, lideranças comunitárias, pais e mães de santo, padres e ou pastores. Com relação ao enfoque biomédico, no qual a população também busca apoio, por via das práticas de atuação profissional nos serviços de saúde, e, na maioria das vezes, nesses serviços o enfoque biomédico é predominante. O enfoque biopsicossocial influencia e é eixo central de luta pela Reforma Sanitária e Psiquiátrica, pois propõe uma outra perspectiva para a saúde, ao considerar que o processo saúde-doença tem origem nas dimensões biológica, psicológica e social.

No Brasil, na década de 1970, ocorreram transformações que marcaram a reestruturação da saúde, e foi o movimento pela Reforma Sanitária que lutou para a formulação do novo sistema e democratização do acesso aos serviços de saúde. A conquista legal da saúde como direito de todos e dever do Estado foi assegurada pela Constituição de 1988, mediante políticas públicas de criação do Sistema Único de Saúde (SUS), que trouxe nova concepção de saúde voltada para as reais necessidades da população, por via de suas diretrizes - descentralização, o atendimento integral e a participação da comunidade (TEIXEIRA, 1995).

Desde então outras conquistas foram alcançadas, entre elas a Lei Orgânica de Saúde (LOS), Nº 8.080/90, que regulamenta o SUS, e que foi complementada pela Lei. Nº

8.142/90, sendo, que foi o parágrafo terceiro do Art. 2 da LOS em diante incluídos no conceito de saúde os fatores determinantes e condicionantes do processo saúde-doença, e como fatores determinantes e condicionantes foram expressos a alimentação, a moradia, o saneamento básico, o meio ambiente, o trabalho, a renda, a educação, o transporte, o lazer, o acesso a bens e serviços essenciais (BRASIL, 1990).

Neste sentido, o processo saúde-doença é determinado por dimensões sociais e passa a ser caracterizado com base em um modo dinâmico relacionado às condições de vida dos sujeitos e da comunidade em que vivem, resultado de determinantes biológicos, e também histórico, social e cultural, cuja ênfase maior está na compreensão da estrutura socioeconômica (ROUQUAYROL, 1993).

Com vistas a minimizar a situação de vulnerabilidade social vivenciada pelos sujeitos e conceder visão pública aos fatores que submetem a saúde a risco, em 2006, foi formulada a Política Nacional de Promoção da Saúde (PNPS) e institucionalizada no SUS, pela Portaria Ministerial Nº 687 de 30 de março de 2006, propondo

[...] que as intervenções em saúde ampliem seu escopo, tomando como objeto os problemas e as necessidades de saúde e seus determinantes e condicionantes, de modo que a organização da atenção e do cuidado envolva, ao mesmo tempo, as ações e os serviços que operem sobre os efeitos do adoecer e aqueles que visem ao espaço para além dos muros das unidades de saúde e do sistema de saúde, incidindo sobre as condições de vida e favorecendo a ampliação de escolhas saudáveis por parte dos sujeitos e das coletividades no território onde vivem e trabalham. (BRASIL, 2006, p. 14-15).

O conceito de Qualidade de Vida é fundamental na perspectiva da Promoção da Saúde, porquanto que favorece melhores condições de vida aos sujeitos e suas relações sociais, logo, conseqüentemente, também favorece a saúde. Minayo (2002) define qualidade de vida “[...] como um guarda-chuva onde estão ao abrigo nossos desejos de felicidade; nossos parâmetros de direitos humanos; nosso empenho em ampliar as fronteiras dos direitos sociais e das condições de ser saudável e de promover a saúde.” (MINAYO, 2002, p. 174). Tavares *et al.* (2011) acrescentam que a qualidade de vida é o desenvolvimento do empoderamento e da autonomia que os sujeitos e os grupos sociais têm com relação aos seus processos de saúde-doença, de modo a intervir sobre a realidade social, influenciando decisões políticas e ensejando modificações nos determinantes sociais da saúde.

Ainda em 2006, foi criada a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (CNDSS) cujo objetivo é identificar as causas sociais, econômicas e culturais da saúde. “Os determinantes sociais de saúde apontam tanto para características específicas do contexto social que afetam a saúde, como para a maneira com que as condições sociais traduzem esse

impacto sobre a saúde.” (COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE, 2008, p. 4). Outro objetivo é elaborar políticas públicas de enfrentamento, garantir a equidade e promover qualidade de vida.

Surge, então, o conceito de iniquidade em saúde, que se refere às desigualdades de saúde evitáveis, injustas e desnecessárias (WHITEHEAD, 1992 *apud* ALVES; ESCOREL, 2013). Segundo Batistella (2007, p. 69), “Se quisermos combater as iniquidades de saúde, devemos conhecer as condições de vida e trabalho dos diversos grupos da população”, estabelecendo uma relação dessas condições de modo mais geral (sociedade) e, de forma específica (individual), reconhecendo as dimensões pessoais (subjetivas) associadas às condições de vida da população (dimensão objetiva).

No caso do Brasil, as desigualdades sociais na distribuição da riqueza favorecem a situação em que grande parte da população viva em situação de pobreza, o que implica as desigualdades em saúde por via das dificuldades no acesso às mínimas condições e bens essenciais à saúde. Logo, entendemos que a pobreza determina o processo saúde-doença desde a dimensão social e ao incidir na qualidade de vida. Silva, Dimenstein e Leite (2013, p. 269) referem que um dos grandes desafios do SUS “[...] é fazer com que suas ações se efetivem em todo o território nacional, em espaços de difícil acesso, onde as condições de infraestrutura (estradas, transporte, postos de saúde) impedem uma oferta qualificada dos serviços”, como é o caso das comunidades rurais. Para esses autores, o cuidado em saúde no contexto rural se configura como um problema para a população, pois, por mais que possamos perceber as transformações por que o rural passou nas últimas décadas, ainda é possível perceber baixo nível de investimentos em políticas públicas relativas a promoção da saúde e assistência social, fazendo com que o acesso aos serviços pela população seja bastante difícil.

A pobreza compreendida pela Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (2008) corrobora o conceito de pobreza multidimensional expresso por Amartya Sen, em que “[...] a pobreza não é apenas a falta de acesso a bens materiais, mas é também a falta de oportunidades e de possibilidades de opção entre diferentes alternativas.” (COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE, 2008, p. 188). Amartya Sen é membro da Comissão sobre os Determinantes Sociais da Saúde da OMS, e define saúde como “[...] uma das condições mais importantes da vida e um componente fundamental das possibilidades humanas que temos motivos para valorizar.” (SEN, 2002, p. 2), portanto, não podemos desconsiderar o papel da saúde no desenvolvimento da vida e na possibilidade de uma vida saudável.

O desafio permanece do SUS, que continua sendo a luta para se consolidar como sistema de saúde universal e garantir a Promoção da Saúde e a Qualidade de Vida à todos os cidadãos brasileiros, por intermédio de suas ações e serviços, reduzindo as iniquidades em saúde e as condições persistentes de vulnerabilidade e desigualdade social em que certos grupos populacionais estão inseridos e como consequência incidem sobre a situação de saúde e resulta em Determinantes Sociais da Saúde (DSS) (BRASIL, 2012).

Neste sentido, ao abordarmos o processo saúde-adoecimento mental de moradores de comunidades rurais no semiárido nordestino, precisamos considerar a formação histórico-social de nosso País. E, a realidade que se demonstra é de pobreza e exclusão social vivenciada por uma grande parcela da população. Percebemos, então, que nossa análise sobre as implicações psicossociais da seca deve privilegiar a população pobre, haja vista ser a que mais sofre interferência com os impactos multidimensionais que a seca provoca. Para isso, contextualizaremos as iniquidades em saúde que determinam o processo saúde-adoecimento mental no contexto rural do semiárido nordestino, especificamente na comunidade da Canafístula, buscando historicizar e desnaturalizar a problemática psicossocial do fenômeno natural da seca.

Nossa busca e interesse em responder à pergunta de partida pesquisa e, então, desenvolver nosso construto teórico sobre as implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores de comunidades rurais, parte da compreensão dos impactos da seca como produção social e subjetiva dos processos de saúde e de adoecimento, com procedência nas condições ambientais, econômicas, políticas, históricas e culturais (dimensão objetiva), e, em especial, da dimensão psicológica e biológica de cada sujeito em sua singularidade e complexidade na dinâmica de seu modo de vida (dimensão subjetiva).

A concepção de saúde/saúde mental que norteia este estudo é constituída com base no modelo adotado pela CNDSS sobre a determinação social da saúde proposto por Dahlgre e Whitehead (1991), que estabelece diversos níveis proximais, intermediários e distais de determinantes. Os determinantes sociais e suas várias dimensões, expressos na Figura 13, facilita o entendimento da produção social do adoecimento. O nível proximal é o comportamento individual, estilo de vida e características de cada um. O nível intermediário está relacionado com os modos de vida e de trabalho, as redes sociais e comunitárias estabelecidas pelos sujeitos. O nível distal refere-se às estruturas sociais, econômicas, culturais, ambientais, políticas e institucionais.

Figura 13 – Modelo de determinação social da saúde proposto por Dahlgre e Whitehead (1991)



Fonte: Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (2008, p. 23).

Com base nessas transformações no modelo de atenção e gestão das práticas de saúde, voltadas para as dimensões biopsicossocial, em que a saúde mental é uma parte integrante da concepção de saúde definida pela OMS, em que a saúde mental não deve ser entendida apenas como ausência de adoecimento mental. Segundo a OMS, a saúde mental “[...] é o estado de bem-estar no qual o indivíduo realiza suas próprias habilidades, pode enfrentar normalmente o estresse da vida, trabalhar produtivamente e contribuir para sua comunidade.” (WORLD HEALTH ORGANIZATION, 2001, p. 1).

Nas narrativas de nossos entrevistados, ainda é possível perceber que, para a maioria, a concepção de saúde está diretamente relacionada a não estar doente. Na fala de Guimarães, *“ter saúde é... não... eu acho que ter saúde é se a gente não tivesse, pelo menos, doenças... essas doenças que tem pressão alta e diabetes né? Se num tivesse isso ai já era outra coisa, ai pode-se dizer que tinha saúde”*. Severina reconhece que ter saúde é necessário para a vida e associa a saúde a falta de adoecimento, *“por que é um dente, né, é um dente sadio, uma boca saudável. É você tá precisando de um atendimento médico e você ser atendido, na hora que precisa. É ter o remédio, se não ter o remédio, você comprar, tudo isso, né?”*

Para Inácia, ter saúde *“é bom... a pessoa... só todo mundo com saúde é alegria, é tudo bom mesmo. Veve até mais, negócio de doença é que é triste, né? Desespera todo mundo*

é qualquer tipo de doença, todo mundo se preocupa". Gonzaga exprime uma ideia de saúde voltada para a prevenção do adoecimento e a promoção da saúde.

Saúde é também a prevenção, sabe? Eu acho que se a gente tivesse uns orientador, viesse uns agente de saúde com mais capacidade, pra visitar as casa de cada um e orientar como as mães devia cria os filhos, como devia se alimentar, sabe? Eu acho que isso aí era mais importante do que ter um médico todo dia no posto de saúde, passando comprimido pra um e pra outro. Se a gente pudesse evitar a doença era melhor do que a gente cuidar de saúde. (GONZAGA, ENTREVISTA).

Rachel refere-se a aspectos multidimensionais com relação à saúde. Para ela, ter saúde *"é a pessoa ter condição física pra fazer as coisas, pra o seu manuseio diário, executar as tarefas e também tem a saúde física e mental, né?"*. Ela acrescenta ainda mais, *"a saúde mental é você saber agir as coisas, até pra o convívio das pessoas e a doença mental, na mente, que é parado, num tem agilidade pra nada e a física é você poder se deslocar, executar todas as suas coisas que exige do corpo ne? Estrutura física"*.

A saúde mental assume destaque nos programas e ações das políticas de saúde pública, por meio de uma rede de atenção psicossocial voltada para a prevenção, o tratamento e a (re)inserção social, porém, é importante ressaltar que essa realidade no meio rural é bem diferente, haja vista as desigualdades em saúde.

Segundo a Organização Pan-Americana da Saúde (2009), a seca é caracterizada como mudança climática extrema e seu entendimento não pode ser separado do contexto social (processos de globalização, atividades humanas que modificam o ecossistema e a desigualdade social), e neste sentido, as mudanças climáticas podem provocar uma diversidade de efeitos na saúde da população, em que podemos destacar

[...] a alteração da disponibilidade de alimentos, que pode provocar subnutrição, com implicações no crescimento e desenvolvimento infantil, e intoxicações por agrotóxicos decorrentes dos impactos negativos na produção de alimentos; alterações na quantidade e qualidade da água potencializando a ocorrência de doenças diarreicas e outras doenças de veiculação hídrica, como as hepatites A e E, alteração no comportamento dos eventos climáticos extremos que podem alterar os perfis de morbimortalidade, mudanças no comportamento de vetores interferindo nas doenças infectocontagiosas, além de refugiados ambientais e migrações aumentando o risco de doenças emergentes e reemergentes. (ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE, 2009, p. 17).

Confalonieri (2008) reporta-se que um dos aspectos relevantes no estudo entre o clima e a saúde humana, exprimindo que está na análise da vulnerabilidade socioambiental da população, sendo o Nordeste a região brasileira que mais está vulnerável aos impactos do clima na saúde, exatamente por esta região exibir baixos indicadores socioeconômicos, e o clima ser predominantemente semiárido (sujeito a secas) marcado pela escassez das chuvas.

Logo, pensar a relação entre os impactos ambientais com a saúde é de grande relevância para o desenvolvimento de políticas públicas adequadas que promovam qualidade de vida (RIGOTTO; AUGUSTO, 2007) nas áreas rurais.

Neste sentido, o setor da saúde não deve apenas prevenir esses riscos, mas também atuar na minimização de determinantes sociais que potencializam a vulnerabilidade social. Consoante Marengo (2010), os eventos climáticos extremos que possuem grande potencial de destruição, haja vista a impossibilidade de previsão sobre seu acontecimento, são as chuvas intensas, vendavais, furacões e grandes secas. No caso do Brasil, as mudanças climáticas mais frequentes, seguindo a ordem de relevância social de seus impactos, apresentada pelo Inventário de Dados sobre Eventos Climáticos Extremos (FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ, 2011, p. 5), são a “[...] seca e estiagem, inundações, deslizamentos e ventos fortes”, além das ondas de frio e calor que também incidem sobre a saúde da população.

Sendo a seca um evento ocasionado por mudança climática, percebemos que é importante realizarmos um estudo mais aprofundado com relação as suas implicações psicossociais, vislumbrando medidas preventivas de minimização de riscos psicossociais, pois a seca é um “evento” que potencializa a situação de vulnerabilidade social, ao estar associada às perdas financeiras, materiais e de recursos naturais (FAVERO, 2012).

A definição de vulnerabilidade às mudanças climáticas facilita o entendimento da relação entre mudanças climáticas e saúde. Entre as definições, podemos dizer, segundo Adger (1999 *apud* CONFALONIERI 2002), que a vulnerabilidade é a exposição de indivíduos ou grupos ao estresse, seja por mudanças inesperadas e/ou rupturas nos sistemas de vida, resultante de mudanças socioambientais. Para o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (*Intergovernmental Panel In Climate Change – IPCC*), a população de menos recursos e mais privações socioculturais e econômicas terá maiores dificuldades em se adaptar às mudanças climáticas, e, por esse motivo, são mais vulneráveis (INTERGOVERNMENTAL PANEL IN CLIMATE CHANGE, 2001).

Com vistas a reduzir as iniquidades em saúde, considerando os princípios do SUS da equidade, integralidade e a transversalidade, assim como o dever de atender as necessidades e demandas em saúde da população, garantindo o acesso universal, igualitário e ordenado às ações e serviços de saúde, em 2011, foi instituída, pela Portaria N° 2.866, de 02 de dezembro, a Política Nacional de Saúde Integral da População do Campo e Floresta (PNSIPCF), cujo objetivo é de promover a saúde, garantir o acesso aos serviços de saúde, reduzir os riscos e agravos à saúde do trabalhador, melhorar os indicadores de saúde e a

qualidade de vida desta população (BRASIL, 2011). Em 2014, há pouco mais de dois anos que a PNSIPCF foi instituída, ainda é visível a desigualdade em saúde vivenciada pela população rural.

Silva, Dimenstein e Leite (2013) acrescentam que a população rural sofre com maior frequência as privações no que diz respeito às políticas de saúde pública, em especial as ações e programas de atenção primária e de saúde mental. Neste sentido, sobre o acesso à saúde dos sujeitos participantes desta pesquisa, foi relatado por 42,3% (74 pessoas) que recebem poucas vezes atendimento de profissionais de saúde, 32,6% (57 pessoas) recebem sempre, 17,7% (31 pessoas) informam receber frequentemente e 7,4% (13 pessoas) informaram nunca receber o atendimento. Em relação à dificuldade de ter ao acesso aos serviços de saúde em decorrência de problemas de transporte, 69,7% (122 pessoas) informaram não encontrar dificuldades e 30,3% (53 pessoas) já encontraram.

Embora com a existência da PNSIPCF, em seu o objetivo de “Contribuir para a melhoria da qualidade de vida das populações do campo e da floresta, [...] envolvendo ações de saneamento e meio ambiente, especialmente para a redução de riscos sobre a saúde humana” (BRASIL, 2011, p. 5), essa política se configura como um desafio, tanto para a atenção psicossocial, quanto para a saúde pública em geral.

Sobre o agravamento na saúde em decorrência da seca, Inácia acredita *“que a seca causa muitas doenças também, né? A quinturona que tem, né? Sempre quando tem seca aparece umas doença véia que causa muita coisa aí. [...] acho que causa tudo no mundo de ruim, quando é seca”*. É possível perceber que a escassez de água e a falta de alimento favorecem maior vulnerabilidade ao adoecimento, pois,

Os problemas de doença sempre aparece, tudo fica mais difícil, difícil de arrumar um ganho, essas coisa assim, tudo que é difícil é através mais da seca, né? Acredito que quando a gente tem um bom inverno tudo melhora, tem milho, feijão, tem água, tudo sadio, né? Acontece essas coisa assim. Aí com seca tudo fica mais difícil. (INÁCIA, ENTREVISTA).

Cícero também percebe os impactos da seca na saúde da população, pois

Fica bom não, porque a gente não se alimenta como devia se alimentar, né? E na seca a gente não pode comer o que tem de comer, né? Além de faltar às vezes o feijão, o arroz e precisa comprar tudo. Às vezes a carne também. [...] Sem alimentação, eu acho que a gente não se sente bem não, o estômago da gente mesmo eu acho que sente, né? Que quando a gente come com gosto, uma comida que a gente quer, se sente bem... e a gente não comendo bem a gente não fica bom não. Às vezes vai dormir e quer comer uma coisinha, e às vezes passa o dia sem almoçar e merendar, não dava nem pra jantar. (CÍCERO, ENTREVISTA).

Na percepção de Cícero as privações no cotidiano das pessoas e da comunidade em decorrência da seca modificam o modo de vida da população, pois *“acontece é que fica ruim pra todo mundo [...] não é só pra uns, fica ruim é pra todo mundo [...] por que quando dá legume, os próprio que não planta tem também que já fica tudo mais fácil e quando num dá fica mais ruim pra todo mundo”*.

Concordamos com Castellanos (1998 *apud* BUSS, 2002), quando ensina que a saúde e a doença são processos inerentes a vida e, assim, são condicionados pelos modos de vida, condições e estilos de vida entre os sujeitos e seu contexto social. A dimensão subjetiva na perspectiva da Promoção da Saúde se refere à inter-relação dos aspectos sociais e subjetivos do sujeito. Neste sentido, entende Catão (2011, p. 460), é dada uma atenção especial “[...] aos pressupostos que servem de fundamento para a vida das pessoas, incluindo sua fala, seus sentimentos, seus desejos e sofrimentos, sua prática, enfim, sua forma de ser e viver no mundo.”

Logo, o processo saúde-adoecimento está relacionado a esse modo de vida, que é composto por diversas condições expressas na forma do sujeito se inserir na sociedade e acerca das formas de relação que se estabelecem nela. O modo de vida de uma sociedade corresponde ao momento histórico, ou seja,

Este é expressão das características do meio natural, do grau de desenvolvimento de suas forças produtivas, de sua organização econômica e política, de sua forma de relacionar-se com o meio ambiente, de sua cultura, de sua história e de outros processos gerais que configuram sua identidade como formação social. Todos esses processos se expressam no espaço da vida cotidiana das populações, no que se denomina modo de vida da sociedade. (BUSS, 2002, p. 51).

Almeida Filho (2003 *apud* COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE, 2008), em seu estudo sobre as iniquidades em saúde, refere que devemos descrever os critérios socioeconômicos, no entanto, também os mecanismos de produção dessas iniquidades, ou seja, fatores subjetivos que ensejem problemas de saúde, como é o caso da percepção das pessoas sobre sua posição em sociedades desiguais. No que diz respeito a esses aspectos subjetivos da pobreza, na pergunta 31 do Instrumento de Pobreza Multidimensional (Anexo A) sobre como a pessoa se considera, havia três respostas: pobre, nem rico nem pobre e rico. Encontramos na amostra dos sujeitos participantes desta pesquisa, 49,1% (86 pessoas) que se consideram nem rico e nem pobres, enquanto 47,4% (83 pessoas) se consideram pobres e 3,4% (6 pessoas) se consideram ricas. Este item abre uma série de reflexões diante dos critérios utilizados pelas pessoas para avaliação de suas condições.

Esse sentimento que os sujeitos participantes da pesquisa têm com relação a eles mesmos mostra que a realidade de pobreza já foi bem mais precária e que causou extremo sofrimento aos que a vivenciaram. Dessa forma, estes assinalam que a situação na qual se encontram não representa uma pobreza. Nas entrevistas, percebemos que tais respostas foram dadas tanto com base nas condições históricas, em que os participantes identificam mudanças sensíveis ao longo dos anos, principalmente no que diz respeito ao acesso a alimentação, ao consumo, estrutura de suas casas; sendo assim, comparativamente, diante do que já viveram, não se consideram mais pobres, estando hoje em melhores condições.

Para Cícero, a vivência da seca para uma pessoa pobre é diferente daquela das pessoas ricas.

Cícero: Pessoa rica não, pessoa rica aguenta um desastre grande, se houver! porque o rico tem dinheiro no banco, tem tudo tem... o rico tem dinheiro. Todo rico tem dinheiro no banco, né? Pobre não bota dinheiro no banco, se botar é uma coisinha. Aí os rico tem dinheiro no banco, e se vende o gado bota no banco, aí quando precisa tem, né? A diferença entre o rico e o pobre, né?

Entrevistadora: Então, é essa a diferença da vivência da seca pelo rico e do pobre?

Cícero: o rico gasta mais, né? [...] mas aí pro rico quando não guarda bota no banco né, o dinheiro lá. Aí qualquer coisa, escapa uma parte, mas o pobre vai comer o que tem... tem vez que bota no banco, mas uma hora vai ter que comprar um legume, uma coisa pra comer, né? feijão, milho, uma galinha, uma coisa. [...] A seca prejudica é todo mundo, todo mundo se prejudica, mas tem muitos, outras pessoas que já precisa mais de ajuda, né? [...] por que nem todo mundo é igual, né? Tem uns que tem mais pouca coisa, aí tem que ter alguma ajuda”.

Entrevistadora: E o senhor é que tipo de pessoa, a que precisa de mais ajuda ou a que precisa de menos ajuda?

Cícero: não... entre uma coisa e outra, né? Por que eu pelo menos pode ser que o que eu tenho... é pouco o que eu tenho, mas dá pra gente ir levando. (ENTREVISTA).

Para Inácia, as pessoas que têm salário, são aposentadas ou recebem algum benefício do Governo Federal passam por uma seca de forma diferente de quem não tem um ganho. Para ela, *“nossos problema da seca é a pessoa que cria, que fica mais preocupada com esses problema aí, não é? [...] se a pessoa tem o salário, ela veve daquele salário, não tem como se preocupar muito, né? Só se caso criar um bichim que fica preocupado”*.

A pobreza aparece com um significado de ausência das condições materiais básicas, como acesso à comida. Fome e pobreza representam sinônimos. Essa vinculação da pobreza com carência econômica aparece não só no senso comum e no imaginário social, mas também nas políticas direcionadas ao tema, quando organismos internacionais e programas estatais consideravam medidas de natureza estritamente econômica, como renda *per capita*, para mensurar o fenômeno da pobreza.

Por outro lado, os relatos dos entrevistados exibiram um discurso voltado para a melhoria das condições de vida em razão dos benefícios que recebem por parte do Governo.

Essas considerações também são observadas em Helfand e Pereira (2012) ao assinalarem que o cenário da pobreza rural em nosso País se modificou, especialmente em função das políticas de transferência de renda e seguridade social, o que incitou o aumento da qualidade de vida das famílias do campo.

Buss (2002) refere que é nos espaços da vida cotidiana dos grupos sociais e das pessoas que podemos conhecer o modo de vida dos sujeitos, como vivem e convivem, edificam e transformam a realidade histórico-social, e, sendo também possível observar a relação desta realidade com os processos biológicos e psicológicos que determinam a situação da saúde. Neste sentido, ao analisar situação de saúde de uma determinada população, em certo período, é possível notar múltiplos processos determinantes e condicionantes que influenciam no processo saúde-doença e se expressam no modo de vida da sociedade em geral, dos grupos sociais e de cada indivíduo.

4.2 Implicações psicossociais da seca

Os impactos provocados pela seca são sensíveis na Economia, na Política, nas instituições e no meio ambiente, porém, é de fundamental importância nos voltar ao estudo das implicações psicossociais da seca no modo de vida, buscando compreender a realidade psicossocial dos sujeitos que vivenciam a desigualdade, a exclusão e a pobreza.

Em acordo com Sawaia (2005), inclusão e exclusão social resultam indissociáveis e constituídas na vivência do sujeito, nas relações interpessoais estabelecidas e com o contexto social. Essa relação é dialética, haja vista que ninguém é constituído socialmente de forma permanente na exclusão ou na inclusão social, ou seja, não há uma constituição social ou uma condição de permanência, o que existe é a possibilidade dos sujeitos reverterem a realidade social vivenciada.

Os significados decorrentes da relação exclusão/inclusão social vivenciada pelos moradores de comunidades rurais no semiárido nordestino são tangíveis mediante a concentração de terra nas mãos de uma minoria e na desigual distribuição e acesso à terra e à água, o que se materializa na pobreza e na vulnerabilidade social vivenciada pela maioria da população. As políticas públicas de transferência de renda são precárias, e por mais que incluam as pessoas nos processos econômicos e melhorem as condições de vida, isto não as retira da situação de pobreza, vulnerabilidade e desigualdade social. Essa forma de inclusão é perversa e causa dor psíquica, ou seja, esse sofrimento decorrente da inclusão perversa por via de injustiças sociais, foi denominado por Sawaia (2005) de sofrimento ético-político, podendo

ser vivenciado de forma singular por cada sujeito, como experiência de aprendizagem e potência geradora de transformações sociais.

O sofrimento ético-político retrata a vivência cotidiana das questões sociais dominantes em cada época histórica, especialmente a dor que surge da situação social de ser tratado como inferior, subalterno, sem valor, apêndice inútil da sociedade. Ele revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social, da negação imposta socialmente às possibilidades da maioria apropriar-se da produção material, cultural e social de sua época, de se movimentar no espaço público e de expressar desejo e afeto. (SAWAIA, 2005, p. 106).

Cidade, Moura Junior e Ximenes (2012) compreendem que, numa sociedade onde a pobreza impera, existem formas singulares de estruturação do psiquismo. Esses autores oferecem categorias psicológicas emergentes em condições de pobreza, compreendendo que estas estão relacionadas com o modo de vida desenvolvido nesse contexto e com potenciais de (re)ação às condições ultrajantes às quais os sujeitos pobres estão expostos.

O cenário rural nordestino nos traz elementos interessantes para a observação dos impactos psicológicos da seca na zona rural - a submissão, a resignação e o fatalismo - ao percebemos que, no relato de Cícero sobre sua percepção da seca, ele refere que a seca existe desde que Deus fez o mundo.

Eu acho que já vem do começo. Já *vei* do começo das era do mundo né... quando Deus fez, eu acho que ele já fez os tempo bom e os tempo ruim. Calculo que seja isso, né. Que aqui no Ceará *cê* já sabe como é que é. Em outro estado não tem seca né, mas aqui já ficou pra ser assim mesmo desde o começo do mundo. [...] Quando Deus afirma uma coisa, num tem santo que dê jeito, parece que já fez as era pra ser daquele jeito mesmo. Eu acho que a seca, Deus já deixou o Ceará assim mesmo. Tempo bom é pra ser bom, tempo ruim não tem quem dê jeito não... só Deus mesmo! Ele já deixou feito... foi feito o mundo né, ele já deixou feito o inverno bom, o inverno escasso... já deixou feito, tem reza que dê jeito não. (CÍCERO, ENTREVISTA).

Partindo da premissa de que existe uma conjuntura política, social e econômica, mas que também é ideológica, para a manutenção do modo de produção da sociedade, a população pobre pode se desenvolver de forma submissa e conformada, o que favorece a permanência de uma realidade de opressão. Essa relação, que mantém a dimensão dominação-opressão, é reforçada pela Ideologia de Submissão e Resignação (GÓIS, 2008) que, perpetrada em nosso cotidiano, situa o pobre no lugar do incapaz, do sujo, do problemático, daquele que não pode realizar os seus desejos ou mesmo formular sua história, impactando diretamente na formação da identidade desses sujeitos. Podemos perceber os elementos de submissão e conformismo por via da narrativa expressa nas entrevistas.

Entrevistadora: Como faz para melhorar a vida no período de seca?

Guimarães: Faz pra melhor? Não... a gente tem que aguentar assim. A gente não tem nada a fazer, né? Tem que aguentar mesmo. Levar do jeito que der certo, né?" (ENTREVISTA).

A população sofre com a escassez de água e o povo nordestino suplica a Deus por chuva, para, assim, acabar com o sofrimento. A seca, então, é associada à religiosidade, que é um elemento da vida dos nordestinos (VIEIRA JR., 2003) e surge como alento único nos momentos difíceis.

Da mesma forma, Inácia revela um discurso de resignação diante dos efeitos sociais decorrentes da seca, pois, para ela, *“não... sempre eu peço a Deus um bom tempo. Assim... se for do jeito que tá tendo mesmo é coisa de Deus mesmo, né? A gente num tem... num pode fazer nada a respeito dessas coisa assim”*. Sendo assim, também percebemos que o fenômeno relacionado ao modo como as pessoas vivenciam a situação de pobreza no contexto rural chamado de fatalismo ou síndrome fatalista (MARTÍN-BARÓ, 1998) fez forte das narrativas de nossos entrevistados quando perguntamos o porquê de existir a seca.

É por que tá escrito aqui no livro que tem que passar por aquilo dali, que tem que acontecer, que é daquele jeito. Eu não sei explicar o porquê. Ou se é por que a gente peca demais e vem as consequência pra sofrer. Não posso entender, só... se o pessoal diz que é Deus, né, que é de Deus a chuva. Então só ele sabe o porquê que a gente tem tanta dificuldade sem inverno, né? Eu acho assim que é difícil pra gente. (SEVERINA, ENTREVISTA).

O fatalismo é uma categoria psicológica que anuncia o modo de funcionar do psiquismo, em que o presente e o futuro são percebidos como predeterminados, fazendo com que os sujeitos aceitem os acontecimentos passivamente, sem questionamentos ou inquietações. Segundo Blanco e Díaz (2007), as manifestações do fatalismo no mundo atual estão marcadas pelo clima de incerteza, insegurança e indefinição, característico da sociedade de risco global. Com isso, tem-se que o fatalismo é expresso em dois tipos: o individualista, que é uma estratégia de adaptação às contingências aleatórias, às ameaças incontrolláveis; e o fatalismo, caracterizado pela aceitação passiva de um destino inevitável emanado de uma força natural ou sobrenatural. Neste sentido, o fatalismo (MARTÍN-BARÓ, 1986) se inscreve como um fenômeno intimamente relacionado ao modo com que os indivíduos experimentam essas condições de vida

Nota-se que os sentimentos de impotência evocados diante da realidade vivida pelo fenômeno natural da seca intensificam a dura realidade social e econômica dos nordestinos, tão dificultada pelos estragos devastadores da seca, que se prolongam de geração

em geração, fazendo desse fenômeno um dos grandes responsáveis pela naturalização da miséria, pobreza e desigualdade social.

O fatalismo é marcado pelo conformismo dos grupos de pessoas com as condições deploráveis de existência e com um regime de vida opressor. Expõe, ainda, sobre a visão que a pessoa tem sobre o mundo, seu entorno e as relações que estabelece. Refere-se a uma postura adotada pelos sujeitos sobre si e acerca da sua vida e

Constitui uma relação de sentido entre as pessoas e o mundo ao que se encontram fechado e incontrolável, que dizer, se trata de uma atitude continuamente causada e reforçada pelo funcionamento opressor das estruturas macro sociais. A criança das favelas [...] introjeta o fatalismo não como uma herança paterna e como fruto de sua experiência frente a sociedade. (MARTÍN-BARÓ, 1986, p. 89-90, tradução nossa).

O fatalismo pode ser examinado em uma tripla vertente, afetiva, comportamental e ideacional (MARTÍN-BARÓ, 1986). Na dimensão dos sentimentos, há a resignação perante o próprio destino, o distanciamento emocional e a aceitação do sofrimento; nas ações, há a submissão, o conformismo, a passividade e a falta de memória e perspectivas; já as ideias se caracterizam pela pré-definição da vida e pela religião. Neste sentido,

Entrevistadora: Como você acha que podemos acabar com a seca?

Cícero: Não tem quem resolva não. Resolve assim... pra escapar pra passar a seca, tem que saber se manter né... se tiver um bichim vender... esperar por um tempo bom. Porque o tempo da seca tem jeito não, já ficou marcado... não tem pedido que dê jeito não. Pode rezar, já ficou certo... a seca né.

Inácia: Dependendo assim do inverno, né? Quando é um inverno bom a gente... tudo é bom, tudo é legal. Mas se for um inverno ruim, tudo fica mais difícil. Aí como é que a gente pode acabar com uma coisa que é coisa da natureza? Acredito que é coisa de Deus mesmo. Se Deus fez o mundo assim, a gente tem que atravessar uma coisa do jeito dele, né? A gente só precisa de força, num mandado do Espírito Santo pra gente tentar atravessar. Nós aqui do interior nós sofremos mais do que se quando num tem inverno pra nós trabalhar. (ENTREVISTA).

No relato emocionado de Severina sobre a Figura 14, ao perguntarmos sobre sua emoção, ela responde que *“é por que eu passo, às vezes, por coisas muito difíceis. [...] aí não dá certo, a gente vai viver com aquilo ali só, eternamente. Nunca vai mais ser como a gente esperava ser”* percebemos elementos relacionados ao que Martín-Baró (1998) chamou de desesperança aprendida.

Figura 14 – O poder divino e a relação do homem com a terra



Fonte: Ramos (20-014).

Severina: É muito, muito triste mesmo a pessoa se achar numa condições assim sem poder plantar, que isso aqui é tudo, é gente que vive disso. Quando se acha numa condição dessa é num momento de desespero, né? Às vezes, a maioria das pessoa, só vive disso mesmo... de plantar. É muito desespero, né?

Entrevistadora: Desespero como?

Severina: Porque é desespero demais mesmo. Tem gente que chora, tem gente que quando tá num momento desse, chora! Chora com certeza! Porque eu já vi demais! Demais mesmo! Tem gente que fica com depressão... Sofrimento muito mesmo, principalmente quando a pessoa vive só disso aqui. Num tem outra, outro movimento pra viver... Aí é triste, viu? (ENTREVISTA).

A desesperança aprendida é outro fenômeno manifesto ante os investimentos frustrados em mudar a realidade. Os resultados não correspondem às ações realizadas. A repetição de situações de frustração diante dos intuitos não alcançados contribui para o desenvolvimento de uma síndrome psicológica expressa por uma tendência à passividade, perda da motivação, desenvolvimento de respostas comportamentais rígidas e manifestação de sintomas emocionais, como medo e depressão (RODRÍGUEZ, 2009).

Severina, ao falar sobre sua experiência e vivência de perdas na produção, assim como de seu conhecimento de que outras pessoas conhecidas também passaram pelo mesmo, ela acredita que

Se você num consegue fazer o, o... a, a... a terra vingar o que você quer... Como é que você vai comprar o milho... Como é? Comprar o arroz, o macarrão, a carne, essas coisa que a gente não pode plantar, né? É difícil... Aí pessoa entra em estado de depressão, de tristeza (SEVERINA, ENTREVISTA).

Ao falar sobre a Figura 14, Gonzaga associa a imagem à religiosidade e à crença em dias melhores. Para ele, é *“uma pessoa que tá pedindo alguma coisa a Deus. Eu acho que ele tá falando bem alto. Eu acho que é chuva. Tá tudo seco aqui embaixo. Só pode ser chuva. Eu acho que ele tá pedindo a Deus a chuva pra resolver o problema dele”*.

Nas comunidades rurais, a instabilidade climática decorrente da seca, aliada ao acesso precário às ações assistenciais e de infraestrutura, corrobora este sentimento de desesperança, quando os sujeitos observam que, em seu cotidiano, a alimentação é precária, a produtividade agrícola foi perdida, os rendimentos financeiros estão restritos e a população está vulnerável aos adoecimentos recorrentes. E, “diante da impossibilidade de se fazer qualquer coisa pelo poder determinante que fatores têm sobre nossas vidas, o homem perde seu sentido de luta pela concretização de seus sonhos, sente-se predestinado ao seu destino e incapaz de agir sobre ele.” (GUZZO; LACERDA JR., 2007, p. 233).

A controlabilidade limitada dos perigos (BLANCO; DIÁZ, 2007) vivida pelas sociedades atuais, mas que se acentua junto às populações vulneráveis às mudanças climáticas, contribui para que se estabeleça uma sensação de constante insegurança pessoal e social. Para Guimarães, as expectativas com relação ao futuro foram expressas da seguinte forma

Do futuro? É...tem que esperar coisa boa, embora que num venha, mas tem que esperar... por que o povo sempre vem dizer que ‘quem espera por Deus não cansa’. Sempre! um dia vai melhorando mais, né? Tem que melhorar, por pouco que melhore mais melhora, né? (GUIMARÃES, ENTREVISTA).

Nas narrativas, percebemos pontos relacionados a insegurança quanto ao futuro, na fala de Severina, em que existe a preocupação relativamente à circunstância de seca pela qual estamos passando hoje e nos próximos anos.

Quando tem um inverno, eles num imaginam no próximo ano, se tem ou se não tem, nunca tão preparado. Aí, tá aí, né? Esse ano já num teve, no próximo ano a gente não sabe, só Deus vai saber, né? Se a gente vai ter um bom, um bom inverno. E se for um invernim fraco, também, não vai cobri a falta de água, de jeito nenhum, por que o açude vai cada vez mais ficando mais seco. E aí, se for um inverno escasso esse ano não vai tomar água, nadinha, né? Aí vai ficar na mesma situação, a gente, talvez, vai beber até água de cacimba, se não tiver inverno no próximo ano. Inverno suficiente. Por que chuvinhas tem, mas inverno suficiente pra criar água é difícil. (SEVERINA, ENTREVISTA).

Conforme Martín-Baró (1998), a insegurança está relacionada às próprias crenças das pessoas, ao próprio julgamento, aos sentimentos que experimentam, ao que é bom ou mal, ao que podem e devem fazer e ao que não podem nem devem fazer. Submeter a pessoa a

situações de insegurança representa, segundo este raciocínio, o modo mais rápido e tranquilizador de fazê-la aceitar a suposta existência de uma verdade oficial e se submeter a “uma ordem estabelecida” (MARTÍN-BARÓ, 1998, p. 232), desvinculada de sua realidade e indiferente as suas necessidades.

Ao perguntarmos a Inácia como seria possível melhorar a vida quando se está vivendo em período de seca, ela responde, que

Inácia: Da nossa parte aqui mesmo, dos interior, só um bom inverno. Deus mandando um bom inverno, tudo melhora [...] Dependendo assim do inverno, né? Quando é um inverno bom a gente tudo é bom, tudo é legal. Mas se for um inverno ruim, tudo fica mais difícil. (ENTREVISTA).

Para Cícero, *“nóis num pode resolver o negócio da seca né... resolver assim, passar a seca né, passar o tempo da seca, passar, mas... livrar da seca não tem quem possa não. Se é seco o tempo ninguém pode. Agora a gente passar a seca né, a gente dá um jeito e trevesa”*. Percebe-se que posicionamentos pessoais de servilismo, fatalismo e violência, que constituem modos de viver enrijecidos, têm como objetivo “[...] proteger os sujeitos de condições sociopsicológicas adversas às quais estão submetidos” (CIDADE; MOURA JUNIOR; XIMENES, 2012, p. 93), ou seja, constroem-se formas de subjetivação que muitas vezes protegem a pessoa de maiores riscos e adoecimentos do psiquismo, mas que geram heteronomia, conformismo, falta de ação e perspectivas.

A perpetuação do fatalismo é possível à medida que são mantidas relações de opressão resultantes de contextos marcadas pela pobreza. Mesmo, porém, vivendo nessa situação, segundo Sawaia (2005) e Góis (2008), o ser humano deve ser encarado como repleto de potencialidades, pois, embora existam estruturas cerceadoras de liberdade, há, em contrapartida, possibilidades de mudança e de transformação. Neste sentido, o relato de Gonzaga traz consigo elementos possíveis de que a pessoa pode encontrar as mais variadas opções para sobreviver em condições de existência desumana, demonstrando, com isso, seu potencial de (re)agir perante as condições adversas.

É... de primeiro, a gente... o apoio que a gente pedia maior era Deus, sabe? Hoje a gente ainda se lembra de Deus, que é quem resolve o problema da água, quem resolve é ele. Agora, a gente também cobra dos nossos governantes. A gente cobra que a gente já devia ter uma estrada. A gente cobra que já devia ter poço profundo. A gente cobra que já devia ter um posto de saúde bem equipado. A gente cobra que já devia ter um policiamento visitando Canafístula, então, a gente já divide esse pensamento, que, de primeiro, a gente só pensava em Deus, que resolvia tudo, já tá dividindo com essas pessoas. (GONZAGA, ENTREVISTA).

A seca, como evento climático extremo e fenômeno da natureza, que ocorre com regularidade e frequência nas regiões semiáridas, tem impactos incidentes na dimensão social e objetiva (no Ambiente, na Economia, na Política, na Cultura e na História comunitária) e na dimensão psicológica e subjetiva dos sujeitos (no modo de pensar, agir e viver). Com origem nessa dialética, é possível perceber que a seca traz implicações psicossociais na vida dos sujeitos. Daí por que alguns moradores poderão encontrar estratégias de convivência com a seca, ou, com o impedimento de encontrar formas de convivência e desenvolvimento das potencialidades individuais, coletivas e comunitárias terão dificuldade em transformar meios formas de superar os impactos provocados pela seca.

A concepção de pobreza multidimensional da Abordagem das Capacitações, elaborada por Sen (2000) integra estudos multidisciplinares, que trazem as dimensões de saúde, educação, habitação, lazer, segurança e padrão de vida como indicadores de análise da incidência de pobreza. Ao conceber a noção de que todo ser humano é dotado de um potencial ativo de transformação da sociedade, esta Abordagem traz à pauta da discussão quais elementos estão intervindo de modo a limitar o exercício destas potencialidades e as vivências de bem-estar dos sujeitos. A pobreza, nesse sentido, interfere nas capacitações do sujeito de exercer seus funcionamentos, que são relativos ao que a pessoa pode fazer e ao que a pessoa pode ser em variadas dimensões da vida (ALKIRE, 2005; SEN, 2000). Cabe, porém, ao Estado e à Sociedade, o compromisso social para o fortalecimento e a proteção das capacitações humanas (SEN, 2000).

As grandes extensões territoriais que caracterizam o contexto rural nordestino, atrelado às dificuldades de acesso às ações públicas assistenciais e à dependência de elementos climáticos, tal como a necessidade da chuva, para que possam obter rendimentos a partir de suas práticas agrícolas, colocam os sujeitos em situação de constante insegurança, o que reforça a perpetuação do círculo perverso da pobreza: família pobre, educação incompleta, desemprego, pobreza, falta de acesso a bens essenciais, como água potável, instalações sanitárias, eletricidade, má saúde, dificuldades profissionais (KLIKSBURG, 2002). Muitas vezes se recorre ao abandono da terra e do lugar de moradia, com movimentos migratórios para as metrópoles em busca de melhores condições de vida. Com isso,

[...] a escassez e a miséria não apenas se reterritorializam, como também se tornam mais complexas: a migração provoca perdas culturais e familiares irreparáveis, e desagregam os núcleos sociais mais básicos (família e comunidade) [...] (MATOS, 2012, p. 3).

Com efeito, percebe-se que determinados aspectos objetivos (econômicos, políticos, institucionais e ambientais) característicos da região Nordeste, inter-relacionados a aspectos subjetivos (modo de vida) da vivência da seca, trazem implicações psicossociais ao processo doença/saúde mental da população pobre de comunidades rurais. Concordamos com a Comissão Nacional sobre Determinantes Sociais da Saúde (2008, p. 72), quando refere que “Os indivíduos apresentam respostas diferentes a estímulos semelhantes em função das suas condições de vida”, e, por esse motivo, a explicação para o processo doença/saúde mental deve perpassar a relação intersubjetiva das questões sociais e psicológicas da vida cotidiana dos sujeitos.

A aproximação da Geografia e da Economia com as Ciências Naturais fez com que o determinismo da natureza explicasse as manifestações de ordem geográfica sobre as populações mediante uma causa natural. O determinismo geográfico e a naturalização do fenômeno configuram-se também como fatores de ordem simbólica e ideológica que lhes confere um caráter de cotidianidade atemporal. A ideologia caracteriza-se como a base simbólica em que se sustenta e se mantém um determinado modo de vida, configurando, assim, em uma relação dialética, os processos de consciência dos sujeitos. Martín-Baró (1998) nos expressa a necessidade de desideologizar o cotidiano desde sua historicização, que traz a ampliação da consciência. Assim, historicizar a seca no Nordeste é imprescindível para a superação dos determinismos e naturalizações.

4.3 A convivência com a seca como estratégia de saúde mental

Atualmente, o cenário acadêmico dedica espaço para debater e refletir sobre a questão do sofrimento mental nos espaços rurais (ARAÚJO *et al.*, 2013), no entanto, Consoante Dias (2006), é possível perceber que, nos estudos sobre o tema condições de vida, trabalho, saúde e doença no contexto rural, é recorrente a associação com atividades que utilizam de instrumentos rudimentares, em que os trabalhadores vivem em condição de pobreza, marginalizados socialmente, e que sua saúde é prejudicada constantemente por intoxicação de agrotóxicos. Para essa autora, outros problemas também necessitam ser estudados.

Algumas pesquisas realizadas no Brasil já apontam questões relacionadas à saúde mental da população no contexto rural, como é o caso do estudo de Levigard e Rozemberg (2004, p. 1516) em que realizaram uma pesquisa junto aos profissionais de saúde de um serviço de atenção primária no Município de Nova Friburgo, no qual foi relatado o feito que,

entre os diversos problemas de saúde elencados pelos trabalhadores rurais, está a “queixa de nervoso”, e, ante este fato, esses trabalhadores faziam o uso de medicamentos do tipo calmante com certa frequência. Em nossa busca bibliográfica observamos que são insuficientes os estudos envolvendo a saúde mental e os impactos das mudanças climáticas extremas vivenciados pela população.

Confalonieri e Marinho (2007) destacaram o reconhecimento da possibilidade de o clima afetar a saúde/saúde mental da população. O IPCC reconhece três mecanismos pelos quais os eventos climáticos podem afetar a saúde da população:

Efeitos diretos dos eventos climáticos extremos: Estes afetam a saúde através de influências sobre a fisiologia humana (por exemplo, ondas de calor) ou provocando traumas físicos e psicológicos em acidentes, como em tempestades, inundações e secas.

Efeitos sobre o meio ambiente, alterando fatores determinantes da saúde humana. Exemplos mais relevantes são efeitos do clima afetando a produção de alimentos, a qualidade da água e do ar e a ecologia de vetores (por exemplo, mosquitos) de agentes infecciosos.

Efeitos dos eventos climáticos sobre os processos sociais, determinando rupturas socioeconômicas, culturais e demográficas importantes. Um exemplo é a migração de grupos populacionais, desencadeada por secas prolongadas, que afetam principalmente populações que dependem da agricultura de subsistência (CONFALONIERI; MENNE, 2007 *apud* CONFALONIERI; MARINHO, 2007, p. 50, grifos nossos).

Os impactos que a seca causa na saúde da população não é uma questão nova, e sabemos que, durante o período de seca há escassez de alimentos e uma má nutrição da população. Por tal motivo, “[...] causa mal estar psicológico e social no homem e na mulher e, sem dúvida, transtornos orgânicos na família rural, que tem sua alimentação totalmente desequilibrada.” (FISCHER; ALBUQUERQUE, 2002, p. 7).

Entrevistadora: Como você acha que a seca atinge a saúde?

Severina: Atinge tudo. Quando falta aqui o necessário que a pessoa precisa, atinge tudo. Dá preocupação... Dá preocupação... Dá desespero... Demais! Demais mesmo! Tem gente que fica com depressão... Sofrimento muito mesmo, principalmente quando a pessoa vive só disso aqui.

Em nossa pesquisa, utilizamos a Escala de Saúde Mental SRQ-20. O resultado encontrado entre os sujeitos participantes da pesquisa para a prevalência do Transtorno Mental Comum (TMC) foi estimado em 36% (63 pessoas). Esta prevalência está um pouco acima da encontrada em estudos realizados no Brasil que revelam a prevalência de 17% a 35%. Moreira *et al.* (2011), no entanto, chegaram a encontrar prevalência que variava de 43,70% em populações assistidas pelo programa Saúde da Família. Portanto, segundo dados

da literatura, há uma divergência nas taxas de prevalência de TMC que variam de acordo com os diversos contextos e população alvo.

A proporção, segundo o sexo de prevalência para TMC, encontrada em nosso estudo, foi de 84,5% (49) para o sexo feminino. Para Moreira *et al.* (2011), em estudos internacionais, a prevalência de TMC está associada a baixo nível socioeconômico e a baixa escolaridade. Acrescentam, ainda, que há um maior risco de TMC para o sexo feminino e em pessoas adultas/idosas.

Em uma investigação sobre a prevalência de TMC em trabalhadoras rurais de um assentamento de reforma agrária no Nordeste brasileiro, Silva, Dimenstein e Leite (2014) encontraram 43,6% de suspeição diagnóstica para as mulheres, apontando, assim, elevado índice para o contexto estudado, em que as situações de vulnerabilidade pessoal e social são inventariadas pelas mulheres como deflagradores de tal sofrimento. Podemos constatar que os estudos internacionais trazem uma porcentagem condizente com a indicada por esta pesquisa, assim como observamos uma porcentagem significativamente maior de TMC em mulheres.

Santos (2006) refere que os estudos que utilizam o SRQ-20, no Brasil, devem considerar a realidade local, tendo em vista a diversidade das regiões brasileiras. No caso do Nordeste, os aspectos sociodemográficos exprime como um fator importante de diferenciação para a detecção dos TMC. Estão na Tabela 3 os dados válidos encontrados na análise de frequência da SRQ-20 para os sujeitos participantes desta pesquisa.

Tabela 3 – Dados de análise da Frequência da Escala de Saúde Mental – SRQ-20

Fatores do SRQ-20	Frequência Simples as respostas positivas (n)	Frequência Relativa as respostas positivas (%)	Frequência Simples as respostas negativas (n)	Frequência Relativa as respostas negativas (%)
Diminuição da energia				
Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento).	46	26,3%	129	73,7%
Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias.	56	32%	119	68%
Tem dificuldades para tomar decisões.	82	46,9%	93	53,1%
Sente-se cansado(a) o tempo todo.	48	27,4%	127	72,6
Tem dificuldade de pensar com clareza.	61	34,9%	114	65,1%
Cansa-se com facilidade.	56	32%	119	68%
Sintomas somáticos				
Dorme mal.	67	38,3%	108	61,7%
Têm sensações desagradáveis no estômago.	47	26,9%	128	73,1%
Tem dores de cabeça frequentes.	80	45,7%	95	54,3
Tem má digestão.	42	24%	133	76%
Tem tremores nas mãos.	39	22,3%	136	77,7%
Tem falta de apetite.	46	26,3%	129	73,7%
Humor depressivo-ansioso				
Sente-se nervoso(a), tenso(a) ou preocupado(a).	111	63,4%	64	36,6%
Tem se sentido triste ultimamente.	74	42,3%	101	57,7
Assusta-se com facilidade.	69	39,4%	106	60,6%
Tem chorado mais do que costume.	35	20,1%	139	79,9%
Pensamentos depressivos				
Tem perdido o interesse pelas coisas.	35	20%	140	80%
É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida.	30	17,1%	145	82,9%
Sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo.	20	11,4%	155	88,6%
Tem tido ideia de acabar com a vida.	16	9,1%	159	90,9

Fonte: Elaborado pela autora.

*Foi considerado apenas o percentual válido.

Segundo a Tabela 3, a maior frequência de resposta positiva encontrada foi para a questão sobre se a pessoa se sente nervosa, tensa ou preocupada com relação aos últimos 30 dias que antecederam a aplicação do SRQ-20. Encontramos nos sujeitos participantes da pesquisa que 63,4% (111 pessoas) responderam sim a essa pergunta.

Entrevistadora: Você nos disse que as pessoas que vivem da terra, da agricultura quando passam por uma seca sentem desespero, como seria esse desespero?

Severina: A pessoa entra em estado de depressão, de tristeza. Tem até a... Como é que a gente diz? ... estressado... fica estressado, muda... muda o visual da pessoa, com certeza, né? Então assim, se a pessoa tivesse... Não vou dizer tudo que quisesse, mas o necessário, sem ter dificuldade nenhuma, a vida das pessoas seria melhor, porque seria... Ia ter menos preocupação, né? Sua mente ia tá mais calma, mais... Como é que eu digo? Mais assim, com bom astral pra você... né? Viver. E é difícil mesmo, a pessoa passar por um momento difícil sem puder resolver, sem ter ajuda, sem ter um ombro amigo, sem ter nada... É difícil! (ENTREVISTA).

A Fundação Oswaldo Cruz (2011, p. 11) corrobora o mesmo pensamento que Severina, pois refere que a vivência da seca, a escassez de água e de alimentos, “[...] todos estes eventos podem produzir estresse, depressão e outros problemas de saúde mental, além do aumento do risco de doenças transmissíveis.” Foi possível observar maior frequência de resposta negativa para as perguntas relacionadas ao fator de pensamentos depressivos do SRQ-20. Com isso, acreditamos que a fé, a religiosidade, a crença, a esperança, a solidariedade e a fraternidade do povo nordestino tenham contribuído para esse resultado.

Para Pignatti e Castro (2010, p. 3222), “A fragilidade/resistência da vida humana tomada no sentido ambíguo sugere o olhar para a dinâmica da vida de grupos populacionais específicos”, no caso deste estudo, a população de comunidades rurais do Semiárido nordestino que vivencia a realidade da seca. Na Inter-relação das Implicações Psicossociais da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1, ver p. 17), percebemos que a naturalização da seca pode fragilizar o modo de vida da população e causar implicações psicossociais no processo doença/saúde mental.

Em nosso estudo, encontramos, dentre os sujeitos participantes da pesquisa, o total de 27 pessoas, ou seja, 30,3% da amostra total de nosso estudo, que estão em situação de pobreza multidimensional e tem prevalência para o TMC. Para Costa e Waquil (2008, p. 6), as secas desastres climáticos eminentemente sociais, pois “[...] trazem consigo a fome, desaparecimento de espécies de sementes crioulas, a perda de patrimônio, de rebanho, migração, a falta de perspectiva, doenças físicas e mentais e o desamparo”, podendo afetar a dimensão psicológica dos sujeitos e, quanto mais períodos de seca ocorrerem, mais a população estará frágil e vulnerável para encontrar formas de enfrentamento e superação.

Entre os relatos sobre o sentimento de tristeza e a vivência da seca, percebemos como marcante a relação entre os sujeitos participantes da pesquisa com os animais. Para Cícero, se a seca persistir nos próximos anos, será um desastre para todos, pois “*vai ser grande demais, Deus o livre for ruim ano próximo, vai ser ruim pra todo mundo, pra bicho, até pra gente que falta água, né? E a água é o principal né, pra gente beber dá pra aguentar comprar, agora o problema é os bicho*”. A seca pode ser considerada um fator estressante para as populações que vivem nas regiões do semiárido nordestino (FERREIRA; BONFIM, 2013).

Favero (2012) refere que a seca é um desastre, pois desafia a capacidade dos sujeitos que a vivenciam, e tem maior incidência sobre a população rural. Além disso, “[...] a dificuldade em se fazer avanços na prevenção das consequências da seca, podem estar

situadas dentro de um contexto histórico e social onde as estratégias paliativas servem como mecanismos de visibilidade política [...]” (FAVERO, 2012, p. 30), ou seja, há um interesse na manutenção desse problema. Para essa autora, no entanto, as secas não causam apenas impactos econômicos e sociais, pois, dentre as consequências, ela destaca os impactos psicológicos, sendo o nível de perdas, a disponibilidade dos recursos e o apoio social um recurso importante para o enfrentamento do estresse psicológico.

Para Seixas *et al.* (2011), é importante considerar a dimensão subjetiva dos sujeitos e a vivência da população perante as mudanças climáticas, destacando os aspectos relacionados à saúde mental. Para esses autores, as mudanças socioambientais alteram o trabalho e a vida dos sujeitos, ou seja, o modo de vida, contribuindo para o aumento do estresse e de tensões, ensejando sofrimento diante das dificuldades encontradas no cotidiano.

Logo, é com apoio nos modos de vida que podemos compreender como as condições da dimensão objetiva são vivenciadas pelos sujeitos, considerando que os modos de vida nos remetem “[...] aos valores, tradições e códigos morais presentes nos seus universos simbólicos” (SCOPINHO, 2010, p. 1576), e que os sujeitos constroem, reconstróem e partilham sentidos sobre a realidade vivida por eles em seu cotidiano, para, além de interpretá-la, também transformá-la. Scopinho (2010) refere que um aspecto importante a ser destacado para entender a saúde é a relação direta entre os sujeitos e o meio ambiente, em que “Um ambiente saudável depende diretamente da relação que o homem estabelece com a natureza através do trabalho, que na agricultura envolve a preservação da vida nos rios, nas matas e no ar.” (SCOPINHO, 2010, p. 1577).

Em nosso estudo da Inter-relação das Implicações Psicossociais da Seca em Moradores de Comunidades Rurais (FIGURA 1, ver p. 17), é possível perceber elementos que constituem os modos de vida da população rural e que alguns desses elementos podem ser percebidos nas diversas formas de expressão artística, pois, segundo Albuquerque Jr. (1999), a imagem que se tem do Nordeste é associada a terra seca, abandonada, marginalizada, em que o povo vive na miséria e na pobreza. No caso da música popular brasileira, temos alguns exemplos em que o clima é descrito por meio de uma imagem de seco, seca.

A boiada seca / Na enxurrada seca / A trovada seca / Na enxada seca / Segue o seco sem secar que o caminho é seco / Sem sacar que o espinho é seco / Sem sacar que seco é o Ser Sol (BROWN, 1994).

Neste cenário seco, a vida é mostrada como inviável para o local. Luiz Gonzaga e Humberto Teixeira (1947), em *Asa Branca* também expressam essa realidade: “Que braseiro que fornalha / Nem um pé de plantação / Por falta d’água perdi meu gado / Morreu de sede

meu alazão / Até mesmo a Asa Branca / Bateu asas do sertão”. A seca é associada ao castigo divino, e o poeta Patativa do Assaré, em *A triste partida* descreve a naturalização deste fenômeno

Ai, ai, ai, ai / [...] / Sem chuva na terra / Descamba Janeiro, / Depois fevereiro E o mesmo verão / Meu Deus, meu Deus / Entonce o nortista / Pensando consigo / Diz: "isso é castigo / não chove mais não" / Ai, ai, ai, ai / Apela pra Março / Que é o mês preferido / Do santo querido / Sinhô São José / Meu Deus, meu Deus / Mas nada de chuva / Tá tudo sem jeito / Lhe foge do peito / O resto da fé / Ai, ai, ai, ai. (ASSARÉ, 1998).

As relações sociais são perpassadas pelo coronelismo

[...] É doutor deputado, é doutor coroné / É um pão, é uma feira, é um remédio no pé / É um poço, é uma pipa, é um cantor, é uma fã / É a troca e o troco, é depois de amanhã / É a seca de março torrando o sertão / É a promessa devida da outra eleição / É a seca de março torrando o sertão / É a promessa devida da outra eleição / É pau, é pedra, é o fim do caminho. (QUIRINO, 2001).

A seca não afeta somente as áreas rurais, pois, no contexto urbano, ela se mostra por intermédio dos processos de migração e dos preços elevados dos produtos agrícolas. Vital Farias, em *Veja Margarida* expressa a relação campo-cidade e a ideia da cidade prometida

Veja você, arco-íris já mudou de cor / E uma rosa nunca mais desabrochou / [...] / Veja meu bem, gasolina vai subir de preço / E eu não quero nunca mais seu endereço / Ou é o começo do fim ou é o fim... / Eu vou partir / Pra cidade garantida, proibida / Arranjar meio de vida, Margarida / Pra você gostar de mim. (FARIAS, 1980).

As famílias que permanecem no rural resistem e enfrentam as condições do agravamento na pobreza e miséria em que faltam trabalho, chuva e água. Permanecer e lutar pela democratização do acesso à terra e a água é um desafio. Chico César e Vanessa da Mata (1999) escrevem a música *A força que nunca seca*, e nela expressam a força e a resistência da população rural em busca de sobrevivência, onde “já se pode ver ao longe / A senhora com a lata na cabeça / Equilibrando a lata vesga”. Chico Buarque, em *Funeral de um lavrador*, dá voz à morte e vida de todos nós, que somos um pouco Severino.

Esta cova em que estás com palmos medida / É a conta menor que tiraste em vida / É a conta menor que tiraste em vida / É de bom tamanho nem largo nem fundo / É a parte que te cabe deste latifúndio / É a parte que te cabe deste latifúndio / Não é cova grande, é cova medida / É a terra que querias ver dividida / É a terra que querias ver dividida. (BUARQUE, 1968).

As políticas públicas de caráter emergencial amenizam o sofrimento, porém não tiram as pessoas da condição de pobreza. O povo clama por medidas que sejam de convivência com o Semiárido, e, no canto de Luiz Gonzaga, em *Vozes da Seca*,

Seu doutô os nordestino têm muita gratidão / Pelo auxílio dos sulista nessa seca do sertão / Mas doutô uma esmola a um homem qui é são / Ou lhe mata de vergonha ou / vicia o cidadão / [...] / Livre assim nós da ismola, que no fim dessa estiagem / Lhe pagamo inté os juru sem gastar nossa corage / Se o doutô fizer assim salva o povo do sertão / Quando um dia a chuva vim, que riqueza pra nação! Nunca mais nós pensa em seca, vai dá tudo nesse chão / Como vê nosso destino mercê tem nas vossa mãos. (GONZAGA; DANTAS, 1988).

A seca e suas consequências multidimensionais na saúde, que se agravam ante a elaboração de políticas públicas não eficazes e apenas contingentes, configuram-se como elementos que impõem limitações para o exercício das capacitações (SEN, 2000) dos sujeitos, ao situá-los à mercê da vulnerabilidade e dos riscos decorrentes das variações climáticas. Neste sentido, as implicações psicossociais da seca fazem com que os sujeitos tenham dificuldade em conviver com os impactos sociais da seca.

Atualmente, com a intervenção dos movimentos sociais, governamentais e não governamentais, fala-se na perspectiva de estratégias de convivência com o semiárido.

Conviver com o Semiárido significa viver, produzir e desenvolver-se, não dentro de uma mentalidade que valoriza e promove a concentração de bens, mas sim enfatiza a partilha, a justiça e a equidade, querendo bem à natureza e cuidando de sua conservação. Conviver com o Semiárido não significa apenas empregar tecnologias diferentes, quer sejam baratas ou caras. Significa abraçar uma proposta de desenvolvimento que afirma ser o semiárido viável, ser o seu povo inteligente e capaz, ser a natureza do semiárido rica e possível, desde que os seres humanos com ela se relacionem de modo respeitoso e que haja políticas públicas adequadas. (BAPTISTA; CAMPOS, 2013, p. 52-53).

Nesta perspectiva da convivência com o semiárido, o desafio deixa de ser o “combate à seca”, a luta contra o fenômeno natural, e passa a ser a compreensão do espaço e do território e a busca por formas criativas de viver e conviver com o clima semiárido. Malvezzi (2007, p. 9) refere que “O Semiárido brasileiro não é apenas o clima, vegetação, solo, sol ou água. É povo, música, festa, religião, arte, política, história. É processo social. Não podemos compreendê-lo de um ângulo só.” Esse autor fez a música *Água de Chuva de Malvezzi* (2007) em que é possível perceber a possibilidade de viver e conviver com o semiárido nordestino, desde que haja adaptação da população ao ambiente, respeitando a natureza, em que devemos

Colher a água / Reter a água / Guardar a água / Quando a chuva cai do céu / Guardar em casa / Também no chão / E ter a água se vier a precisão / No pé da casa você faz sua cisterna / E guarda a água que o céu lhe enviou / É dom de Deus, é água limpa, é coisa linda / Todo idoso, o menino e a menina / Podem beber que é água pura e cristalina / Você ainda vai lembrar dos passarinhos / e dos bichinhos que precisam de beber / São dons de Deus, nossos irmãos, nossos vizinhos / Fazendo isso honrará a São Francisco, / A ibiapina, Conselheiro e Padre Cícero / Você ainda vai lembrar que a seca volta / E vai lembrar do velho dito popular / ‘É

bem melhor se prevenir que remediar' / Zele os barreiros, os açudes e as aguadas / Não desperdice sequer uma gota d'água! (MALVEZZI, 2007, p. 30-31).

Malvezzi (2007) propõe uma visão holística do semiárido nordestino, em que é possível viver e conviver com ele desde que existam novas políticas públicas que possibilitem a convivência por meio do desenvolvimento das potencialidades individuais, coletivas e comunitárias, bem como de práticas sustentáveis e coerentes com as necessidades e possibilidades locais. O papel do Estado é fundamental para implementar novas políticas públicas de convivência com a seca e garantir os direitos sociais. Para Rachel, o Governo tem que apoiar a população e dar possibilidade de viver no meio rural, pois *“eles existem pra isso mesmo, né?”*.

A convivência com o semiárido

Implica e requer políticas públicas permanentes e apropriadas que tenham como referência a expansão das capacidades humanas, sendo necessário romper com as estruturas de concentração de terra, de água, do poder e acesso aos serviços sociais básicos. (SILVA, 2007, p. 477).

Neste sentido, concordamos com o Plano Setorial da Saúde para Mitigação e Adaptação à Mudança do Clima (BRASIL, 2013b, p. 26), ao afirmar que as políticas públicas devem levar em consideração as necessidades individuais da população e coletivas da comunidade, buscar sempre formas sustentáveis de crescimento econômico, diminuição ou erradicação da pobreza e desigualdades sociais. O desenvolvimento sustentável tem grande relevância para a convivência com o semiárido nordestino, pois valoriza os aspectos sociais, ambientais e a cultura local, sem esquecer a importância dos aspectos econômicos (SACHS, 2008).

No relato dos entrevistados, quando perguntamos qual seria a solução para acabar com a seca, e como seria possível melhorar a vida em períodos de seca, notamos que muitos relatos trouxeram a construção de cisternas e o armazenamento de água como uma solução viável.

Entrevistadora: Como seria possível acabar com a seca?

Gonzaga: Pra acabar com a seca, meu amor, eu acho difícil, entendeu? Agora pra melhorar as condições na época de seca, é fácil, é como já lhe falei. Cisternas, né, pra alguém que tenha o espaço pra cisterna. Mesmo que não tenha, assim, que seja do projeto do governo, que venha do governo, essas coisas, mas que a pessoa tenha condições, própria mesmo, de fazer aquele armazinho, né? Por que os projeto que vem do governo é, assim, um pouco complicado, né? Por que a gente, né, nem todo mundo tem o local preparado pra fazer, que nem essas cisterna que vinham agora, não pode ser perto de fossa, não pode ter pau ao redor, não pode ter nada, assim, de sujeira ao redor, né? Ter que ser um espaço bem espaçoso pra ela. (ENTREVISTA).

Severina também fala sobre a importância das cisternas, pois,

Pronto! acabava... amenizava muito, melhorava demais, assim, a falta de água. Por que enquanto tivesse tendo inverno e enchendo açude e enchendo cisterna que tivesse, né, e quando tivesse um ano, dois anos com falta de água, aqueles armazeno de água que a gente tinha guardado ia servir, né, pra um ano, dois anos, três anos, né? E um poço profundo com chafariz, né, é pra vida inteira. Acho que nunca ia faltar, né? Água pra comunidade. (SEVERINA, ENTREVISTA).

De acordo com Silva (2007, p. 467), o uso de “[...] novas tecnologias de captação e armazenamento de água de chuva, o manejo sustentado da caatinga, as tecnologias alternativas de produção e a educação contextualizada, entre outras, geram novos referenciais para a convivência” com o semiárido nordestino, favorecendo a sustentabilidade ambiental, a valorização da cultura local, as práticas econômicas apropriadas, a qualidade de vida e a cidadania da população.

As pessoas precisam, tem que se conscientizarem de economizar água, por que desperdiçam muita água. Por que, por exemplo, quem tem máquina dá pra reutilizar, né? na limpeza da casa, do banheiro, que até por que já tem o sabão que ajuda na limpeza, né? E não fazem isso. Às vezes, eu levo até o Marco assim, que diz que eu sou muito besta por que eu economizando tanto, me preocupando tanto e os outros aí desperdiçando água, usando a vontade, né? Que eles tem que reutilizar as águas evitando desperdício, né? Por exemplo, na limpeza de casa, no banheiro, lavagem de carro, nas plantações, que dá pra reutilizar, nas irrigação, por que aqui eu uso, né? Por que aqui eu reutilizo aqui que não tem mais nem como. A roupa mesmo eu vou reutilizando na outra, na próxima né? Usar também roupas mais leves, aqui o pessoal do interior só usa jeans, que às vezes eu até pergunto: ‘seis dormem de jeans é?’ Aqui é demais, o pessoal só usa o jeans, não sabe usar outra roupa. Tanto facilita na despesa, a economia da água como também pro corpo, né? Jeans é muito quente. Eu uso pouco jeans. Não faz isso não, pelo amor de Deus, o planeta tá secando!” (RACHEL, ENTREVISTA).

Gonzaga relatou uma problemática atual da comunidade da Canafístula, que, segundo ele, mobiliza a comunidade e divide opinião da população.

Gonzaga: O nosso açude, graças a Deus, até agora tá aguentando, num sabe? Mas, por causa dele ainda ter água, tá vindo as pessoas de outras localidade tirar água do açude, num sabe? Então, tá havendo... eu já tive até um desentendimento entre a comunidade, num sabe? Alguém da comunidade disse que não se pode evitar dessas pessoas tá vindo tirar água sabe? E outras pessoas acham que devia parar e não deixar que as pessoas de outras localidades venham tirar a água do açude, sabe? Então, tá tendo um desentendimento das duas, né?

Entrevistadora: O que o senhor acha?

Gonzaga: O que eu acho? Já tenho dito pra outras pessoas e vou dizer também pra vocês, o que eu acho é que não se pode negar água pra ninguém sabe? A gente não pode negar... o meu pai, minha mãe já dizia que dá de comer a quem tem fome e dá de beber a quem tem sede. Eu acho que se o açude é um açude público, e ele ainda tem água e as outras localidades não tem, eu acho que a gente não podia evitar que esse pessoal tire a água. (ENTREVISTA).

Ellis e Biggs (2001) acrescentam que o empoderamento e a participação social da população no contexto rural são fundamentais no desenvolvimento rural. Gonzaga traz a questão da participação social como elemento importante e estratégia de convivência com o semiárido.

Entrevistadora: Como resolver o problema da falta d'água?

Gonzaga: Eu acho que devia ter um movimento da comunidade, perante as autoridades, pra acabar... por que se cavar mais poço profundo, pra cá, pra todo lado cavar um poço profundo. Por que isso, mesmo se houvesse um inverno para o ano, em outra seca que vinhesse não teria mais esse problema. Eu sei que de imediato é difícil, a população tem que falar pras autoridades, ela diz que é difícil resolver isso logo, mas a gente tem que lutar por isso, tem que lutar por esses poço profundo aqui pra comunidade. (ENTREVISTA).

Na intelecção de Góis (2005, p.150), a participação social “[...] implica em que a pessoa é influenciada pelas condições e situações histórico-sociais que em geral lhe afetam materialmente e ou existencialmente, e, decide participar de atividades socialmente significativas no lugar em que vive.” Nesta perspectiva, a participação social mobiliza grupos comunitários para se sensibilizarem e mobilizarem a fim de agir sobre questões cotidianas (NEPOMUCENO *et al.*, 2013), como é o caso dos impactos psicossociais da seca.

Alves e Francisco (2009) referem que a abordagem psicossocial, especificamente na área da saúde mental, possibilita “[...] articular ciência, práticas clínicas e sociopolíticas, compreendendo os atores em seu cotidiano, o que envolve as dimensões psíquicas, sociais e culturais através das quais os protagonistas, individual e coletivamente, se posicionam.” (ALVES; FRANCISCO, 2009, p. 773). Logo, as estratégias de convivência com a seca trazem a concepção do cuidado com a saúde mental mediante uma rede de relações entre as pessoas e recursos disponíveis na comunidade.

Com o advento da Política Nacional de Saúde, instituída pela Constituição Federal de 1988, a saúde deve ser garantida a todos os cidadãos brasileiros por via de políticas públicas que reduzam os riscos de doenças e promovam a saúde em geral, cujo acesso deve ser universal, igualitário e integral, mediante ações e programas de promoção, proteção e recuperação da saúde (BRASIL, 1988). O conceito de saúde encerra essa concepção biopsicossocial dos sujeitos, reconhecendo as dimensões biológicas, sociais, culturais, históricas, ambientais e subjetivas na produção do adoecimento, em que o processo saúde-doença é resultado do modo de vida dos sujeitos. Neste sentido, “Nenhuma política de saúde poderá desconsiderar as necessidades comuns e particulares das populações e comunidades brasileiras, assim como, a busca do crescimento econômico de forma sustentável, a erradicação da pobreza e a redução das desigualdades sociais.” (BRASIL, 2013b, p. 26),

sendo, por conseguinte, importante conhecer e reconhecer que o processo doença/saúde mental acontece de forma diferente entre as populações, e que ocorre através de múltiplos aspectos e do modo de vida dos sujeitos e de suas relações sociais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância de estudos sobre a saúde mental nos contextos rurais decorrentes das mudanças climáticas ainda é um tema pouco abordado no campo da Psicologia, porém de suprema relevância para compreensão da qualidade de vida desses moradores. Dentre as elaborações teóricas-conceituais da Sociologia e da Geografia acerca dessa temática, acreditamos que as da Psicologia Comunitária que tentam responder a questões relacionadas à problemática social, econômica e ideológica, não no sentido de “psicologizar” a realidade social em que vivem os sujeitos, apontam a possibilidade desse campo de saber contribuir para a análise e proposição de ações junto às comunidades rurais que enfrentam as consequências psicossociais da seca, buscando compreender os sujeitos na relação consigo, com os outros e o meio ambiente em que vivem e convivem.

Pensar a Psicologia e sua relação com a área rural da região Nordeste é refletir no contexto das multiplicidades, diversidades e pluralidades sociais, culturais e regionais. E, além disso, a complexidade e a heterogeneidade relacionadas à vida social e produtiva dos territórios, legitimando a importância da luta dos trabalhadores pelas questões rurais contra as privações no acesso à terra, à água, à educação, à habitação, à saúde, à segurança e ao lazer, reconhecendo, de forma crítica, contextualizada e não naturalizante as desigualdades sociais decorrentes do fenômeno natural da seca.

Outro fator que justifica a importância de se pensar as implicações psicossociais da seca em contexto rural diz respeito à necessidade de trazer ao debate a constituição da Psicologia como campo de saber ideologicamente situado no contexto urbano, permanecendo por muito tempo distante da realidade rural e de suas problemáticas e potencialidades, haja vista que, com a crescente interiorização das profissões, é possível perceber que o cenário atual de atuação do profissional de Psicologia muda e avança além das metrópoles, adentrando os pequenos e médios municípios com características rurais ou estão próximos a estas comunidades. Por esse motivo, a importância de pensarmos as possibilidades e desafios da inserção da Psicologia na área rural, e refletirmos sobre o compromisso social, ético e político.

A elaboração desta pesquisa foi realizada mediante inúmeros desafios, sendo o primeiro deles o próprio interesse em estudar as implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores do contexto rural nordestino. Ante a problemática mostrada de que a seca é um fenômeno natural que incide na vulnerabilidade social vivenciada pelas pessoas, nas atividades econômicas que realizam, no contato que estabelecem com o meio ambiente,

na vivência de processos saudáveis e de padecimento, e no modo de vida da população, alguns questionamentos foram surgindo ao longo desta elaboração e chegamos à pergunta que deu partida ao nosso estudo: como se dão as implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores de comunidades rurais?

Na busca de resposta a essa questão, traçamos como objetivo geral da pesquisa ‘analisar as implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores de uma comunidade rural de um município cearense’. Acreditamos que esse objetivo foi atingindo mediante a realização dos objetivos específicos.

O primeiro objetivo específico, ‘conhecer os modos de vida desses moradores que vivenciam a realidade da seca’, perpassou todos os instrumentos de pesquisa de elaboração de dados. Nossa ida à comunidade rural da Canafistula, as entrevistas em profundidade e os relatos narrados no momento da entrevista e fora dela favoreceram nossa percepção sobre a vivência da seca pelos entrevistados, que, em sua maioria, associaram a problemática social para além da falta de água. As narrativas mostraram uma série de impactos sociais e psicológicos que incidiram sobre a vida deles por meio de privações vivenciadas decorrentes desse fenômeno, e que ainda se materializam no agravamento da pobreza rural. As narrativas sobre as privações atuais decorrentes da seca vivenciadas pelos entrevistados foram, no entanto, expostas diferentemente das vivenciadas por eles em outras épocas, quando as políticas públicas voltadas para essa problemática eram de “combate à seca”.

As mudanças que ocorreram no rural também foram percebidas na comunidade da Canafistula. As narrativas dos entrevistados indicaram que o risco de se passar fome no decorrer desse fenômeno não é mais tão constante como em outras épocas, assim como há mais apoio governamental, que visa a amenizar os impactos provenientes dessa realidade, por via de políticas públicas sociais de Estado recém estruturadas, com o intuito de fazer uma proteção social básica no campo de assistência social com o fortalecimento de vínculos afetivos e comunitários, erradicação da fome e da miséria e desigualdade social, materializados nos programas de benefícios de prestação continuada e de transferência de renda, tais como o Programa Bolsa Família e outros.

Foi possível perceber uma diminuição da necessidade dos sujeitos modificarem seus planos ou projetos em função de uma seca, assim como a existência menor de pessoas endividadas como consequência da seca. Ainda é possível notar as experiências de privações de acesso à água para consumo humano e animal, no entanto, houve diminuição considerável da saída, do campo para a cidade, de pessoas e/ou algum membro da família e não foi considerável quantitativo daqueles que tenham em sua família alguém que saiu da escola

como consequência da seca. Logo, apesar da realidade de privação ainda estar em curso na vida dos entrevistados, percebemos que também existem novas perspectivas ante o fenômeno da seca e novas estratégias de convivência com o fenômeno. A pluriatividade é a alternativa exercida pelas famílias rurais da Canafístula para superação da pobreza rural.

O segundo objetivo específico foi ‘descrever a relação entre modo de vida na seca e a saúde mental desses moradores’. Com base no modo de vida da comunidade e das relações sociais entre os sujeitos e o meio ambiente, compreendemos que os impactos da seca não podem ser separados do contexto social, e que os processos humanos que modificam o ecossistema favorecem seu impacto na saúde/saúde mental da população em geral. Buscamos realizar uma discussão ampliada sobre a saúde e a qualidade de vida, em que o olhar para saúde foi voltado para o local onde as pessoas vivem, convivem, aprendem, trocam conhecimento e constituem possibilidades de vida saudável.

O contexto rural nordestino exprime menores indicadores socioeconômicos e com isso maiores determinantes sociais da saúde em razão das desigualdades sociais e das iniquidades em saúde. Encontramos em nossa pesquisa um total de 27 (30,3%) participantes que estavam em situação de pobreza multidimensional e que apontaram prevalência para o Transtorno Mental Comum (TMC), cuja maior queixa relatada nos 30 dias que antecederam a aplicação da Escala de Saúde Mental SRQ – 20 foi a de que essas pessoas se sentiam nervosas, tensas e/ou preocupadas, assim como também foi relatado o sentimento de tristeza.

Pudemos perceber que, ante as relações entre o modo de a população rural e o agravamento na pobreza é possível que os sujeitos tenham dificuldades em conviver com os impactos sociais da seca e que assim haja no agravamento na saúde/saúde mental de quem vivencia essa realidade de privações. Neste sentido, é necessário considerar a dimensão subjetiva dos sujeitos e a inter-relação com os aspectos sociais diante das mudanças climáticas extremas, como é o caso da seca.

Buscamos, então, analisar a seca não somente do ponto de vista dos efeitos climáticos, mas sim incorporar os aspectos subjetivos relacionados a vida da população rural nordestina, como é o caso dos elementos psicológicos da submissão, a resignação e o fatalismo, a desesperança aprendida e a controlabilidade limitada aos perigos decorrentes da insegurança quanto ao futuro. A insegurança quanto ao futuro e os sentimentos de desânimo e tristeza foram os impactos psicológicos de maior relevância encontrado em nosso estudo, sobre as implicações psicossociais da seca na saúde mental.

Por fim, o terceiro objetivo específico, ‘compreender os modos de convivência da seca como estratégia de saúde mental’. Foi preciso problematizar as questões sociais,

percebendo as desigualdades e interesses políticos e econômicos por trás da “indústria da seca”. As estratégias devem ser de convivência e não de combate à seca, haja vista que esse fenômeno é característico da região do semiárido. Observamos mudanças na forma da vivência da seca relatada pelos entrevistados; percebemos que o sofrimento foi amenizado com a modificação na forma de convivência por via das novas tecnologias de captação e armazenamento de água, como é o caso das cisternas, as práticas econômicas da pluriatividade que ajudam na renda familiar, assim como as políticas públicas de convivência com a seca. Outra estratégia de convivência com a seca relatada foi a importância da participação social, em que as condições de enfrentamento da problemática seja encontrada com base nos estados reais e potenciais da comunidade e de seus moradores. Com isso houve uma redução nos impactos psicossociais negativos e, então, podemos notar que as diversas estratégias de convivência com a seca trazem consigo forma de cuidado em saúde mental.

Concluimos, pois, que determinados aspectos objetivos (econômicos, políticos, institucionais e ambientais) característicos da região Nordeste, inter-relacionados com aspectos subjetivos (modo de vida) da vivência da seca, trazem implicações psicossociais ao processo doença/saúde mental da população pobre de comunidades rurais, e com isso há influências na formação do psiquismo dos sujeitos que vivenciam a situação de desigualdade, exclusão e pobreza.

No desenvolvimento desta pesquisa, algumas dificuldades foram encontradas. Podemos citar o desafio de adentrar estudo sobre o contexto rural nordestino; fazer uso das abordagens quantitativa e qualitativa, em que foi necessário da utilização do *software* SPSS 20.0 e, para isso, uma aproximação com o estudo estatístico. A distância da comunidade da Canafístula de Fortaleza foi outra dificuldade encontrada, visto que foi necessário para ir a comunidade uma organização entre nós e os membros do campo rural integrantes do NUCOM. O fato de utilizarmos dados provenientes de uma pesquisa anterior dificultou encontrarmos todas as informações pessoais dos participantes, tais como: nome, endereço, telefone, haja vista que a comunidade da Canafístula possui outras localidades mais distantes e nem todas pessoas são conhecidas por todos.

Como facilidade encontramos a participação no grupo de pesquisa sobre “Impactos da pobreza no desenvolvimento da saúde comunitária: avaliação psicossocial das comunidades do Bom Jardim (Fortaleza) e da Canafístula (Apuiarés/Ceará)”. Foi com suporte na nossa inserção neste grupo que surgiu o interesse pelo estudo e tendo sido possível dialogar sobre a problemática da seca. Outro fator que facilitou nosso estudo foi o projeto de extensão no campo rural do NUCOM, na comunidade rural da Canafístula, o que favoreceu

nossa aproximação com os sujeitos participantes da pesquisa e com a própria comunidade. Na comunidade da Canafístula, encontramos receptividade, acolhimento e abertura para o diálogo de todos nossos entrevistados, o que facilitou o processo de vinculação. Minha identificação, como nordestina, filha e neta de agricultores rurais e pesquisadora, com a temática gerou um percurso enriquecedor e de elaboração de profundas reflexões pessoais e de práxis profissional.

Com esta pesquisa procuramos demonstrar que a vida no semiárido nordestino é muito mais do que o sofrimento decorrente da vivência em um ambiente marcado pela escassez da água e pelo fenômeno da seca, pois expressa uma população potencialmente forte e solidária, que luta, resiste e tem extrema alegria de viver. Acreditamos que é possível conviver com os sertões do semiárido nordestino, para isso é necessário encontrar formas sustentáveis e adaptáveis ao clima da região, compreender e respeitar os territórios dos povos do campo e das águas. Enfim, buscar formas criativas de bem viver e conviver do camponês e da natureza.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, R. **Paradigmas do capitalismo agrário em questão**. Campinas: Hucitec: ANPOCS, 1992.
- ALBUQUERQUE JR., D. M. **A Invenção do Nordeste e Outras Artes**. São Paulo: Cortez, 1999.
- ALBUQUERQUE, F. J. B. Psicologia Social e formas de vida rural no Brasil. **Psicologia: teoria e pesquisa**, Brasília, DF, n. 1, v. 18, p. 37-42, 2002.
- ALKIRE, S. Why the Capability Approach? **Journal of Human Development**, London, v. 6, n. 1, p. 115-134, 2005.
- ALVES, E. S.; FRANCISCO, A. L. Ação psicológica em saúde mental: uma abordagem psicossocial. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 4, p. 768-779, 2009.
- ALVES, H.; ESCOREL, S. Processos de exclusão social e iniquidades em saúde: um estudo de caso a partir do Programa Bolsa Família, Brasil. **Rev. Panam. Salud Publica**, Washington, DC, v. 34, n. 6, p. 429-436, 2013.
- ANDRADE, M. C. **A seca: realidade e mito**. Recife: Asa, 1985.
- ARAÚJO, N. N.; NEPOMUCENO, R. R. S.; FIGUEIRÓ, R.; MELLO, L. Mulheres e psicotrópico: subjetivação e resistência em trabalhadoras rurais assentadas. In: LEITE, J.F., DIMENSTEIN, M. (Org.). **Psicologia e contextos rurais**. Natal: EDUFRN, 2013. p. 273-301.
- ARTICULAÇÃO NO SEMI-ÁRIDO BRASILEIRO - ASA. **Caminhos para a convivência com o Semiárido**. 5. ed. Recife, 2009.
- ASSARÉ, Patativa. A triste partida. Interprete: Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. **A triste partida**. Rio de Janeiro: RCA Records Label, 1998. 1 CD, faixa 1.
- AVILA, R. P.; BAGOLIN, I. P.; COMIM, F. V. Heterogeneidades Individuais versus Intensidade da Pobreza em Porto Alegre – RS. **Economia**, Brasília, DF, v. 13, n. 2, 447-463, 2012.
- BACCHIN, Marchelmo. Seca no semiárido brasileiro deve se agravar nos próximos anos. [S.l.], 13 set. 2013. Blog: noticiajato.com.br. Disponível em: <<http://noticiajato.com.br/seca-no-semiarido-brasileiro-deve-se-agravar-nos-proximos-anos/>>. Acesso em: 2 mar 2014.
- BAPTISTA, N. Q.; CAMPOS, C. H. A convivência com o Semiárido e suas potencialidades. In: CONTI, I.L.; SCHROEDER, E.O. (Org.). **Convivência com o semiárido brasileiro: autonomia e protagonismo social**. Brasília – DF: IABS, 2013. p. 51-58.
- BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. 4. ed. Lisboa: Edições 70, 2010.

BATISTELLA, C. Abordagem Contemporânea do Conceito de Saúde. In: FONSECA, A.F. (Org.). **O território e o processo saúde-doença**. Organizado por Angélica Ferreira Fonseca e Ana Maria D'Andrea Corbo. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007. p. 51-86.

BLANCO, A.; DIÁZ, D. El rostro bifronte del fatalismo: fatalismo colectivista y fatalismo individualista. **Psicothema**, Madri, v. 19, n. 4, p. 552-558, 2007.

BRANDEMBURG, A. Do rural tradicional ao rural socioambiental. **Ambiente & Sociedade**, Campinas, v. 13, p. 417-428, jul./dez. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/asoc/v13n2/v13n2a13.pdf>>. Acesso em: 19 jan. 2014.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF: Senado, 1988.

BRASIL. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990: [Lei Orgânica da Saúde]. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, p. 18.055, 20 set. 1990. Disponível em: <<http://portal.saude.gov.br/portal/arquivos/pdf/lei8080.pdf>>. Acesso em: 19 maio 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. **Plano Setorial da Saúde para Mitigação e Adaptação à Mudança do Clima**. Brasília, DF, 2013b. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/images/arquivo/80076/Saude.pdf>>. Acesso em: 31 mar. 2013.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. **Política Nacional de Promoção da Saúde**. Brasília, DF, 2006.

BRASIL. Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. **Bolsa Família e aumento do salário mínimo contribuíram para diminuir pobreza**. Brasília, DF, 2012. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br/saladeimprensa/noticias/2012/julho/bolsa-familia-e-aumento-do-salario-minimo-contribuiram-para-diminuir-pobreza>>. Acesso em: 25 nov. 2013.

BRASIL. **Observatório de enfrentamento à seca**. Brasília, DF, 2013a. Disponível em: <<http://www.brasil.gov.br/observatoriodaseca/index.html>>. Acesso em: 30 maio 2013.

BRASIL. **Política de promoção da equidade em saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BRASIL. **Política Nacional de Saúde integral das Populações do Campo e da Floresta (PNSIPCF)**. Brasília, DF, 2011.

BROWN, C. Seco a seca. Interprete: Marisa Monte. In: MONTE, Marisa. **Verde, anil, amarelo, cor de rosa e carvão**. Rio de Janeiro: Phonomotor Records/EMI, 1994. 1 CD, faixa 4.

BRUMER, A. A problemática dos jovens rurais na pós-modernidade. In: CARNEIRO, Maria José; CASTRO, Elisa Guaraná de. **Juventude rural em perspectiva**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p. 35-51.

BUARQUE, C. Funeral de um lavrador. Interprete: Chico Buarque. *In*: BUARQUE, C. **Chico Buarque de Hollanda – Vol. 3**. São Paulo: RGE, 1968. 1 CD, faixa 11.

BUSS, P. M. Promoção da Saúde da Família. **Revista Brasileira de Saúde da Família**, Brasília, DF, ano 2, n. 6, p. 50-63, dez. 2002.

CARVALHO, A. M. A.; PEDROSA, M. I.; AMORIM, K. S. Retomando o debate qualidade x quantidade: uma reflexão a partir de experiências de pesquisa. **Temas em Psicologia**, Local, v. 14, n. 1, p. 57-62, 2006.

CARVALHO, O. **A economia política do Nordeste**: seca, irrigação e desenvolvimento. Rio de Janeiro: Campus: ABID, 1988.

CARVALHO, O. As secas e seus impactos. *In*: BRASIL. Centro de Gestão e Estudos Estratégicos. **A questão da água no Nordeste**. Brasília, DF: CGEE, 2012. p. 45-99.

CASTRO, I. E. **O mito da necessidade**: discurso e prática do regionalismo nordestino. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.

CASTRO, J. **Geografia da fome**: o dilema: pão ou aço. Rio de Janeiro: Edições Antares, 1984.

CASTRO, J. **Sete palmos de terra e um caixão**: ensaio sobre o Nordeste, área explosiva. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1967.

CATÃO, M. F. O ser humano e problemas sociais: questões de intervenção. **Temas Psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 2, dez. 2011. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2011000200009&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 28 fev. 2014

CEARA. Assembleia Legislativa. Comissão Especial Para Acompanhar a Problemática da Seca e as Perspectivas de Chuva no Estado do Ceará. **Que venham as providências!** Relatório final de atividades. Relator, Welington Landim. Fortaleza: INESP, 2013.

CÉSAR, C.; MATA, V. A força que nunca seca. Interprete: Maria Bethânia. *In*: BETHÂNIA, Maria. **A força que nunca seca**. Rio de Janeiro: Sony, 1999. 1 CD, faixa 2.

CIDADE, E. C.; MOURA JR., J. F.; XIMENES, V. M. Implicações psicológicas da pobreza na vida do povo Latino-Americano. **Psicol. Argum.** Curitiba, v. 30, n. 68, p. 87-98, 2012.

CIDADE, E.C. **Juventude em condições de pobreza**: modos de vida e fatalismo. 2012. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CIRILO, J. A.; MONTENEGRO, S. M. G. L.; CAMPOS, J. N. B. **A questão da água no semiárido brasileiro**. [S.l.], 2007. Disponível em: <www.abc.org.br/IMG/pdf/doc-811.pdf>. Acesso em: 28 nov. 2014.

COMISSÃO NACIONAL SOBRE DETERMINANTES SOCIAIS DA SAÚDE. **As causas sociais das iniquidades em saúde no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.

CONFALONIERI, U. E. C. Mudança climática global e saúde humana no Brasil. **Parcerias Estratégicas**, Brasília, DF, n. 27, 2008.

CONFALONIERI, U. E. C.; MARINHO, D. Mudança climática global e saúde: perspectivas para o Brasil. **Multiciência**, São Paulo, n. 8, p. 49-64, 2007.

CONFALONIERI, U. E. C. Clima e Saúde Pública. *In*: II CURSO de Ecologia e Ciclo do Carbono. Brasília, DF, 2002.

CONSELHO NACIONAL DE SECRETÁRIOS DE SAÚDE. **Carta do Nordeste é entregue ao Ministro da Saúde, publicada em 26/04/2013**. Brasília, DF, 2013. Disponível em: <http://www.conass.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=2365:carta-do-nordeste-e-entregue-ao-ministro-da-saude&catid=3:noticias&Itemid=12>. Acesso em: 28 maio 2013.

COSTA, A. M.; WAQUIL, P. D. O empobrecimento e a vulnerabilização da população rural em situações de seca: o caso de Santo Cristo, RS. *In*: ENCONTRO DE ECONOMIA GAÚCHA, 4., 2008. Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre, 2008. p 1-30.

CRUZ NETO, O.; MOREIRA, M. R.; SUCENA, L. F. M. Grupos focais e pesquisa social qualitativa: o debate orientado como técnica de investigação. *In*: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 13., ABEP, 2002, Ouro Preto. **Anais...** Ouro Peto, 2002. Disponível em: <http://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=1&ved=0CDQQFjAA&url=http%3A%2F%2Fempreendetch.e.unisc.br%2Fportal%2Fupload%2Fcom_arquivo%2Fgrupos_focais_e_pesquisa_social_qualitativa_o_debate_orientado_como_tecnica_de_investigacao.pdf&ei=qmFaU6nQKIK_sQTe04HgAg&usq=AFQjCNFYpSdfdeA3aEpJ2IFdZrD4Ilc02g&sig2=Ph7z_Mmp1zHWaYwQf-mKiw>. Acesso em: 25 abr. 2014.

CRUZ, M. M. Concepção de saúde-doença e o cuidado em saúde. *In*: GONDIM, Roberta; GRABOIS, Victor; MENDES, Walter **Qualificação de gestores do SUS**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EAD/Ensp, 2011. p. 21-33.

DAHLGREN, G.; WHITEHEAD, M. **Policies and strategies to promote social equity in health**. Stockholm: Institute for Futures Studies, 1991.

DEMO, P. **Metodologia do conhecimento científico**. São Paulo: Atlas, 2000.

DIAS, E.C. Condições de vida, trabalho, saúde e doença dos trabalhadores rurais no Brasil. *In*: PINHEIRO, T. M. M. **A saúde do trabalhador rural**. Brasília, DF: RENAST, 2006. Disponível em: <<http://www.luzimarteixeira.com.br/wp-content/uploads/2009/11/saude-trabalhador-rural.pdf>>. Acesso em: 1 mar. 2014.

DOMINGUES, E. Vinte anos do MST: a psicologia nesta história. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 13, p. 573-582, set./dez. 2007.

DUARTE, R. **A seca nordestinha de 1998-1999**: da crise econômica a calamidade social. Recife: Sudene, 1999.

EDMILSON, José. **As sequelas da seca pede urgência em toda região**. Tupanatinga, 28 fev. 2013. Blog: <http://portaltupan2012.blogspot.com.br/>. Disponível em: <http://portaltupan2012.blogspot.com.br/2013/02/as-sequelas-da-seca-pede-urgencia-em.html>. Acesso em: 2 mar. 2014.

ELLIS, F.; BIGGS, S. Evolving themes in rural development 1950s-2000s. **Development Policy Review**, Oxford, v. 4, n. 19, p. 437-448, 2001.

EMPRESA BRASIL DE COMUNICAÇÃO. **Seca no Nordeste**: prossegue, provocando perda de 87% na safra de grãos do Ceará. 26 jul. 2012. Blog: blogbahiageral.com.br. Disponível em: <http://www.blogbahiageral.com.br/site/geral/nacional/2012/07/seca-no-nordeste-prossegue-provocando-perda-de-87-na-safra-de-graos-do-ceara-seca>. Acesso em: 2 mar. 2014.

FARIAS, V. Veja margarida. Interprete: Elba Ramalho. *In*: RAMALHO, Elba. **Capim do Vale**. Local: Gravadora CBS/Epic, 1980. 1 CD, faixa 12.

FAVARETO, A. **Paradigmas do desenvolvimento rural em questão**: do agrário ao territorial. 2006. Tese (Doutorado) – Procam, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/90/90131/tde-24042008-113514/pt-br.php> Acesso em: 18 jan. 2014

FAVERO, E. **O impacto psicossocial das secas em agricultores familiares do Rio Grande do Sul**: um estudo na perspectiva da Psicologia dos Desastres. 2012. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2012. Disponível em: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/55063/000856224.pdf?sequence=1>. Acesso em: 10 abr. 2013.

FERNANDES, L. L. **Gestão do conhecimento em projetos de extensão universitária direcionados às pessoas com deficiência**. 2009. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Engenharia e Gestão do Conhecimento, Universidade Federal de Santa Catarina, Centro Tecnológico, Florianópolis, 2009. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/106656>. Acesso em: 6 out. 2014.

FERREIRA, K. P. M.; BONFIM, Z. A. C. Juventude no semiárido nordestino: caminhos e descaminhos da emigração. *In*: LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. **Psicologia e contextos rurais**. Natal: EDUFRN, 2013. p. 90-116.

FISCHER, I. R.; ALBUQUERQUE, L. **A mulher e a emergência da seca no Nordeste do Brasil**. [S.l.], 2002. Disponível em: http://www.fundaj.gov.br/geral/nesa/mulher_politica.pdf. Acesso em: 20 maio 2013.

FUNDAÇÃO CEARENSE DE METEOROLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS. **Estação chuvosa de 2012 no Ceará é marcada pela irregularidade**. [S.l.], 2012. Disponível em: <http://www.Funceme.br/index.php/listanoticias/252-estacao-chuvosa-de-2012-no-ceara-e-marcada-pela-irregularidade>. Acesso em: 18 jun. 2013.

FUNDAÇÃO CEARENSE DE METEOROLOGIA E RECURSOS HÍDRICOS. **Seca no Ceará vai piorar, afirma Funceme**. [S.l.], 2014. Disponível em:

<<http://tribunadoceara.uol.com.br/videos/jornal-jangadeiro-2a-edicao/seca-ceara-vai-piorar-afirma-funceme/>>. Acesso em: 15 set. 2014.

FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ. **Inventário de dados sobre eventos climáticos extremos: IV Oficina do Observatório sobre Clima e Saúde**. [S.l.], 2011. Disponível em: <http://www.climasaude.iciet.fiocruz.br/temas/relatorio_extremos.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2013.

FURTADO, C. **Seca e poder**: entrevista com Celso Furtado. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 1998. Entrevista concedida a Maria da Conceição Tavares, Manoel Correia de Andrade e Raimundo Pereira.

GEHLEN, I.; SILVA, M. B.; SANTOS, S. R. (Org.). **Diversidade e proteção social**: estudos quanti-qualitativos das populações de Porto Alegre. Porto Alegre: Centhry, 2008. Disponível em: <http://lproweb.procempa.com.br/pmpa/prefpoa/fasc/usu_doc/relatoriofinal2.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2014.

GÓIS, C. W. L. **Psicologia comunitária**: atividade e consciência. Fortaleza: Instituto Paulo Freire, 2005.

GÓIS, C. W. **Saúde comunitária**: pensar e fazer. São Paulo: Hucitec, 2008.

GOMES, M. C. **Canafístula**: vida e esperança no sertão nordestino - Estudo sobre a experiência de desenvolvimento local na organização socioeconômica do povoado de Canafístula, Apuiarés/CE. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Políticas públicas e sociedade) – Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2010.

GONÇALVES, D. M.; STEIN, A. T.; KAPCZINSKI, F. Avaliação de desempenho do Self-Reporting Questionnaire como instrumento de rastreamento psiquiátrico: um estudo comparativo com o Structured Clinical Interview for DSM-IV-TR. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 24, n. 2, p. 380-390, 2008. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v24n2/16.pdf>>. Acesso em: 23 dez. 2013.

GONZAGA, L.; DANTAS, Z. Vozes da seca. Interprete: Luiz Gonzaga e Raimundo Fagner. In: GONZAGA, Luiz; FAGNER, Raimundo. **Gonzagão & Fagner 2**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1988. 1 Disco, lado B, faixa 48.

GONZAGA, L.; TEIXEIRA, H. Asa branca. Interprete: Luiz Gonzaga. In: GONZAGA, Luiz. **Vou pra roça**. Rio de Janeiro: RCA Victor, 1947. 1 Disco, lado B.

GUZZO, R. S. L.; LACERDA JR., F. Fortalecimento em tempo de sofrimento: reflexões sobre o trabalho do psicólogo e a realidade brasileira. **Revista Interamericana de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 41, n. 2, p. 231-240, 2007.

HACKBART, R. A atualidade do Estatuto da Terra. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 29 nov. 2004. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/opiniao/fz2911200409.htm>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

HELFAND, S.; PEREIRA, V. Determinantes da pobreza rural e implicações para as políticas públicas no Brasil. Em: Miranda, C., Tibúrcio, B. (Org.). **A nova cara da pobreza rural: desafios para as políticas públicas**. Brasília, DF: IICA, 2012. p. 121-159

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo agropecuário 2006**. Rio de Janeiro, 2009.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Censo demográfico 2010**. Brasília, DF: Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, 2011.

INSTITUTO DE PESQUISA E ESTATÍSTICA ECONÔMICA DO CEARÁ. **Perfil básico municipal 2013 Apuiarés**. Fortaleza, 2013. Disponível em: <http://www.ipece.ce.gov.br/publicacoes/perfil_basico/pbm-2013/Apuiares.pdf>. Acesso em: 13 abr. 2014.

INTERGOVERNMENTAL PANEL IN CLIMATE CHANGE. **Climate change 2001: impacts, adaptation and vulnerability**. Genebra, 2001.

JUSTO, J. S.; VASCONCELOS, M. S. Pensando a fotografia na pesquisa qualitativa em psicologia. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, ano 9, n. 3, p. 760-774, 2009.

KHAN, A. S.; CRUZ, J. A. N.; SILVA, L. M. R.; LIMA, P. V. P. Efeitos da Seca sobre a Produção, a renda e o emprego agrícola na microrregião geográfica de brejo santo e no Estado do Ceará. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 36, n. 2, p. 242-262, 2005.

KLIKSBERG, B. **América Latina: uma região de risco – pobreza, desigualdade e institucionalidade social**. Brasília: UNESCO, 2002.

LEITE, J. F.; DIMENSTEIN, M. **Psicologia e contextos rurais**. Natal: EDUFRN, 2013.

LEVIGARD, Y. E.; ROZEMBERG, B. A interpretação dos profissionais de saúde acerca das queixas de "nervos" no meio rural: uma aproximação ao problema das intoxicações por agrotóxicos. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 6, p. 1.515-1.524, 2004.

MALUF, R.; MATTEI, L. Elementos para construção de uma agenda de políticas públicas para o enfrentamento da pobreza rural. In: MIRANDA, C.; TIBURCIO, B. (Org.). **Pobreza rural: concepções, determinantes e proposições para a construção de uma agenda de políticas públicas**. Brasília, DF: IICA, 2011. p. 15-26. (Série Desenvolvimento Rural Sustentável).

MALVEZZI, R. **Semi-árido: uma visão holística**. Brasília, DF: CONFEA, 2007.

MANÇANO, F. B. Brasil: 500 anos de luta pela terra. **Revista da Associação Brasileira de Reforma Agrária - ABRA**, v. 29, n. 1, p. 1-12, mar. 1999. Disponível em: <<file:///C:/Users/Carla%20Eve/Downloads/ano28e29.pdf>>. Acesso em: 10 fev. 2014.

MAPA do Ceará. 2014. Disponível em: <<https://www.google.com.br/maps/place/Apuiar%C3%A9s,+CE/@-3.855081,-40.8580401,8z/data=!4m2!3m1!1s0x7bf81c3bff864ad:0xdc45fbde0f928019>>. Acesso em: 20 set. 2014.

- MARENGO, J. A. Mudanças climáticas, condições meteorológicas extremas e eventos climáticos no Brasil, p. 4- 19. *In*: FUNDAÇÃO BRASILEIRA PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL (Org). **Mudanças climáticas e eventos extremos no Brasil**. Rio de Janeiro: Lloyd's, 2010. p. 1-76. Disponível em: <<http://fbds.org.br/fbds/IMG/pdf/doc-644.pdf>>. Acesso em: 26 out. 2013.
- MARI, J. J.; WILLIAMS, P. A validity study of a psychiatric screening questionnaire (SRQ-20) in primary care in the city of São Paulo. **Br. J. Psychiatry**, Londres, v. 148, p. 23-26, 1986.
- MARQUES, M. I. M. A atualidade do uso do conceito camponês. **Revista Nera**, Presidente Prudente, ano 11, n. 12, p. 57-67, jan./jun. 2008.
- MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1986.
- MARTÍN-BARÓ, I. **Psicología de la liberación**. Madrid: Editorial Trotta, 1998.
- MATOS, M.P.S.R. Famílias desagregadas sobre a terra ressequida: indústria da seca e os deslocamentos familiares no Nordeste do Brasil. **Nômadias**: revista crítica de ciências sociais y jurídicas, Madri, n. esp., p. 1-32, 2012.
- McMICHAEL, A. J. Drought, drying and mental health: lessons from recent experiences for future risk-lesening policies. **The Australian Journal of Rural Health**, New Jersey, v.19, p. 227-228, 2011.
- MINAYO, M. C. S. Enfoque ecossistêmico de saúde e qualidade de vida. *In*: MINAYO, M. C. S.; MIRANDA, A. C. de. **Saúde e ambiente sustentável**: estreitando nós. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2002. p. 173-189.
- MINAYO, M. C.; SANCHES, O. Quantitativo-qualitativo: oposição ou complementaridade? **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 3, p. 239-262, jul./set. 1993. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csp/v9n3/02.pdf>>. Acesso em: 22 mar. 2014.
- MINAYO, M.C.S. Trabalho de campo: contexto de observação, interação e descoberta. *In*: MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F.; GOMES, R. (Org.). **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 25. ed. Petrópolis: Vozes, 2009. p. 61-77.
- MOREIRA, J. K. P.; BANDEIRA, M.; CARDOSO, C. S.; SCALON, J. D. Prevalência de transtornos mentais comuns e fatores associados em uma população assistida por equipes do Programa Saúde da Família. **J. bras. Psiquiatr.**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 3, p. 221-226, 2011.
- MOURA, Cristiano. **Previsão aponta para mais um ano de seca no Nordeste**. Cajazeiras, 28 jan. 2014. Disponível em: <<http://coisasdecajazeiras.com.br/?p=3848>>. Acesso em: 25 fev. 2014.

NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL - ONUBR. **Pior seca dos últimos 50 anos no nordeste brasileiro confirma estatísticas da ONU sobre escassez.** Brasília, DF, 2013. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/pior-seca-dos-ultimos-50-anos-no-nordeste-brasileiro-confirma-estatisticas-da-onu-sobre-escassez/>>. Acesso em: 16 set. 2013.

NASCIMENTO, C. A. A pluriatividade das famílias rurais no Nordeste e no Sul do Brasil: pobreza rural e políticas públicas. **Rev. Economia e Sociedade**, Campinas, v. 8, n. 2, p. 317-348, ago. 2009.

NEPOMUCENO, L. B.; PINHEIRO, A. A. A. Elementos psicossociais para compreender o Nordeste. **Revista de Psicologia**, Fortaleza, v. 1 n. 1, p. 85-104, jan./jun. 2010.

NEPOMUCENO, L. B.; XIMENES, V. M.; MOREIRA, A. E. M. M.; NEPOMUCENO, B. B. Participação social em saúde: contribuições da psicologia comunitária. **Psico**, Porto Alegre, v. 44, n. 1, p. 45-54, jan./mar. 2013. Disponível em: <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/10102/8847>>. Acesso em: 15 maio 2014.

NOBRE, M. C. Q. Cercas e secas na história do Ceará: expressões da “questão social”. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISADORES EM SERVIÇO SOCIAL, 12, 2010, Fortaleza. **Anais...** Fortaleza, 2010.

NOBRE, M.; SILIPRANDI, E.; QUINTELA, S.; MENASCHE, R. **Gênero e agricultura familiar**. São Paulo: SOF, 1998.

OLIVEIRA, A.U. **A geografia das lutas no campo**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DE SAÚDE. **Mudança climática e saúde: um perfil do Brasil**. Brasília, DF, Organização Pan-Americana da Saúde, 2009.

PAZ, Jailson. **Animais morrem vítimas da seca**. Recife, 15 maio 2012. Blog: diariodepernambuco.com.br/meioambiente/. Disponível em: <<http://blogs.diariodepernambuco.com.br/meioambiente/2012/05/animais-morrem-vitimas-da-seca/>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

PICOLOTTO, V. C. **Pobreza e desenvolvimento sob os paradigmas da renda e das capacitações: uma aplicação para a grande Porto Alegre através dos indicadores fuzzy**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

PIGNATTI, M. G.; CASTRO, S. P. A fragilidade/resistência da vida humana em comunidades rurais do Pantanal Mato-Grossense (MT, Brasil). **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, suppl.2, p. 3221-3232, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s2/a27v15s2.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

POCHMANN, M. “Juventude em busca de novos caminhos no Brasil”. In: NOVAES, R.; VANNUCHI, P. **Juventude e sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004. p. 217-241.

POLAIN, J. D.; BERRY, H. L.; HOSKIN, J. O. Rapid change, climate adversity and the next 'big dry': Older farmers' mental health. **The Australian Journal of Rural Health**, New Jersey, v. 19, p. 239-243, 2011.

PRODUTORES afetados pela seca no Nordeste receberam valor superior a R\$ 3,4 bilhões de crédito especial. **Alagoas em Tempo Real**, Maceió, 15 jan. 2014. Disponível em: <<http://www.alagoastempo.com.br/noticia/50003/agricultura/2014/01/15/produtores-afetados-pela-seca-no-nordeste-receberam-valor-superior-a-r-34-bilhoes-de-credito-especial.html>>. Acesso em: 25 set. 2014.

PROGRAMA DAS NAÇÕES UNIDAS PARA O DESENVOLVIMENTO. **Indicador do RDH avalia novas dimensões da pobreza mundial**. Brasília, DF, 2010. Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/noticias/impressao.php?id01=3597>>. Acesso em: 17 mar. 2013.

QUIRINO, J. Secas de março. Interprete: Jessier Quirino. In: QUIRINO, Jessier. **Prosa morena**. Recife: Bagaço, 2001. 1CD, faixa 11.

RAMOS, José de Oliveira. Seus minino, pare de robá nós! **Jornal da Besta Fubana**, [s.l.], 24 ago. 2014. Disponível em: <<http://www.luizberto.com/enxugandogelo-jose-de-oliveira-ramos/seus-minino-pare-de-roba-nois>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

REGO, W. L.; PINZANI, A. **Vozes do Bolsa Família**: autonomia, dinheiro e cidadania. São Paulo: Unesp, 2013.

REIS, D. S. O rural e o urbano no Brasil. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 15., 2006, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP, 2006. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2006/docspdf/ABEP2006_777.pdf>. Acesso em: 19 jan. 2014.

RIBEIRO, W. R. Seca e determinismo: a gênese do discurso do semiárido nordestino. **Anuário do Instituto de Geociências**. UFRJ, Rio de Janeiro, v. 22, p. 60-91, 1999.

RIGOTTO, R. M.; AUGUSTO, L. G. S. Saúde e ambiente no Brasil: desenvolvimento, território e iniquidade social. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 23, supl. 4, p. S475-S501, 2007.

ROCHA, S. **Transferências de renda**: o fim da pobreza. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

RODRÍGUEZ, F. Entre la clínica y la cultura: psicoterapia con pacientes en condiciones de pobreza y exclusión. In: GÓMEZ, A. E. H. (Coord.). **Sujeitos políticos y acción comunitaria**: claves para una praxis de la psicología social y de la clínica social-comunitaria em América Latina. Medellín: UPB, 2009.

ROSA, W. J. O campesinato como modo de vida. Revista Trilhas da História. **Três Lagoas**, v. 1, n. 2, p. 98-107, jan./jun. 2012.

ROUQUAYROL, M. Z. **Epidemiologia e saúde**. Rio de Janeiro: Medsi, 1993.

SACHS, I. **Caminhos para o desenvolvimento sustentável**. 3. ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SAKAMOTO, Leonardo. **O problema da seca no Nordeste não é falta de água**. São Paulo, 25 abr. 2012. <http://envolverde.com.br>. Disponível em: <<http://envolverde.com.br/noticias/o-problema-da-seca-no-nordeste-nao-e-falta-de-agua/>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

SALES, C. M. V. Gênero e geração no âmbito dos assentamentos rurais e de reforma agrária. In: SALES *et al.* (Org.). **Terra, sujeitos e condição agrária**. Fortaleza: Imprensa Universitária, 2007. p. 79-100.

SANTOS, E.; MATOS, H.; ALVARENGA, J.; SALES, M. C. L. A seca no nordeste no ano de 2012: relato sobre a estiagem na região e o exemplo de prática de convivência com o semiárido no distrito de Iguaçu/Canindé-CE. **Revista Geonorte**, Manaus, v. 1, n. 5, p. 819-830, 2012.

SANTOS, K. O. B.; ARAUJO, T. M.; OLIVEIRA, N. F. Estrutura fatorial e consistência interna do Self-Reporting Questionnaire (SRQ-20) em população urbana. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 25, n.1, p. 214-222, 2009. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/csp/v25n1/_23.pdf>. Acesso em: 24 abr. 2014.

SANTOS, O.B.S. **Estresse ocupacional e saúde mental**: desempenho de instrumento de avaliação em populações de trabalhadores na Bahia, Brasil. 2006. Dissertação (Mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana, Feira de Santana, 2006.

SAWAIA, B. B. O sofrimento ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In: SAWAIA, B. B. (Org.). **As artimanhas da exclusão**: uma análise ético-psicossocial da desigualdade. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 2005. p. 97-119.

SCOPINHO, R. A. Condições de vida e saúde do trabalhador em assentamento rural. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 15, supl. 1, p. 1575-1584, 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v15s1/069.pdf>>. Acesso em: 1 dez. 2013.

SECA mobiliza gestores públicos em todo o Nordeste por ações da União. Iguatu, 14 maio 2013. Blog: iguatu.net. Disponível em: <<http://iguatu.net/novo/wordpress/?p=173462>>. Acesso em: 5 mar. 2014.

SECA no Brasil. In: WIKIPÉDIA, a enciclopédia livre, [s.l.], 2014. Disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Seca_no_Brasil>. Acesso em: 2 mar 2014.

SEIXAS, S. R. C.; HOEFFEL, J. L. M.; RENK, M.; VIEIRA, S. A.; MELLO, L. F. Mudanças ambientais globais, vulnerabilidade de risco: impactos na subjetividade em Caraguatatuba, litoral norte paulista. **Revista Vitas**, São Paulo, n. 1, p. 1-28, set. 2011.

SEN, A. K. **Desenvolvimento como liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

SEN, Amartya. ¿Por qué la equidad en salud? **Rev. Panam. Salud Publica**, Washington, DC, v. 11, n. 5-6, p. 302-309, 2002. Disponível em: <<http://www.scielosp.org/pdf/rpsp/v11n5-6/10715.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2014.

SERAPIONI, M. Métodos qualitativos e quantitativos na pesquisa social em saúde: algumas estratégias para a integração. **Ciênc. Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 1, p. 187-192, 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/csc/v5n1/7089.pdf>>. Acesso em: 17 abr. 2014.

SILVA, M. G. G.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. Gênero, trabalho rural e saúde mental entre trabalhadoras rurais assentadas na região do Mato Grande Potiguar. *In*: DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. (Org.). **Psicologia em pesquisa: cenários de práticas e criações**. Natal: EDUFRN, 2014. p. 229-248.

SILVA, M. S. **A história de nossas raízes: itinerário das lutas dos trabalhadores rurais no Brasil e o surgimento do sindicalismo rural**. Brasília: ENFOC, 2006. 19 p. Disponível em: <<http://www.enfoc.org.br/web/arquivos/documento/67/Historia-das-nossas-raizes-itinerario-das-lutas-dos-trabalhadores--socorro-silva---2006.pdf>>. Acesso em: 17 mar. 2014.

SILVA, R. M. A. Entre o combate à seca e a convivência com o semi-árido: políticas públicas e transição paradigmática. **Revista Econômica do Nordeste**, Fortaleza, v. 38, n. 3, p. 466-485, jul./set. 2007. Disponível em: <http://www.bnb.gov.br/projwebren/exec/artigoRenPDF.aspx?cd_artigo_ren=1042>. Acesso em: 23 jul. 2013.

SILVA, V.; DIMENSTEIN, M.; LEITE, J. F. O cuidado em saúde mental em zonas rurais. **Mental**, Barbacena, v. 10, n. 19, p. 267-285, 2013.

SOUSA, M. S. R. **Imaginário social de semi-árido e o processo de construção de saberes ambientais: o caso do município de Coronel José Dias**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2005.

SOUZA, S. F. **Trabalho e saúde mental dos trabalhadores de manutenção de um sistema de geração e transmissão de energia elétrica**. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2009. Disponível em: <<http://www.sat.ufba.br/site/db/dissertacoes/872009121112.pdf>>. Acesso em: 12 jan. 2014.

TAVARES, M. F. L.; ZANCAN, L.; CARVALHO, A. I.; ROCHA, R. M. Promoção da saúde como política e a Política Nacional de Promoção da Saúde. *In*: GONDIM, Roberta; GRABOIS, Victor; MENDES, Walter (Org.). **Qualificação de gestores do SUS**. 2. ed. rev. ampl. Rio de Janeiro: EAD/Ensp, 2011. p. 297-310.

TEIXEIRA, S. F. Paradigmas da reforma da seguridade social: liberal produtivista versus universal publicista. *In*: EIBENSCHUTZ, C. (Org.). **Política de saúde: o público e o privado**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1995. p. 69-91.

VASQUEZ, G. C. F. A psicologia na área rural: os assentamentos da reforma agrária e as mulheres assentadas. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, DF, v. 29, n. 4, p. 856-867, 2009. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=282021779015>>. Acesso em: 10 jan. 2014.

VIEIRA JR., A. O. O açoitado da seca: família e migração no Ceará (1780-1850). **Boletim de História Demográfica**, São Paulo, ano 10, n. 27, p. 1-16, jan. 2003.

WANDERLEY, M. N. B. A emergência de uma nova ruralidade nas sociedades modernas avançadas: o “rural” como espaço singular e ator coletivo. **Estudos Sociedade e Agricultura**, Rio de Janeiro, v. 15, p. 87-145, 2000.

WORLD HEALTH ORGANIZATION. **Strengthening mental health promotion**. Geneva, 2001.

XIMENES, V. M.; LOPES, E. L. L.; ALVES, M. I. M. S. Núcleo de Psicologia Comunitária e Programa de Educação em Células Cooperativas: um encontro amoroso entre projetos de cooperação universitária. *In*: XIMENES, V. M.; AMARAL, C. E. M.; REBOUÇAS JÚNIOR, F. G. **Psicologia comunitária e educação popular**: vivências de extensão/cooperação universitária no Ceará. Fortaleza: LC Gráfica e Editora, 2008. p. 1-2.

APÊNDICE A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (T.C.L.C.) PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

Entrevista

Você está sendo convidada/o a participar de uma pesquisa, cujo objetivo é analisar as implicações psicossociais da seca na saúde mental de moradores de uma comunidade rural cearense.

No caso específico de sua participação, a pesquisadora facilitará uma entrevista individual, onde serão apresentadas perguntas e você responderá de forma livre. A pesquisadora utilizará um roteiro de entrevista e um gravador para registrar as informações fornecidas por você. Não haverá identificação do seu nome das gravações. Não haverá, também, retorno financeiro pela sua participação, mas oferecemos como benefício o resultado desta pesquisa.

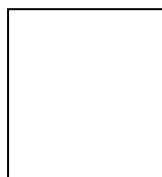
Com essas informações, gostaria de saber a sua aceitação em participar da pesquisa. É necessário esclarecer que: 1. A sua aceitação/autorização deverá ser de livre e espontânea vontade; 2. A identificação de todos os envolvidos será mantida em segredo; 3. Que você poderá desistir de participar a qualquer momento, sem qualquer prejuízo; 4. Será permitido o acesso às informações sobre procedimentos relacionados à pesquisa; 5. Não haverá riscos ou desconfortos causados pela pesquisa; e 6. Somente após devidamente esclarecido (a), ter entendido o que foi explicado e aceitado participar da pesquisa, deverá assinar este documento que será emitido em duas vias.

A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. Os procedimentos utilizados obedecem aos critérios da Ética na Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde. Nenhum dos procedimentos utilizados oferece riscos à dignidade dos participantes. Para mais informações sobre essas questões, você pode entrar em contato com o COMEPE (Comitê de Ética em Pesquisa), rua Coronel Nunes de Melo, 1127 Rodolfo Teófilo, Fortaleza/CE, Fone: (85) 33668344.

Em caso de dúvida, poderá comunicar-se com a pesquisadora Carla Evelline de Sousa Camurça e a orientadora Prof^a. Verônica Moraes Ximenes, no Departamento de Psicologia, Av. Universidade, 2762, Benfica, CEP: 60020-180, fone: (85) 99158152. Email: carlaevelline@hotmail.com.

_____, ____ de ____ de ____

Assinatura do sujeito da pesquisa
OU



Digital do sujeito da pesquisa

Carla Evelline de Sousa camurça
Assinatura da pesquisadora

ANEXO A – INSTRUMENTOS QUANTITATIVOS

Escala de Influências da Seca

FALANDO SOBRE A SITUAÇÃO DE DIFICULDADE ESPECIFICA DA SECA. GOSTARIA DE SABER:

	Não	Sim
1. Você ou sua família já passaram por alguma seca? (Se a resposta for Não, não responda as seguintes questões)	0	1
2. Sua família necessitou em algum momento modificar planos ou projetos em função de uma seca?	0	1
3. Sua família se encontrou em algum momento endividada como consequência da seca?	0	1

DOS SEGUINTE PROBLEMAS, QUAIS VOCÊ AFIRMARIA QUE SUA FAMÍLIA TENHA EXPERIMENTADO DEVIDO À OCORRÊNCIA DE UMA SECA.

	Não	Sim
4. Falta de água para consumo humano	0	1
5. Falta de água para consumo animal	0	1
6. Perdas na produção	0	1
7. Insegurança quanto ao futuro	0	1
8. Sentimentos de desânimo e tristeza	0	1
9. Dificuldades relacionadas ao sono	0	1
10. Saída do campo para a cidade de algum membro da família	0	1
11. Saída de algum membro da família da escola	0	1

Instrumento de Pobreza Multidimensional

Dados Gerais

01. Idade: _____

02. Gênero:

Masculino	Feminino
1	2

03. Bairro onde mora: _____

04. Qual seu estado civil?

Solteiro(a)	1
Casado(a) / mora com um(a) companheiro(a).	2
Separado(a) / divorciado(a) / desquitado(a).	3
Viúvo(a)	4

05. Você tem filhos?

Sim	Não
1	2

Se sim, Quantos? ____

06. Qual sua Religião?

Católica	1
Protestante ou Evangélica	2
Espírita	3
Umbanda ou Candomblé	4
Sem religião	5
Outra	6

07. Você frequenta reuniões de sua Igreja/ Paróquia/ Templo/Terreiro?

Sim	Não
1	2

08. Com quem você mora atualmente?

Com minha família.	1
Sozinho(a).	2
Com marido/companheiro ou esposa/companheira.	3
Em habitação coletiva (pensionato, república, etc.)	4

09. Ao todo, quantas pessoas moram com você?

Moro Só	Uma pessoa	Duas pessoas.	Três Pessoas	Quatro Pessoas	Cinco ou mais
1	2	3	4	5	6

10. Há, na sua família, algum beneficiário (ex: você, pai, mãe, irmãos) de algum Programa de Transferência de Renda (Ex. Bolsa-Família e outros)?

Sim	Não
1	2

EDUCAÇÃO

11. Você estudou?

Não estudou	1
Até 5 anos	2
Mais de 5 anos e menos de 8 anos	3
Mais de 8 anos e menos de 11	4
Mais de 12 anos	5

12. Alguém da sua família estudou mais de 5 anos?

Sim	Não
1	2

13. Existe na sua casa alguma criança, em idade escolar, que não está frequentando a escola?

Sim	Não
1	2

HABITAÇÃO

14. Na sua casa, existem quantos banheiros?

Nenhuma	Um	Dois	Três
1	2	3	4

15. Quantos cômodos existem na sua casa?

Um	Dois	Três	Quatro ou mais
1	2	3	4

16. De onde vem a água que é consumida na sua casa?

Encanada	1
Cisterna	2
Poço ou Cacimba	3
Açude, rio, riacho, córrego	4
Carro Pipa	5

17. Como é o piso da sua casa?

Terra	Areia	Cimento Batido	Cerâmica
1	2	3	4

18. Qual combustível que sua família usa para cozinhar?

Lenha	Carvão	Gás de Cozinha
1	2	3

19. A sua casa possui eletricidade?

Sim	Não
1	2

20. Qual o destino das fezes e urina?

Sistema de Esgoto	Fossa	Céu Aberto
1	2	3

21. A sua residência é:

Própria	Alugada	Cedida	Ocupação
1	2	3	4

22. Assinale quais dos recursos sua família possui e a quantidade:

1) Televisão	1	2	3	4	5	0
2) Telefone	1	2	3	4	5	0
3) Rádio	1	2	3	4	5	0
4) Bicicleta	1	2	3	4	5	0
5) Moto	1	2	3	4	5	0
6) Carro	1	2	3	4	5	0
7) Geladeira	1	2	3	4	5	0
8) Fogão	1	2	3	4	5	0
9) Computador	1	2	3	4	5	0

TRABALHO E RENDA

23. Atualmente, você está exercendo algum tipo de atividade remunerada?

Sim	Não
1	2

24. Qual o valor aproximado da sua renda pessoal por mês?

Até R\$ 70,00	De R\$ 70,00 a R\$ 155,00	De R\$ 155,00 a R\$ 311,00	Mais de R\$ 311,00
1	2	3	4

25. Qual o valor aproximado da sua renda familiar (somatório da sua renda com a renda das pessoas que moram com você)?

Até meio salário mínimo (R\$ 311,00)	1
Até 1 salário mínimo (R\$ 622,00)	2
De 1 a 2 salários mínimos (de R\$ 622,00 até R\$ 1.244,00)	3
De 2 a 5 salários mínimos (de R\$ 1.244,00 até R\$ 3.110,00)	4
Nenhuma renda	5

26. Você já precisou vender alguma coisa de dentro de casa para poder comer?

Sim	Não
1	2
1	2
1	2

27. Você já precisou pedir dinheiro para poder comer?

28. Você já precisou mandar algum filho ou outro familiar seu pedir dinheiro?

SAÚDE

29. Você consegue atendimento médico ou de outros profissionais da saúde quando precisa?

Nunca	Raramente	Frequentemente	Sempre
1	2	3	4

30. Você deixou de utilizar algum serviço de saúde por não ter dinheiro para pagar o transporte?

Sim	Não
1	2

31. Na sua casa alguma criança já morreu?

Sim	Não
1	2

32. Quantas refeições você faz por dia?

Nenhuma	Uma	Duas	Três ou Mais
1	2	3	4

33. Tem alguém na sua casa com desnutrição?

Sim	Não
1	2

34. Como você se considera?

Rico	Nem rico nem pobre	Pobre
1	2	3

Escala de Saúde Mental - Self Report Questionnaire (SRO-20)

NO ÚLTIMO MÊS, VOCÊ...

- 01. Tem dores de cabeça frequentes?**
- 02. Tem falta de apetite?**
- 03. Dorme mal?**
- 04. Assusta-se com facilidade?**
- 05. Tem tremores nas mãos?**
- 06. Sente-se nervoso (a), tenso (a) ou preocupado (a)?**
- 07. Tem má digestão?**
- 08. Tem dificuldades de pensar com clareza?**
- 09. Tem se sentido triste ultimamente?**
- 10. Tem chorado mais do que costume?**
- 11. Encontra dificuldades para realizar com satisfação suas atividades diárias?**
- 12. Tem dificuldades para tomar decisões?**
- 13. Tem dificuldades no serviço (seu trabalho é penoso, lhe causa sofrimento?)**
- 14. É incapaz de desempenhar um papel útil em sua vida?**
- 15. Tem perdido o interesse pelas coisas?**
- 16. Sente-se uma pessoa inútil, sem préstimo?**
- 17. Tem tido ideia de acabar com a vida?**
- 18. Sente-se cansado(a) o tempo todo?**
- 19. Cansa-se com facilidade?**
- 20. Têm sensações desagradáveis no estomago?**

[illegible]

ANEXO B – ROTEIRO DE TEMAS DA ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

1. Gostaria que você falasse um pouco sobre como é a vida de vocês (satisfação, saúde, educação, trabalho, segurança, lazer, políticas públicas);
2. O que é ter saúde para você? (noção de saúde / doença, espaços de cuidado);
3. Gostaria que você falasse um pouco sobre a Canafístula;
4. (como é viver aqui, a relação com os vizinhos, os familiares, os jovens, as crianças, os idosos, o sentimento de comunidade e pertencimento, falar sobre sua história com a Canafístula, desde quando está aqui?); os principais problemas da canafístula; como a canafístula passa por seus problemas.
5. Você pode falar um pouco sobre a seca? (o que é a seca, os problemas causados, o que ela causa, assistência do governo, fatalismo, religiosidade, a pobreza, a fome, a morte dos animais);
6. Qual a solução para a seca? Como você faz para melhorar a vida em período de seca? Onde procura ajuda/apoio? (enfrentamento, religião, políticas públicas)
7. Você pode falar sobre o problema da pobreza? (sentimento, desrespeito, vergonha, humilhação). Por que existe a pobreza? (fatalismo, sorte, destino, religião, locus interno). Você se considera pobre ou rico?
8. O que você espera para seu futuro? Daqui a 10 anos? (esperança, planos, visão).

ANEXO C – RECURSOS FOTOGRÁFICOS OFERTADOS PORÉM QUE NÃO FORAM ESCOLHIDOS

Figura – Escassez de água 1



Fonte: Seca... (2014).

Figura – Relação com os animais



Fonte: Paz (2012).

Figura – A busca pela água



Fonte: Seca... (2013).

Figura – A escassez de água 2



Fonte: Sakamoto (2014).

ANEXO D – PARECER NO. 191.508

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Impactos da pobreza no desenvolvimento da saúde comunitária: avaliação psicossocial das comunidades do Bom Jardim (Fortaleza) e da Canafístula (Apuiarés/Ceará)

Pesquisador: Veronica Morais Ximenes

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 07810512.3.0000.5054

Instituição Proponente: Departamento de Psicologia

Patrocinador Principal: Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico ((CNPq))

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 191.508

Data da Relatoria: 31/01/2013

Apresentação do Projeto:

O estudo da situação de pobreza contribui para a compreensão dos processos psicossociais que acontecem na vida de moradores e moradoras das comunidades pobres, objeto da Psicologia Comunitária e da Saúde Comunitária. Então as discussões sobre pobreza e psicologia propiciam o desenvolvimento de teorias e metodologias que auxiliem na melhoria de vida das pessoas que vivem em situação de pobreza. A concepção de pobreza está atrelada à deficiência na renda do sujeito e portadora de compreensões degradantes sobre o pobre, sem analisar a multidimensionalidade desse problema. O problema de pesquisa está na naturalização em que a pobreza se faz presente na realidade do Brasil e de outros países. A pesquisa tem como objetivos analisar como a pobreza está presente e se incorpora no desenvolvimento do psiquismo dos sujeitos, que vivem nessa situação, mediante seus sentimentos, pensamentos e ações, como também, avaliar as influências da pobreza na saúde das pessoas em situação de pobreza. A metodologia escolhida neste estudo está no campo da pesquisa qualitativa e quantitativa. Esses dois tipos de pesquisa possibilitam a complementaridade das informações obtidas por percursos metodológicos diferentes. A amplitude do tema permite esse desenho de pesquisa. Na pesquisa quantitativa será utilizado um questionário, construído com escalas e perguntas. Na pesquisa qualitativa, serão utilizados grupos focais e observação participante. Serão utilizados questionário e grupo focal para desenvolvimento

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ/ PROPEQ



da pesquisa nas comunidades do Bom Jardim (urbana) e Canafistula (rural) do Estado do Ceará. Participarão moradores/moradoras, maiores de 18 anos, dessas comunidades e que estão em situação de pobreza. Ao relacionar pobreza com saúde, encontramos que a maioria dos usuários dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS) está em situação de pobreza. A análise das influências da pobreza na saúde das pessoas deveria estar presente em vários diagnósticos de transtornos mentais, problema com uso de álcool, crack e outras drogas, diabetes, hipertensão e outra doenças. A pobreza pode ser considerada um dos Determinantes Sociais da Saúde (DSS).

Objetivo da Pesquisa:

1-Objetivo geral : analisar como a pobreza está presente e se incorpora no desenvolvimento do psiquismo dos sujeitos, que vivem nessa situação, mediante seus sentimentos, pensamentos e ações, como também, avaliar as influências da pobreza na saúde das pessoas em situação de pobreza.

2- Objetivos específicos: Identificar, a partir das pesquisas e publicações já efetivadas, as principais dimensões da pobreza que impactam no desenvolvimento humano; Identificar o nível do Índice de Pobreza Multidimensional (IPM) dos participantes da pesquisa; Descrever a realidade de pobreza dos participantes das comunidades urbana e rural; Conhecer os sentidos e significados dos participantes da pesquisa sobre a pobreza e as formas de sobrevivência com essa realidade e Avaliar os determinantes sociais da saúde a partir da realidade de pobreza dos participantes da pesquisa.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Benefícios: o estudo visa contribuir para a avaliação psicossocial de pessoas em situação de pobreza e colaborar na formulação de políticas públicas, que possibilitem melhoria de vida dessa população.

Riscos: como se trata de população em condição de vulnerabilidade (pobreza extrema), os sujeitos da pesquisa terão acompanhamento e suporte da equipe de pesquisa, formada por psicólogos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Trata-se de uma pesquisa de extrema relevância, que apresenta adequado embasamento teórico e cuja metodologia está devidamente alinhada com os objetivos traçados.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: apresenta-se devidamente preenchida;

Folha de anuência: apresentou folha de anuência de duas instituições

Ofício de apresentação: apresentado e devidamente preenchido

Orçamento: consta orçamento que inclui o valor do edital do CNPQ, que também é apresentado como anexo da pesquisa, e detalha acrescentando salário integral da pesquisadora.

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br

UNIVERSIDADE FEDERAL DO
CEARÁ/ PROPESQ



TCLE: apresentou devidamente dois TCLEs, um para o questionário e outro para o grupo Focal, redigidos em forma de convite, com linguagem acessível, constando contato (telefone) do pesquisador principal, periodicidade, tempo estimado de duração de cada encontro e local.

Instrumento: apresentou os instrumentos que serão utilizados na pesquisa para coleta de dados (questionário) e informações (roteiro de entrevista).

Recomendações:

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Todas as pendências foram devidamente atendidas: os reajustes solicitados foram feitos nos TCLEs do Grupo Focal e do Questionário e os Instrumentos da Pesquisa foram anexados (Roteiro do Grupo Focal e Questionário).

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

Considerações Finais a critério do CEP:

FORTALEZA, 31 de Janeiro de 2013

Assinador por:

FERNANDO ANTONIO FROTA BEZERRA
(Coordenador)

Endereço: Rua Cel. Nunes de Melo, 1127

Bairro: Rodolfo Teófilo

CEP: 60.430-270

UF: CE

Município: FORTALEZA

Telefone: (85)3366-8344

Fax: (85)3223-2903

E-mail: comepe@ufc.br